This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

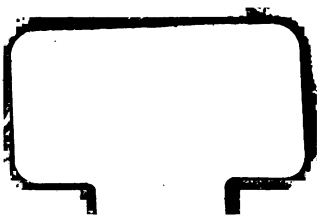
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`



Frota Pessôa

CRITICA E POLEMICA

A evolução literaria do Brasil—Novos e velhos—Os ephemeros—Os triumphadores — Eunuchos — Almas escravas — Academia de letras — Com ajuda de Lafontaine — Alberto de Oliveira— Medeiros e Albuquerque — O dr. Valentim Magalhães — Adolpho Caminha — Cruz e Souza —Nestor Victor — Gonzaga Duque — Silveira Netto—Eça de Queiroz.

RIO DE JANEIRO
EDITOR — Arthur Gurgulino
1902

PQ9514
P47

AO MEU PAI, a quem devo as bases da ninha cultura intellectual e a formação do neu caracter, que elle continuamente tem stimulado com o seu doutrinamento e os eus exemplos, consagro este livro.

Rio, 2 de Junho de 1901

728

De Frota Pessôa:

PSALMOS, sonetos—1898.

CRITICA E POLEMICA—1902.

PECCADOS MORTAES, contos (no prélo).

CRITICA E POLEMICA

A EVOLUÇÃO LITERARIA DO BRASIL

I

SECULOS XVI E XVII

As fontes—Nucleo pernambucano—Grupo bahiano—Gregorio de Mattos

Uma literatura de quatro seculos tanto póde apresentar documentos do desmedido progredimento intellectual de um povo, como revelar a sua inópia, a sua anemia cerebral e a tardança desoladora dos seus passos no acompanhar o movimento evolutivo do globo. Este ultimo caso é o nosso.

Fomos uns animados da boa fortuna. Encontrámos uma civilisação feita e fomos impotentes para aproveital-a e proseguir na larga róta que

ella desbravára. Em principio algemámo-nos ás tradicções e aos processos lusos, procurámos imitar e assimilar a Espanha e a Italia, até que resolvemos mudar definitivamente de senhor e nos acorrentámos á veneranda França, quando tantas outras nações possuiam uma literatura propria.

Até hoje o nosso andar tem-se medido cautelosamente pela marcha dos precursores. Indecisos e sem feição propria na primeira phase colonial, apenas nos surgiu um Gregorio de Mattos, sem continuadores, typo de um desiquilibrio morbido, producto da amalgama do seu meio, mas que, sem embargo de represental-o, estava em flagrante desaccordo com elle. Epicos com Basilio e Durão, arremedámos Camões, de quem aliás ficámos muito distanciados, por não termos tradicções a reviver, lyricos com Gonzaga, Alvarenga e Claudio, o nosso importado e exangue lyrismo ahi se confinou; classicos com Paranaguá e Pedra-Branca, andámos na retaguarda da escola, que aqui não era senão um effeito de imitação servil, romanticos com Porto-Alegre e Magalhães, nada nos ficou da escola que attestasse um esforço independente e uma contemplação original.

O indianismo, assomo errado de nacionalismo, frustrou-se rachitico, não indo além da formosa lyra de Gonçalves Dias e dos romances de Alencar. Vieram ainda o byronismo, encarnado em Alvares de Azevedo

e o hugoismo representado por Castro Alves e Tobias Barreto.

Hoje somos naturalistas ou realistas com Zola, Manpassant e Eça; parnasianos com Leconte e Heredia; psychologos com Bourget; decadistas com Verlaine; satanistas com Baudelaire; picarescos com Armand Sylvestre e Catulle Mendés...

A nossa colonisação infeccionou-nos profundamente. O selvagem do Brasil ante-colonial era um typo inferior e indolente, vivendo das guerras de vinganças e depredações, de necessidades rudimentares e instinctos grosseiros.

Veiu o portuguez representado pelo que havia de mais vil na metropole: calcetas, aventureiros, assassinos, barregans, e com elle veiu o negro boçal e degenerado, trazendo para o nosso sangue o nefasto contingente da sua irremediavel degradação.

Que havia a esperar de tal cruzamento, que nação havia de surgir de conluios tão disparatados e tão homogeneos ao mesmo tempo na sua essencia, accrescendo que a metropole, com o seu guante de oppressão, conteve os nossos impetos de independencia por tres seculos?

Jesuitas e colonos combinaram-se, ao alvorecer da nova nacionalidade, para exploral-a, sugal-a e tratal-a como escrava. O governo central dava-lhes carta branca e elles valiam-se desse prestigio sem criterio e sem escrupulos.

Foi uma ventura que em meiados do seculo XVI aportasse á Bahia um jesuita, que nada tinha de semelhante com a maioria e que foi o celebre JOSÉ DE ANCHIETA (1553-1597). Aos vinte annos de idade, a alma ainda virgem, despreoccupada de outros deveres que não fosse os do serviço de Deus, trazendo no coração o ideal de civilisar e conquistar para a christandade um povo barbaro e apenas descoberto para o mundo culto, exerceu uma salutarissima influencia na constituição da nova Patria.

Foi elle quem diffundiu, pela catechese e pela instrucção, propagadas por todos os meios ao seu alcance, os primeiros elementos de cultura entre os selvagens, aos quaes conseguio impor-se e fazer-se respeitar. Em portuguez, espanhol, latim e tupy compoz odes, autos, trabalhos de linguistica, embora muito rudimentares ; e as suas cartas são um precioso subsidio para a historia da época.

Comtudo não póde ser considerado, como quer Sylvio Roméro, um precursor da nossa literatura, ou mesmo o seu vulto mais antigo.

Anteriormente a elle outros poderiam melhor merecer esse titulo, Pero Vaz Caminha, por exemplo, com a sua missiva sobre os primeiros successos da descoberta. Estrangeiro, obcecado pela idéa fixa da sua missão, sem a minima preoccupação literaria, Anchieta, além de tudo, influiu sómente sobre os

aborigenes e delles nenhum vestigio ficou na historia das nossas letras.

Por precursor entende-se um homem que lançou ao menos a semente da ideia, da doutrina ou da propaganda futuramente victoriosa. Anchieta limitou a sua acção aos indios, em cujo meio hostil soube tão bem accommodar-se, que se é obrigado a concordar com Araripe Junior, quando affirma que só por meio de uma adaptação jesuitica, servindo-se das feitiçarias e artimanhas dos pagés, poderia elle contrastar a influencia destes e ser assim o pagé preferido, de origem divina, mandado por Tupan, como um Christo regenerador, em missão especial.

Aponte-se na nossa literatura onde marcou elle o seu signo de precursor ; que trabalho nacional deixou onde houvesse outra preoccupação que não fosse um subsidio á sua missão civilisadora...

Precursores foram Pedro de Magalhães Gandavo, autor da *Historia da Provincia de Santa Cruz*, impressa em 1576; Gabriel Soares, que, em 1587, escreveu o *Tractado descriptivo do Brasil;* Pedro de Mariz, do qual, em 1599, foi dada a segunda edição dos *Dialogos de varia historia;* e, em primeiro lugar, foi um certo chronista incognito, autor de uma chron'ca desconhecida, de que se tem noticia pela *Historia do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador, que a ella se refere, como della se tendo servido no seu trabalho. Essa chro-

nica, segundo opina o nosso douto Capistrano de Abreu, deve ter sido escripta, ou pelo menos começada, em 1532.

São todos escriptos de brasileiros, interessando o Brasil, e se não podem constituir o inicio da nossa literatura, por serem manifestações isoladas, serviram comtudo para preparar, no alvorecer do seculo XVII, o movimento de Pernambuco, que, este sim, é a origem mais remota da nossa historia literaria, fraco embora, hesitante e timido, como sóem ser essas alvoradas em todos os tempos e entre todos os povos.

Nelle tomaram parte mais activa Bento Teixeira Pinto, nascido em 1540, autor da *Prosopopéa*, publicada em 1600, da *Relação do naufragio de Jorge Coelho* e de versos pastoris, eglogas e sonetos ao sabor da epoca, Jorge de Albuquerque, Frei Francisco do Rosario e o desconhecido autor dos *Dialogos das grandezas do Brasil*, obra muito apreciada pelos que procuram reconstruir a historia dos primeiros tempos coloniaes.

Assim, não ao grupo bahiano, surto depois, e sim a esse pequeno nucleo, se deve a eclosão da nossa tibia literatura. « Foi Pernambuco, diz textualmente Capistrano de Abreu, no seu prefacio á *Historia do Brasil* de Frei Vicente, foi Pernambuco o centro de que partiu nossa evolução literaria».

Aproveitando o que já havia sido escripto sobre o

Brasil, antes tambem da florescencia da escola bahiana, frei VICENTE DO SALVADOR (1564—1639), da Bahia, escreveu a primeira *Historia do Brasil*, em 1627.

O licenciado Manuel Severim de Faria foi quem a encommendou a Frei Vicente, que partiu de Portugal para o Brasil, no intento de satisfazer o pedido do seu amigo. Concluindo o trabalho, enviou-o elle a Severim, para que este o mandasse publicar. Severim, porém, não se averiguou porque, guardou o manuscripto, que, ultimamente, foi encontrado, com falta de muitos capitulos e trechos, na Torre do Tombo, em Lisboa.

A Bibliotheca Nacional mandou vir uma cópia desse manuscripto e nos seus annaes publicou o notavel documento, fazendo-o prefaciar pelo doutissimo Capistrano. Evidentemente, e é Capistrano quem o diz, Frei Vicente utilisou-se da citada chronica desapparecida, da obra de Pedro de Gandavo e das *Decadas* de João de Barros, bem como de informações particulares e indagações minuciosas, tomadas de pessoas competentes e que conheciam os pequenos incidentes da curta historia de Vera-Cruz.

Por esse lado ella tem toda a garantia da veracidade, devendo-se mais considerar que grande devera ter sido o criterio de Frei Vicente, no produzir um trabalho, ao qual com tanto afan se dedicára e para servir um amigo, de quem se mostra tão affectuoso e respeitador. O seu mérito intrinseco não é pequeno.

Em poucas linhas Capistrano dá delle a mais perfeita ideia :

« A *Historia*, diz elle, possue um tom popular, quasi folklorico : anecdotas, ditos, uma sentença do bispo de Tucuman, uma phrase do rei do Congo, uma denominação de Vasco Fernandes. Mais ainda : vê-se o Brasil qual era na realidade. » E quanto ao estylo : « um ou outro trocadilho innocente, (pão e páo, dominio e demonio), suppressão de uma palavra para dar a outra duplo emprego. Quanto ao mais, simples, familiar, tomando a côr da fonte que copia. »

E' isto mesmo : arte nenhuma, muita sinceridade, a maxima singeleza de expressão; mas as cousas que devem ser contadas lá estão, algumas até em demasia. Frei Vicente escreveu tambem a *Chronica da Custodia do Brasil* (1618), obra de menor folego. Foi chronista da sua vida, embora não deixasse um amplo cabedal de indicações, o seu contemporaneo Jaboatão, autor do *Novo Orbe Seraphico*.

E agora chegamos ao grupo bahiano, que na segunda metade do seculo XVII concretisou todo o movimento literario do Brasil.

E' delle figura culminante o incomparavel GREGORIO DE MATTOS (1623-1696), o satanico *Bocca do Inferno*, o reprobo sacerdote, o alma damnada, e o flagello de quantos tiveram a desventura de merecer os golpes da sua satyra venenosa.

O nosso eminente critico Araripe Junior escreveu sobre Gregorio uma curiosissima monographia. E' ao mesmo tempo com o enthusiasmo de um poeta e o escapello de um analysta implacavel que elle nos apresenta o *fauno* bahiano, refinadissimo canalha, obsceno, desrespeitador, extravagante, doente da sua mania de ferir e profanar, praguejador e rancoroso, exercendo a satyra, não como a vocação de um literato ou de um reformador moralista, mas como uma imposição incoercivel do seu temperamento, debatendo-se em accessos tão fataes, como os da hydrophobia e da epilepsia.

O seu juiso sobre o *Bocca do Inferno*, como individualidade social e literaria acha-se neste periodo : «Gregorio de Mattos foi a floração da mais hybrida sociedade que tem havido no mundo e absorvendo tudo quanto a colonia no seculo XVII possuia de original e picante, como brasilio-europeu que era, deu o livro mais curioso que já sahiu de penna humana.» Ha talvez exaggero de poeta, mas esse Gregorio é com effeito interpretativo de uma epoca e de uma sociedade. E, sem que pretenda fazer contradictas systematicas, parece-me que esse descomedido reclame que se faz em torno do nome delle é antes uma singular embriaguez pelos pessimos predicados do seu caracter, do que um legitimo reconhecimento dos seus meritos de poeta satyrico.

A sua physionomia é, não ha duvida, caracteristica e original; é de se lhe tirar o chapéo a sua ferocidade, não apenas contra os máos costumes e as desmarcadas bandalheiras então praticadas, mas tambem contra todos os que o desagradavam, todos os que não se acovardavam ante a sua perversidade e todos emfim os que, por eventualidade, se encontravam em situações ridiculas, dignas de ser cantadas pela sua musa blasphematoria e libertina. Não era um austero Juvenal que profligasse os erros, os abusos, os escandalos e as iniquidades do tempo; antes era o bohemio despudorado e corrupto, conscio do terror que inspirava, confiante no seu talento e na covardia dos outros, audacioso e arrebatado, com todas as noções de respeito, de conveniencia e de acatamento, extraviadas e bannidas do espirito.

Em Portugal passou o melhor da sua existencia, procurando na convivencia real um refugio seguro. Quando o apoio lhe faltou e sentiu a terra fugir-lhe de sob os pés, abalou para a sua terra natal, onde pretendeu impor-se pelo terrorismo. Se a Bahia era nessa època uma amalgama disforme de negros, indios e portuguezes, elementos em via de assimilação, ainda não fusionados, era por sua vez Gregorio o mais digno representante desse meio, com toda a sua corrupção, com os seus arrebatamentos e impetos, com as suas

selvagens desforras. Perfeitamente digno da sua época e dos seus contemporaneos.

As suas satyras, se lhes tirarem o sabor caustico da virulencia, a vehemencia dos tropos e trocadilhos, a gaiata construcção, em que elle aproveitava os termos de nova formação para adaptal-os ao verso, nenhum valor de arte contêm. O metro é inharmonico e duro e ha um desleixo evidente na sua fórma.

Rasteiro nas concepções, Gregorio não ultrapassava com os arrojos das suas imprecações os estreitos horizontes da cidade natal, de maneira que hoje será difficil, a quem não esteja bem industriado na historia dos costumes e nos menores factos desse tempo, comprehender as suas allusões e aggressões, sem copiosas notas explicativas. Demais, como bem diz Ferdinand Wolf, foi um imitador servil dos poetas espanhoes de maior voga, especialmente de Quevedo, de celebres aventuras e de grotesca memoria.

Araripe protesta contra a approximação que se pretendeu estabelecer entre elle e Rabelais. Seria de facto de uma insensatez desesperadora esse infeliz cotejo. O genio de Rabelais ha de atravessar todos os tempos e o nosso poeta só deve a sua fama á inopia tristissima da nossa literatura, que exige dos seus cultores a invenção dos deuses que lhe fallecem.

O que não se lhe póde, com isenção de animo, negar, é a sua predominancia no lyrismo. Alguns

dos seus sonetos desse genero não desmerecem ante os de Bocage, por esse perfume subtil de emoção e essa suavidade de expressão, que fizeram a fortuna da lyra do poeta luso. Falta-lhes, porém, a correcção classica, a abundancia de imagens, emfim o sopro genial que nenhum outro sonetista possuiu, quer em Portugal, quer no Brasil, antes ou depois de Bocage.

O que é inquestionavel, portanto, é que Gregorio foi antes um delicioso lyrico do que um poeta satyrico. Um dos seus sonetos, escripto ás portas da morte, quando já septuagenario, é um primor no genero.

E bem em desaccordo se acham as suas expressões de arrependimento ahi contidas com o que se conta a respeito dos seus ultimos instantes. Quero crer que pertença essa anecdota ao puro dominio da lenda, mas neste caso é innegavel que quem tal inventou soube com muita arte dar uma idéa do espirito diabolico de Gregorio, tendo forças e coragem para, nas angustias do passamento, improvisar uma satyra contra o proprio crucifixo.

Segundo contam, quando elle ia expirar, os circumstantes, com certeza padres, esses mesmos que elle zurziu de um modo tão furioso, apresentaram-lhe o crucifixo, exhortando-o ao mesmo tempo ao arrependimento, conforme mandam as boas praxes. Então uma idéa estranha formou-se no cerebro do moribundo,

ao ver a face lacrymosa e os olhos tristes do crucificado, por se lembrar de umas crianças visinhas, que dias antes tinha visto com os olhos doentes de sapiranga.

E dando, pela ultima vez, azas á sua inspiração perversa, improvisou estes versinhos :

Quando meus olhos mortaes
Ponho nos vossos divinos,
Cuido que vejo os meninos
Do Gregorio de Moraes.

Não creio, nem descreio. Sei que, quando um individuo ganha essa barata popularidade que aureolou Bocage e Gregorio, começa-se a attribuir-lhe quanta extravagancia apparece anonymamente no seu meio ; mas Gregorio era bem capaz de tal rasgo, elle que nada respeitava, quando se tratava de compor uns versos espirituosos e mordazes.

Conta-se que o padre ANTONIO VIEIRA (1608-1697), que foi contemporaneo de Gregorio e residiu na Bahia, tinha uma grande admiração pela sua veia satyrica e dizia mesmo que mais conseguia o poeta com a sua musa, que elle com os seus sermões.

Comprehendo o sentimento do jesuita. Diplomata, cordato, cheio de vaidade pela fama vasta da sua fecunda eloquencia, artista do pulpito, imagine-se como o contraste do bohemio trovador havia de impressional-o, intimamente escandalisando-o, mas violentan-

do-o á admiração pela sua audacia e sua despreoccupação de todas as conveniencias, coisas de que elle não se sentia capaz. Foi um dos primeiros hypnotisados e alicerçou com a sua palavra conceituosa a futura glorificação desse petroleiro endiabrado.

O irmão de Gregorio, padre EUZEBIO DE MATTOS (1629-1692), era a sua antithese. Equilibrado e piedoso, o seu éstro levou-se mais para cantares mysticos, e, se não tinha arroubos maravilhosos, era harmonioso e correcto, estylo muito firme, amante de trocadilhos, que fazia, aliás, sem custo e com graça, o que é bem difficil.

MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA (1636-1711), segundo Varnhagem, foi o primeiro brasileiro que do Brasil mandou ao prélo um livro de poesias.

Apezar de não ter adquirido a celebridade de Gregorio, é de algum merito, e no seu tempo consideravam-no muito illustrado. Hoje é um dos classicos da lingua portugueza. A sua inspiração é curta, mas tem a forma apurada, se bem que o seu estylo se resinta de um gongorismo diluido.

A par desses de maior nomeada, outros fizeram-se mais ou menos conhecidos e poderam chegar até nós, taes são: FRANCISCO DE SOUZA (1628-1713), autor do *Oriente conquistado*; JOSÉ BORGES DE BARROS, escriptor da *Constancia triumphante* e das *Conclusões amorosas*; e ROCHA PITTA, que surgiu na decadencia

da escola bahiana e só se poz em evidencia no primeiro quartel do seculo XVIII.

E eis ahi o que se apura de dois seculos de civilisação: muitos chronistas mediocres, um historiador de certo vulto, poetas sacros de éstro limitado, um poeta lyrico e satyrico.

E todos baldos de originalidade, copiando a literatura portugueza e a espanhola, impotentes para se deixarem embriagar pela natureza prodigiosa, em cujo seio se asylavam, e incapazes de cantal-a, como ella merecia ser cantada.

Mesmo o pequeno fulgor da pleiada bahiana, fulgor que de qualquer modo se deve a Gregorio de Mattos, foi, segundo affirma Araripe Junior, o resultado fortuito das intrigas da côrte real, onde Gregorio se achava, mudo ante a perspectiva das regalias que iria usufruir, e da qual só se ausentou, retirando-se para a Bahia, quando a aragem da sorte lhe soprou adversa.

Um bom esteio na alta administração, um gordo subsidio e lá se ficaria o satyrico, complacente, supportando as infamias indiziveis do *Marinicolas* e as delirantes machinações de Maria Francisca.

Araripe e Sylvio dão Gregorio como o fundador da nossa literatura. Penso que elle nada fundou, porque a nossa pobre literatura não se ergue nos alicerces que o poeta bahiano possa ter construido, antes se en-

raiza em patrias estrangeiras, vivendo de um vergonhoso parasitismo, salvo um ou outro caso esporadico.

Nós não temos uma literatura nossa, nascida das nossas dores, contendo os nossos mais caros ideiaes, interpretando os nossos desejos e as nossas necessidades, construida com uma lingua que seja nossa, integrada emfim á nossa existencia.

Os periodos da nossa historia literaria andam sempre em desaccordo com as respectivas phases da nossa vida politica. Começámos pela satyra, quando ainda não era tempo de condemnar costumes e sim de fazel-os, quando não se tratava de uma dissolução social e sim da construcção de uma nacionalidade. Fomos épicos, antes de ter conquistado a nossa independencia, á custa de muito sangue e muito sacrificio. Lyricos, no instante mesmo do primeiro assomo de emancipação. E assim por diante.

Ora, ha nada mais disparatado do que essa desavença perpetua entre a nossa existencia politica e as nossas manifestações intellectuaes ?

Necessitamos, para a nossa regeneração, de uma epoca de tremendas provações. Nos momentos decisivos da nossa historia soubemos sempre arranjar as cousas placidamente. Comprámos a independencia por um pouco de dinheiro e a concessão de um throno ; conquistámos a liberdade, comprimida pelo primeiro imperador, com uma assuada ; expulsámos a dymnastia

com um pronunciamento militar sem consequencias sangrentas ; depuzemos Deodoro com um tiro arremessado á torre da Candelaria. Só ultimamente o Marechal de Ferro nos ensinou como se luta e como se resiste ; mas, desapparecido elle, voltámos aos antigos processos e á antiga covardia.

Quando lutámos contra o estrangeiro, ou fomos desastrados e ineptos, como nas guerras hollandezas dos tempos coloniaes, ou crueis, ferozes e injustos, como na campanha do Paraguay. E em todas essas lutas os heroismos, todos individuaes, nunca se reflectiram legitimamente sobre a Patria.

Por taes processos é impossivel formar caracteres e fecundar mentalidades.

II

SECULO XVIII

Arcadias—Escola mineira—Epicos e lyricos

Com a morte dos proceres do gremio bahiano extinguia-se o pallido fulgor do belletrismo brasileiro, ficando como traço de união entre essa e a éra que se ia seguir o escriptor bahiano SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA (1669-1738), muito mediocre poeta, mas notavel historiador. Deve-se a elle a *Historia da Ame-*

rica Portugueza desde o seu descobrimento até o anno 1724, obra publicada em 1730. Foi o primeiro trabalho de um merito indiscutivel que surgiu nesse genero, calcado em tudo quanto havia sido anteriormente escripto. O autor foi mesmo a Lisboa revolver archivos e bibliothecas a cata de documentos. Não se podem recusar a Rocha Pitta grandes louvores pelo seu criterio de historiador e pela sua limpidez e correcção de estylo; mas o que fez afora isso, pouco vale.

O alvorecer do seculo não devia comtudo desmaiar-se por falta de uma mentalidade robusta. Foi ao judeu ANTONIO JOSÉ DA SILVA, (1705-1739), nascido no Rio de Janeiro, que coube a iniciação do novo periodo; mas esse, já pela sua origem, já pela sua educação feita em Lisboa, não representava o Brasil. O seu principal campo de acção foi o theatro, onde revelou aptidões superiores. No velho Portugal só Gil Vicente tinha chegado à sua altura. As suas comedias fizeram verdadeiro furor na época em que foram representadas e ainda hoje são lidas com prazer e dão a mais perfeita idéa do seu excepcional valor.

E quando não bastasse a glorificação unanime de que foi alvo, a historia tragica da sua vida, uma das mais dolorosas e pungentes, poria em fóco a sua individualidade. A tenebrosa Inquisição, depois de perseguil-o e de perseguir toda a sua familia, apezar dos

seus repetidos protestos de conversão, depois de prendel-o, tortural-o e pol-o em liberdade, terminou a sua hedionda tarefa de exterminio, condemnando-o a ser queimado vivo, aos 34 annos de edade.

Já então tinha publicado ou feito representar umas dez peças conhecidas por *Operas do Judeu*, por conterem versos que eram acompanhados de musica, como se usa modernamente nas operetas, vaudevilles, revistas, etc. Dessas são bem conhecidas as *Guerras do Alecrim e da Mangerona* e a *Vida de D. Quichote de la Mancha*, comedias onde elle jogava com os mais completos elementos de um prompto successo, quer pela natureza dos dialogos, de uma verve inexgotavel, quer pelo habil preparo de scenas hilariantes.

Não raro o judeu condescendia com o gosto da ralé, usando de expressões canalhas, pornographicas; mas isso devia ser perdoado naquella época em que esse genero de literatura era altamente apreciado. Hoje que dous seculos passaram sobre a sua memoria, ainda é um condimento indispensavel ao nosso theatro a pimenta da bandalheira.

Antonio José era demais um lyrico apreciado; a sua reputação de poeta esmaeceu, porém, ante o fulgor do seu genio dramatico. Viveu e morreu em Portugal, não nos tendo dado mais do que a honra do seu nascimento. Não continuou, pois, a nossa historia literaria; foi um incidente de que nós nos aproveitàmos, emquanto

não começou, com a transformação do governo da Bahia em vice-reinado, movimento mais nacional e mais expressivo, qual o da fundação de arcadias. Mais nacional, porque congregára elementos nativos e mais expressivo por demonstrar que uma nova febre andava queimando os cerebros dos colonos; mas de facto não passava elle de uma imitação da metropole e da Italia.

Em 1724 era fundada na Bahia a ACADEMIA DOS ESQUECIDOS, plagio da ACADEMIA DOS SINGULARES, de Lisboa. Fez parte della Rocha Pitta e isto bastava para que ella se dedicasse a estudos historicos. No mais levou o melhor do seu tempo em tecer panegyricos ao conde de Sabugosa, vice-rei, sob cuja protecção se criára.

Doze annos depois, em 1736, Matheus Saraiva, no Rio, congregou os amigos que se davam a estudos de botanica e os aspirantes a essas investigações e arranjou tambem uma arcadia, a que denominou ACADEMIA DOS FELIZES, composta de trinta membros. Vê-se que é de todos os tempos a facilidade de se encontrar pessoal, que se capacita idoneo, para organisar esses congressos. Esta funccionou no palacio do governador, como a anterior no do vice-rei.

A ACADEMIA DOS SELECTOS, creada em 1752, sob a administração do conde de Bobadella, viveu de exaltar os feitos e as virtudes deste, tendo uma ephemera existencia.

Em 1759 surge ainda na Bahia uma arcadia com o estupendo nome de SOCIEDADE BRASILEIRA DOS ACADEMICOS RENASCIDOS. Esta era de um mysticismo ideal. Realisava as suas sessões no convento dos Carmelitas, sob a égide da Virgem Mãi. Dissolveu-se no anno seguinte. Um dos seus socios, José Miralles, escreveu a *Historia militar do Brasil de 1647 a 1762* e um outro, José Pires de Carvalho, compoz um poema á Virgem, intitulado *Culto metrico*.

E mais a ACADEMIA SCIENTIFICA, em 1772, sob o vice-reinado do marquez do Lavradio, a qual tinha por especial missão o cultivo das sciencias naturaes; a ACADEMIA LITERARIA, em 1786; a ARCADIA FRANCISCANA FLUMINENSE, sob a administração de Luiz de Vasconcellos, que funccionou no convento de Santo Antonio, nesta Capital, e à qual pertenceram frei São Carlos, o padre Rodovalho, orador sacro e frei Pennaforte, que acompanhou Tiradentes ao supplicio; e por fim a ARCADIA ULTRAMARINA, no mesmo molde da Arcadia de Roma e cuja creação se deve aos poetas José Basilio da Gama e Silva Alvarenga. Della fizeram parte os mais notaveis cultores de letras do tempo, asylados em Villa-Rica.

Nenhum fructo deixaram essas futeis arcadias. Apenas á Ultramarina, por ter sido composta de vultos mais salientes, se attribue erradamente ter concorrido de certa maneira para a nossa emancipação literaria. Nada

disto. Não fez ella mais do que reviver as praxes européas, indo o servilismo da imitação até á adopção de pseudonymos (Dirceu, Alcindo, etc.), como era de uso em Lisboa e Roma.

Com o apparecimento dos épicos e lyricos inaugura-se a nova phase literaria. O seculo XVII foi Gregorio de Mattos; o XVIII foi: Basilio, Durão, Gonzaga, Alvarenga, Claudio e Peixoto.

Destes, os tres primeiros fizeram um esforço, talvez inconsciente, pela nacionalisação da literatura e os dous ultimos lutaram pela nossa emancipação politica. Esta frustrou-se por completo com a denuncia da conspiração e o castigo dos conjurados; mas o arrojo da sua iniciativa preparou o advento da Independencia e da Republica. Aquella não deu ainda fructos, apezar de tentativas posteriores. Não se nacionalisa uma literatura de proposito deliberado. E' mister em primeiro logar que a Nação se constitua independente de quaesquer laços e nós até hoje temos vivido escravisados ao estrangeiro por mil affinidades estreitas.

Basilio e Durão, movidos por um nobre sentimento de patriotismo, cantaram as coisas da sua terra; mas como não tinhamos motivos épicos, terra nova e sem tradicções que eramos, os seus poemas não poderam concretisar uma época, com as suas aspirações e ideiaes, e quando muito deram a ideia dos

seus costumes e exaltaram os seus pallidos feitos e os seus homens mediocres.

A epopéa veiu-nos antes de tempo. Ella não tinha que fazer em uma região, onde ainda não se tinha lutado seriamente pelas conquistas liberaes e em que os elementos nacional e estrangeiro não se haviam divorciado, tanto que o seu inimigo commum era sempre o inimigo da metropole.

E os romanticos de Minas mostraram-se apenas conhecedores da literatura italiana, espanhola e portugueza; e a concessão que ainda faziam era transportar as nymphas do Mondego para os ribeiros brasilicos, respeitando, porém, as invocações mythologicas e não desdenhando o deus Cupido, a cuja egide entregaram os seus amores petrarchianos. Mas isso fizeram com talento.

Com estas considerações não pretendo amesquinhar o valor dos nossos poetas. Se elles não deram mais, é que mais não poderam dar ; causas superiores sopeavam-lhes o éstro e matavam-lhes a originalidade.

Mas, de entre todos, quem mais independente e original se revelou foi José Basilio da Gama (1740-1795). Natural de Minas-Geraes, veiu estudar no collegio dos jesuitas, no Rio. Ahi se achava, quando Pombal expulsou os jesuitas do territorio portuguez. O decreto de Pombal exceptuava, porem, os noviços, comtanto que esses abandonassem completamente a

convivencia dos bannidos. Basilio assim o fez. Em 1763, morto o conde de Bobadella, muito amigo seu, partiu para Coimbra, afim de continuar os estudos, Esteve depois em Roma, onde foi recebido membro da Arcadia. Em seguida voltou ao Brasil. Denunciado como jesuita, foi preso e transportado a Lisboa e por fim condemnado a seis mezes de desterro, em Angola. Não lhe sorrindo, porem, essa perspectiva, lembrou-se de escrever um epithalamio á filha de Pombal, que por essa occasião se casava. Foi por isso perdoado, agraciado com a carta de nobreza e nomeado secretario particular do marquez.

Fez parte da Academia de Portugal. Em 1777, caindo e sendo desterrado o marquez de Pombal, com a subida ao throno de D. Maria I, Basilio, comprehendendo que a ascendencia dos jesuitas viria a prejudical-o, voltou novamente ao Rio. Fundou então a Arcadia Ultramarina com Silva Alvarenga e graças á protecção do vice-rei Luiz de Vasconcellos, muito affeiçoado a Alvarenga. Estava escripto, porem, que o poeta não havia de ter descanso. O conde de Rezende, que em 1790 substituiu a Luiz de Vasconcellos, dissolveu a Arcadia e perseguiu os seus membros, que elle suspeitava serem conniventes com a conjuração mineira, já então descoberta. Basilio partiu para Lisboa, onde falleceu.

Escreveu uma pequena epopéa, *Quitubia*, em que

canta um chefe africano que, durante as guerras de Portugal contra a Hollanda, muito auxiliou os portuguezes, um *Cantico aos Campos Elysios*, odes, panegyricos a Pombal e sua familia e o grande poema épico— O *Uruguay*, em que narra as guerras de Portugal e Espanha contra os indios do Paraguay, instigados pelos jesuitas. Compõe-se este poema de cinco cantos, escriptos em versos soltos e sem divisões de estrophes. Já isto revela um espirito desligado da rotina. Nesses tempos, poema que se prezasse havia de ser moldado pelas praxes usuaes, a maneira de Camões. Tinha então um sabor de cousa nova essa licença dada ao pensamento, livrando-o da peia da rima e das estações obrigadas das oitavas. Apenas sob a égide musical do rythmo e do metro estava o poeta mais a gosto para contar a sua historia e elle a contou, não genialmente, mas com discreção, sem retumbancia, brasileiro quanto possivel. Não raro descae: o prosaismo do assumpto torna o verso prosaico. Mas, por vezes, eleva-se a grande altura, como no episodio sentimental da morte de Lindoya, que termina com estes bellissimos versos:

Inda conserva um pallido semblante,
Um não sei que de magoado e triste,
Que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte!

José de Santa Rita Durão (1737-1784), épico como Basilio, é, como elle, mineiro, e como elle, estudou no collegio dos jesuitas, no Rio, e partiu para Coimbra, onde se doutorou em theologia (1756).

Dous annos depois entrou para a ordem dos eremitas de Santo Agostinho. Lutas clericaes fizeram delle mais um perseguido dos jesuitas e para fugir-lhes pretendeu refugiar-se em Roma. De caminho, porém, quando passava pela Espanha, em guerra contra Portugal, foi preso como espião portuguez. Feita a paz, puzeram-no em liberdade e elle ponde chegar ao seu destino. Em Roma conheceu Basilio. Posteriormente obteve por concurso uma cadeira de professor de theologia em Coimbra.

Na Ordem de Santo Agostinho era grande o seu prestigio, chegando a exercer o cargo de prior.

Em 1779 partiu para Lisboa, afim de publicar o seu poema *O Caramurú*. Esta epopéa trata da historia da descoberta e colonisação da Bahia, por Diogo Alvares, cognominado *O Caramurú*, na primeira metade do seculo XVI. Diz-se que a frieza com que esta obra foi recebida concorreu para a morte de Durão, tal foi o desgosto que delle se apoderou.

Essa indifferença, porem, era justa. O assumpto que escolhera nada tinha de épico e para encher dez cantos com os fracos elementos da historia e lenda do Caramurú, era mister que elle divagasse fastidiosa-

mente em torno dos factos principaes, tirando-lhes o encanto do encadeiamento das scenas, a energia do entrecho e a força da expressão. Mais ainda : empregou o processo camoneano no numero de cantos, na fórma, dimensões e rimas das estrophes, forçando assim o parallelo entre *O Caramurú* e *Os Luziadas*, o que só podia reverter em desvantagem sua.

Não é que eu considere o poema luso a genial epopéa que delle querem fazer. Devo mesmo confessar que estou convencido de que a sobrevivencia indefinida na posteridade é uma ficção e uma burla e que as irradiações intellectuaes de um dado periodo da historia estão sujeitas ás mesmas leis physicas peculiares ás irradiações luminosas : vão enfraquecendo á distancia e acabam por extinguir-se quasi. Cada época tem a sua literatura ageitada aos seus gostos e interpretativa dos seus sentimentos. A admiração que é moda manifestar-se pelo *Os Lusiadas* é em parte convencional e erudita. Salvo certas estrophes e alguns formosos episodios, elle chega-nos hoje como uma sensaboria metrificada. Um poema immortal seria o que condensasse umas tantas aspirações essenciaes á alma humana, e não apenas a um povo ou a uma época, e que soubesse cantal-as em toda a sua intensidade. Para compol-o fora preciso que um individuo podesse conter dentro de si um conceito universal e soubesse descobrir na Babel humana essas grandes cousas communs a todos os seres. *Os Luziadas*,

a *Illiada* e a *Odysséa* são admiraveis reliquias que os povos guardam com amor nos seus pantheons; mas o enthusiasmo que se manifesta por ellas é um phenomeno reflexo, uma manifestação atavica, um signal de veneração e respeito, um sentimento de gratidão, ou o quer que seja, mas, em todo o caso, uma pura mentira convencional. (1)

(1) Quando este trabalho foi publicado n'*O Paiz*, estas considerações sobre *Os Lusiadas* levantaram um desusado clamor, que foi da pilheria ao desafôro. Procurando explicar o meu pensamento, que fôra mal comprehendido pelos criticos de noticiario, publiquei n'*A Tribuna* uma carta em que dizia:

« Minha affirmação é geral. Não contestando o genio e o saber de Camões, disse que o seu poema, como qualquer outra obra literaria, não póde resistir á lenta, gradual, mas implacavel transformação de gostos, processos, idéaes e aspirações, por que o mundo vai passando, e que o que é genial num seculo será *uma admiravel reliquia* dous ou tres seculos depois, mas não provocará fremitos e vibrações nas almas. Os eruditos, porém, os que conhecem o tempo em que o poeta cantou e a relatividade das bellezas convencionaes da sua época, irão desenterrar do poema as suas grandiosidades e os seus meritos. Não ha um dos nossos poetas, mesmo de segunda ordem, que queira assumir a responsabilidade de dous terços das estrophes d'*Os Lusiadas*, o que não quer dizer que elle não tenha partes admiraveis. »

Muito tempo não se passou que eu não tivesse a ventura de verificar que não era nada original com essa opinião. De facto já o Sr. A. F. de Castilho, poeta portuguez, tinha ido muito mais longe, affirmando: « A grammatica é frequentes vezes offendida n'*Os Lusiadas*. » E mais: « Nenhum bom poeta dos nossos dias se resignaria a assignar uma unica oitava inteira de todos os dez cantos. » Em tal companhia confesso que fico mais encorajado.

Relendo então Homero e lendo mais uma vez Camões, modifiquei ainda um pouco a minha opinião sobre um e outro. Aquelle approxima-se muito do ideal de vate universal, superior aos tempos e ás sociedades, dizendo as impereciveis verdades e penetrando a alma humana com uma psychologia subtil; este fica limitado ás glorias da sua patria, não lhe transpõe as fronteiras e o seu despreso pela originalidade vai ao ponto de começar o seu poema, plagiando literalmente o poeta de Mantua: *Arma virumque cano*... As armas e os varões... cantando espalharei. O Olympo de Homero agita-se e vive dentro da sua obra, mas claramente como uma soberba ficção, representando sempre a intervenção do acaso ou a consequencia do valor dos homens

Mas apezar disto, collocando cada um dentro do seu tempo, o poema de Camões é incomparavelmente superior ao de Durão. O mérito deste está apenas na tentativa louvavel de dar á literatura brasileira uma feição caracteristicamente nacional.

O poema tem comtudo bellezas esparsas, como o bem conhecido e muito citado episodio da morte de Moema e outros.

Um terceiro épico que por esse tempo surgiu na Bahia é muito inferior a qualquer dos dous. Foi José Francisco Cardoso.

A par dessas precoces manifestações épicas, o lyrismo desabrochava a sua flor azul na fecunda Villa Rica; não já o lyrismo de Gregorio, ora bocageano, ora caindo nos requebros do lundú e na nostalgia da modinha, mas uma verdadeira implantação da poesia italiana e da espanhola, modificada e adaptada ao meio.

Não tivessem muito talento os poetas mineiros e a empresa teria naufragado por completo. O mais no-

e explicando as acções guerreiras como decretos do alto: quando se lê por exemplo que Jupiter faz ribombar o trovão e vibrar o raio deante dos cavallos de Diomedes, que disparam desvairados, entende-se que, feridos de panico pelo fragor da batalha, os corceis tomam o freio nos dentes e deitam a fugir. Camões, christão, cantando os feitos de reis christãos, que iam plantar a fé entre os infieis, mistura abominavelmente, inferiormente, servilmente, o Paraiso com o Olympo, serve-se sem ceremonia dos deuses gregos e romanos para justificar as façanhas de homens de outra crença, que, quando seriamente em apuros, se esquecem de Minerva para clamar:

Aos infieis, senhor, aos infieis...

tavel de entre elles foi THOMAZ ANTONIO GONZAGA (1744-1809), nascido no Porto. Bacharelou-se em Coimbra, exerceu altos cargos, como o de ouvidor em Villa-Rica. Quando tinha sido nomeado conselheiro da Côrte Suprema da Bahia, foi preso por suspeitas de cumplicidade com os conjurados da Inconfidencia. Os costumes do tempo não embaraçavam a acção punidora dos dominantes. Leis já existiam então, mas ninguem se preoccupava em cumpril-as e sim em como se havia de burlal-as. Uma denuncia ou uma suspeita era o sufficiente para justificar os banimentos e as eliminações. Gonzaga, apezar de innocente, ou de o parecer, foi preso, transportado ao Rio e desterrado em 1792 para Moçambique, onde morreu louco. Ia casar-se, quando a existencia lhe foi assim transformada em tragedia.

Apesar das reminiscencias de Petrarcha, a sua poesia é notavel e consagrou-o definitivamente. Teve o bom gosto de se aproveitar das emoções inspiradas pela natureza e de dar aos seus versos a suavidade pantheistica dos sentimentos immortaes. As suas *Lyras* são ungidas de um poderoso encanto, possuem a melodia das pastoraes classicas e são escriptas num tom singelo e gracioso.

Dirceu cantou a sua Marilia, primeiro como uma aspiração concreta, um meigo sonho de amor do qual

despertaria, quando quizesse, para a realidade; depois, com a pungencia do desengano, com a acerba certeza da sua eterna viuvez e então soube elevar-se ainda mais nas asas de um lyrismo transcendente e puro. Depois que conheceu Marilia, cujo nome verdadeiro e prosaico era Maria Joaquina Dorothéa de Seixas, só para ella compoz os seus poemas e levou o seu extremo nesse desvelado affecto ao ponto de queimar todos os que tiveram outro objecto que não a sua adorada noiva. Esta sobreviveu-lhe, casada, até 1854.

Claudio Manoel da Costa (1729—1790), de Minas, é mais antigo do que Gonzaga. Estudou no Rio e em Coimbra, onde se formou em direito. Aos 22 annos publicou as suas primeiras producções poeticas. Seguiu o caminho predilecto desses tempos: Rio, Coimbra, Roma, Lisboa. Em 1765 regressou novamente ao Rio. Dedicou-se ás poesias pastoris, utilisando-se, embora sem exaggero, dos trucs mythologicos, tão em vóga. Compoz o poema *Villa Rica*, a fabula allegorica do Ribeirão do Carmo, innumeras canções, cantatas, lyricas e sonetos. Foi muito amigo de Gonzaga, a quem é inferior, mas do qual muito se approxima. O seu lyrismo, ao envez do de Gonzaga, era mais erudito que sentido. A pureza da sua linguagem e a impeccavel correcção do seu estylo fizeram com que a Academia Portugueza o incluisse entre os classicos da

lingua. Envolvido na conspiração da independencia, foi preso e assassinado no carcere.

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA (Minas, 1740-1814) fez tambem escala pelos collegios do Rio para ir a Coimbra bacharelar-se em direito. Em Coimbra escreveu *O desertor das letras*, poema heroi-comico, publicado em 1773. De volta ao Brasil exerceu a advocacia em S. João d'El Rei; e no Rio, como já ficou dito, fundou com Basilio a Arcadia Ultramarina. Preso por ordem do conde de Rezende, esteve encarcerado por algum tempo na ilha das Cobras. Como Gonzaga, cantou a sua amada com um lyrismo doce, dando aos seus sentimentos as interpretações buscadas e encontradas no seio creador da Natureza. Os seus rondós e madrigaes são um pouco monotonos, mas têm muito encanto e graça.

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO (Rio, 1748-1793) estudou no collegio dos jesuitas, no Rio de Janeiro, e bacharelou-se em direito canonico, em Coimbra. O marquez de Pombal, que o protegia, nomeou-o juiz real em Cintra. Foi membro da Arcadia Ultramarina e a elle se attribue a autoria das *Cartas chilenas*, assignadas com o pseudonymo de *Critillo*; eram essas cartas vehementes satyras contra o governador da provincia de Minas, D. Luiz da Cunha de Menezes. Foi um dos cabecilhas da conspiração mineira. Preso e condemnado à morte, esta pena foi commutada em

desterro perpetuo. Cumprindo a sentença, falleceu em Angola. Alvarenga Peixoto primou pela correcção classica dos seus versos. Não tinha grandes arroubos e a sua inspiração não se alava a vertiginosas alturas ; mas algumas vezes o patriotismo o inflammava e então o seu éstro adquiria novas vibrações e uma intensidade mais firme.

Esses quatro poetas foram os que mais concorreram para o brilhantismo da escola mineira. Mas se se indagar, como Sylvio Romero, que influencia exerceram elles nos nossos destinos e mesmo na nossa literatura, nada encontraremos que autorise a consideral-os elementos preponderantes. Cantaram maviosamente os seus amores e as suas tristezas; mas que importam ao mundo os amores e as tristezas dos poetas, se elles nada trouxeram de novo e se não revelaram uma emoção original?

Como os seus predecessores, foram impotentes para fundar uma literatura nacional e o seu éstro confinou-se ao seu tempo e aos seus destinos individuaes. Poderia citar mais uma duzia de mediocres que menos ainda fizeram; mas estes nem mesmo marcam uma phase da evolução, incaracteristicos que foram.

Como se vê, o seculo XVIII não deu um prosador de vulto. A novella e o conto não haviam sido ainda acclimados e só os trovadores se multiplicavam, esposando os processos dos vates europeus e, quando muito,

assimilando-os ao meio vigoroso em que viviam, nunca tirando directamente da Natureza a inspiração original dos seus cantares.

O lyrismo em que predomina a nota individual, feito das pequenas emoções dos amorosos, não póde perdurar e subsistir. Elle deve, para ser eterno, cantar as sensações superiores, interpretar a poesia universal e dizer ás almas as grandes duvidas, os innarraveis jubilos e as dores supremas que hão de em todos os tempos agital-as.

E saiamos prestes dessas éras mediocres; transponhamos o portico do seculo das luzes, a ver se nelle encontraremos um consolo á melancolia que nos invade, ao fazer o balanço de tão infecundas épocas.

III

SECULO XIX

1º

Mysticismo e classicismo

A fuga de D. João VI para o Brasil (1808) influiu decisivamente sobre o desenvolvimento das nossas letras e artes. Não só o rei introduziu notaveis elementos de progresso nas tentativas feitas até

então sem resultado, pela compressão da metropole, como as esperanças de uma proxima independencia levantaram os espiritos e despertaram os estimulos. Não nos faltou mesmo a phase de transição do mysticismo. Era a obsessão franceza que nos empolgava para não mais nos abandonar. O mysticismo atravessou o oceano e modelou a nossa literatura. O seculo abriu com essa aspiração neutra para os idéaes intangiveis e subjectivos, como se fossemos um povo de existencia exhausta, que procurasse um oasis, a estação de um tranquillo repouso, após uma longa e fecunda peregrinação atravez os dominios das letras.

Tres poetas mysticos encarnaram o Brasil literario de então. Antonio Pereira de Souza Caldas (Rio, 1762-1814) foi o primeiro e quiçá o mais notavel. Era um espirito amoldavel e ductil. Estudava em Coimbra, quando subiu D. Maria I ao throno de Portugal. A Inquisição, que se aproveitava dos derradeiros dias do seu odioso poderio, entendeu perseguil-o e encarcerou-o em Rilhafolles, onde a monomania religiosa lhe foi inoculada pelos frades. Quando os seus carcereiros o julgaram de alma adaptada a todas as suas crendices e mysterios e despido completamente de assomos, puzeram-no em liberdade. Pôde então doutorar-se e, partindo para Roma, ordenou-se, dando assim razão aos processos inquisitoriaes usados para as conversões dos insubmissos. Não aspirou a altas hon-

rarias; entregou-se inteiramente ao seu ministerio e no pulpito ganhou fama de orador incomparavel. Não tendo deixado a collecção das suas homilias, não se póde julgar se era legitimo o enthusiasmo pela sua eloquencia. Nada ha que tanto illuda, como a arte da oratoria. As banalidades menos profundas, acompanhadas de uma voz persuasiva, ardente e sonora, de uma declamação apropriada e intelligente, ditas com arroubo e com esse enthusiasmo communicativo que a todos empolga, transformam-se em admiraveis verdades, em pensamentos vigorosos, em argumentos indestructiveis. Mas nem só no pulpito se celebrisou o padre Souza Caldas. Fez poesias sacras e traduziu os *Psalmos* de David. A sua inspiração bebida na theologia é acanhada e metaphysica; mas os seus versos são lançados com garbo e numa linguagem muito correcta. Os segredos do rithmo e da harmonia eram-lhe familiares. Tinha, demais, méritos incontestaveis de traductor.

Frei Francisco de S Carlos (Rio, 1763-1829) era, como o precedente, orador sacro e poeta. Muito inferior a Souza Caldas, São Carlos tem como obra capital um poema épico intitulado *A Assumpção da Virgem*.

São oito cantos incolores, em que se trata de uma guerra entre o Paraiso e o Inferno. A linguagem é incorrecta e frouxa e o estylo fastidioso, inexpressivo e pueril.

José Eloy Ottoni (Minas, 1764-1851), melhor traductor das Santas Escripturas que poeta original. Esteve em Lisboa e Roma, deu-se intimamente com Bressani e Bocage e era muito amigo do conde dos Arcos e do marquez de Paranaguá. Foi secretario de embaixada em Madrid. Traduziu o *Stabat Mater*, o *Miserere* e o *Livro de Job*, que só em 1852 foi publicado. Fez poesias lyricas e epigrammaticas que lançou ao fogo antes de morrer. Como poeta mystico e como trovador patriotico é mediocre. Como traductor, porém, tem muito merecimento.

E assim os primeiros vultos da nossa literatura neste seculo deram bem razão á nossa fama de imitativos e adaptadores. E, de facto, de adaptações e de imitações temos, em geral, vivido. Isso aliás é natural. A originalidade, entre os povos sem historia e sem cruzamentos seculares, não é mais do que uma adaptação mais perfeita. Nas raças descendentes puramente dos latinos ha de reviver sempre a historia latina, com as inevitaveis maculas da degenerescencia.

Em 1822 fez-se a Independencia. O rompimento do cordão umbilical concorreu para melhorar a mentalidade patria. Veiu o classicismo representado por José Bonifacio, Pedra Branca, Paranaguá e outros. O ideal republicano, apagado em 1789, renasce em José da Natividade Saldanha. O culto da lingua faz-se com mais acuramento e a eloquencia de Mont'Alverne,

juntamente com o grande saber de Bonifacio, transpõe o oceano e leva o nome do Brasil ao Velho-Mundo.

Em S. Paulo nasceu José Bonifacio de Andrada e Silva (1763—1838). A sua vida de homem de sciencia e de estadista foi a mais accidentada e gloriosa que o Brasil teve até então.

A sua mocidade e a sua edade viril passou-as elle na Europa, prestando a Portugal os serviços da sua extraordinaria actividade. Bacharelou-se em Coimbra, mas a sua mais viva predilecção era pelas sciencias naturaes, a que se dedicou entranhadamente. Foi membro de innumeras sociedades scientificas e professor da Universidade de Coimbra. Tomou parte na guerra da expulsão dos francezes e em 1819 regressou ao Brasil, aos 56 annos de idade.

Foi elle o factor preponderante da Independencia.

Liberal e ardoroso, uma vez no poder, pretendeu fazer as reformas essenciaes á constituição de uma nacionalidade em formação, mas foram taes e tantos os clamores e as represalias que provocou pela firmeza do seu caracter, que o Imperador teve de o demittir, e, mezes depois, de o desterrar. Foi no exilio que Bonifacio se dedicou ás letras. Se, como sabio, muito deu á sciencia e, como homem de estado, prestou a Portugal e principalmente ao Brasil, serviços extraordinarios, como poeta pouco merece, por não ter concorrido de qualquer fórma para a nossa evolução literaria.

Os seus versos são bem metrificados e, afóra isso, não têm outro valor, nem mesmo o de concepção, raramente original.

O marquez de Paranaguá, FRANCISCO VILLELA BARBOSA (Rio, 1769-1846), bacharel em mathematicas por Coimbra, foi soldado portuguez e em Portugal obteve diversas collocações, como professor de mathematicas. A sua vida tem muita semelhança com a de Bonifacio. Escreveu obras de sciencia que o fizeram membro de diversas academias. O patriotismo chamou-o ao Brasil. Foi ministro da marinha, visconde, marquez, conselheiro de Estado e senador. O seu mérito de poeta classico é limitadissimo. A belletristica, como a Bonifacio, nada lhe deve.

Superior aos dois é o visconde da Pedra-Branca, DOMINGOS BORGES DE BARROS (Bahia, 1783-1855).

Era um espirito adiantado e que nesses tempos remotos já pregava a emancipação feminina. O seu éstro é facil e hàrmonioso.

A escola classica, como se vê, não vingou em terras brasilias. Esses representantes foram por demais tibios e nada deixaram que attestasse um pequeno fulgor.

Ainda se podem destacar nessa primeira metade do seculo XIX:

JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA (Pernambuco, 1796-1830), bacharel por Coimbra; tomou parte na

revolução do Equador. Subjugada a revolução, fugiu para os Estados Unidos, onde morreu. Autor de hymnos, odes e sonetos classicos.

PEDRO JANUARIO DA CUNHA BARBOSA, (1790-1846), orador e poeta. Autor dos *Garimpeiros*, poema heroi-comico.

FREI SANTA RITA BASTOS, da Bahia, orador e poeta, dotado de um desregramento de vida bem improprio de um sacerdote; morto em 1846.

FRANCISCO FERREIRA BARRETO (Pernambuco, 1790-1851), tambem orador e poeta classico, autor de sonetos e hymnos.

FREI FRANCISCO DE MONT'ALVERNE (Rio, 1784-1858), orador sagrado, artista de pulpito, possuindo uma grande eloquencia e um admiravel poder de suggestão.

O marquez de Maricá, MARIANO JOSÉ PEREIRA DA FONSECA (Rio, 1773-1848), autor das celebres *Maximas*.

E outros mais ou menos impessoaes, mais ou menos mediocres. Todos juntos não chegam a revelar, não digo a formação de uma escola, mas pelo menos uma orientação concordante.

Em 1830 deu-se em França a reacção contra o classicismo, sobrevindo o consequente triumpho do romantismo.

Ferdinand Wolf, critico austriaco, refere-se, em-

bora muito obscuramente, mas de uma maneira sensata, a esse movimento. Eis como elle o pretende explicar :

« A Europa não tinha rejuvenescido apenas sob o ponto de vista politico, pelo baptismo de sangue da revolução franceza e sim tambem pela confirmação do principio popular da fé em uma espontaneidade natural e nacional, partida da Allemanha. Este ultimo facto restabeleceu na poesia a continuidade do movimento espontaneo, desembaraçou-a dos entraves do pseudo classicismo e fez reconhecer o direito imprescriptivel a todos os povos de caracterisar o seu genio particular. Chamou-se essa regeneração romantismo, como se chamaram romanas as linguas vulgares, as algaravias (*lingua romana rustica*) para oppol-as á lingua latina erudita (*sermo urbanus*). O verdadeiro romantismo não é, com effeito, outra coisa senão o genio de uma nação livre de todos os entraves da convenção.

As idéas accessorias que se prenderam á do romantismo, em consequencia da sua decadencia, não fazem senão confirmar a verdade etymologica e historica desta definição.

Foi pelos mesmos motivos que se chamou romantica, ou antes, romana, a arte da idade-média, propria aos povos modernos e opposta á arte antiga. Para restabelecer a continuidade do seu desenvolvimento espontaneo e para paralysar a influencia moderna dos humanistas, dos reformistas, do classicismo, e do racio-

nalismo, esses mesmos povos tiveram que voltar atraz e beber na fonte sempre abundante da idade média, época brilhante do desenvolvimento que estava mais de accordo com o seu genio. Por essa razão ainda confundiram-se as duas expressões de idade-média e romantismo. Mas como essa poesia e essa arte da idade média são beatas, idealistas em excesso e se comprazem no mysticismo e no fantastico, deram-se erradamente ao romantismo essas accepções diversas. Tomando o accessorio pelo principal, o romantismo moderno caricaturou ainda tudo isso e desacreditou o verdadeiro romantismo, de sorte que se chegou a dar esse nome, nos dominios da arte e da poesia, a tudo o que é subjectivo, arbitrario, nebuloso, caprichoso e sem formas fixas.»

O desthronamento do classicismo deu em Paris logar a memoraveis campanhas a que todo o publico, o publico de Paris, ligava o maximo interesse. O classicismo era emperrado, dogmatico e carunchoso; mas o romantismo era falso, convencional e facilmente adaptavel ás fórmas menos artisticas. D'ahi o seu prompto desmoronamento. Em menos de meio seculo elle foi esgotado pela falta de escrupulo dos escriptores mediocres, que o desmoralisaram por completo. Georges Sand, Victor Hugo, Theophile Gautier e outros espiritos de eleição, não poderam dar-lhe uma consagração duravel, e mesmo os dous ultimos não lhe

respeitaram a verdadeira natureza e se entregaram aos mais desvairados excessos de imaginação por conta da nova escola.

2º

Romantismo

Embora indo beber na idade média o licor da inspiração e della tirar o molde para os seus processos, o romantismo nem por isso deixou de ser caracterisado pela tendencia para o nacionalismo e pelo rompimento dos grilhões classicos que prendiam a fórma escripta dentro de velhos modelos.

Quem primeiro no Brasil o adaptou com um enorme successo de applausos foi o visconde de Araguaya, DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES (Rio, 1811-1882). Classico surgiu elle na arena, tendo por mestres Garção e Diniz, classico a Pedra-Branca, a Paranaguá e a Andrada; mas, indo á Europa, deixou-se abrazar na febre da luta e fez-se romantico.

Digamos, porém, desde já: no seu longo tirocinio de romantico, nunca foi outra cousa senão o classico das *Poesias*, publicadas em 1832, sem novidades e sem grandes audacias. Por outras palavras: elle foi tão romantico como classico; isto é, não foi sinceramente nem uma nem outra cousa, tomando dessas escolas

apenas a dourada apparencia, a fórma dos versos, o modo de construcção, de rima e de estrophação. Vivesse elle e seria hoje muito bom nephelibata.

Não conheço na nossa historia literaria typo tão hugoano na charlatanice e tão habil na caça das bellas conquistas, na apregoação do seu querido nome, na cautella das suas determinações e no geito em fisgar nos mais opportunos momentos, pela careca, a escassa occasião e de cavalgal-a gloriosamente, genialmente, senhor de si e da sua fortuna. O que elle era essencialmente era um diplomata, com todas as manhas da raça, com todas as ronhas do officio, as benevolencias systhematicas, os brandos sorrisos pregados ao rosto e as boas transigencias. Vaidoso, o seu temor das refregas e de perder a sua extensa fama sobrepujava ainda assim a vaidade. Vivia das insinuações carinhosas, fazendo amigos que lhe cantassem as glorias e nunca aceitando batalhas onde podesse ser ferido.

Em Paris esteve em 1836. D'ahi nos mandou os seus celebrados *Suspiros Poeticos*, livro recebido com trovejantes acclamações. Para logo foi proclamado o chefe do romantismo brasileiro por quasi todas as summidades literarias da epoca. Voltando ao Brasil, exerceu cargos publicos, entrou na Camara dos Deputados e novamente se atirou á diplomacia.

Em 1859, sendo ministro em Vienna, soube captar a sympathia e o enthusiasmo de Ferdinand Wolf, que

na sua historia da literatura brasileira lhe consagra paginas de ardente admiração.

Quando publicou os *Suspiros*, poz-lhe uma advertencia, explicando a sua nova attitude em letras e ahi diz: « Para bem julgar esta obra, é preciso ter em vista tres cousas : o fim, o genero e a fórma. » O que é commentado por F. Wolf desta maneira : « Esse fim é trazer a poesia á sua fonte, o idéal e a divindade, tal qual a religião christã nol-a revela ; elle quer afastar dessa fonte a profanação da trivialidade e mostrar o seu caminho aos poetas da sua patria. »

Se tivermos presente que o trabalho de F. Wolf foi escripto sob as vistas do nosso poeta, não é difficil acreditar que é este mesmo quem fala nesse commentario, dizendo a sua honesta intenção de guiar a mentalidade patria, que aqui se achava a espera da sua palavra para decidir do rumo que lhe conviria tomar.

Avaliar-se-á, não só do estado desse espirito, como da suggestão propinada a F. Wolf, lendo-se o 4° canto da *Confederação dos Tamoyos*.

Ahi, ao descrever um acampamento de selvagens, com todo o seu cortejo grandioso de paysagens e de scenarios naturaes, « lamenta, é F. Wolf quem fala, lamenta entretanto, não por uma modestia exagerada, mas para dar ao seu amigo um logar no seu poema, a sua impotencia para descrever uma scena tão pittoresca e assegura que o pincel de Araujo Porto-Alegre con-

seguil-o-ia muito melhor *(y réussirait beaucoup mieux)*». Resta accrescentar que Porto-Alegre lhe deu o troco no seu poema *Colombo*. E' realmente original essa permuta de gentilezas.

Curiosissima a maneira por que o poeta encontrava titulos para as suas obras. Demos ainda a palavra ao critico vieunense: « No trabalho intitulado *O anagramma*, elle diz com effeito, muito graciosamente *(très galamment)* que no embaraço de achar um titulo conveniente ao seu livro, exclamou, como inspirado: — Já Urania ! — anagramma do nome da sua esposa Januaria. » E intitulou um dos seus livros *Urania*.

Magalhães cultivou todos os generos literarios.

Poeta lyrico, mystico e épico, dramaturgo, novellista, critico, historiador, philosopho, publicou successivamente, além das *Poesias* e dos *Suspiros Poeticos*, *Antonio José* ou *O poeta e a inquisição* (1839), *Olgiato* (1841), *Amancia* (1844), *Memoria historica e documentada da Revolução do Maranhão* (1848), *A Confederação dos Tamoyos* (1856), *Os mysterios* (1858), *Factos do espirito humano* (1858), *Urania* (1862), *A alma e o cerebro*, *Pensamentos e commentarios*, etc. Com a sua *Amancia* foi dos que primeiro tentaram a introducção do romance no Brasil.

O seu éstro não tem calor proprio, nem originalidade. Se exceptuarmos a grandiosa elegia *Napoleão em Waterloo*, onde elle sobe a uma altura a que nunca mais

attingiu, toda a sua volumosa obra está condemnada a desapparecer, pela falsidade das suas concepções e da sua fórma. José de Alencar fez-lhe a critica d'*A Confederação dos Tamoyos* com a violencia peculiar ás pugnas literarias de então.

A arte das letras foi muito pandega nesses tempos de renovamento de formulas. Parece que Therpsycore tinha monopolisado todas as funcções da sua collega e um minuete de irresistivel graça dansava-se nos salões severos da literatura.

A ingenuidade dos cantares e a simplicidade de aspirações tinham morrido com o bom do lyrismo espontaneo. Decididamente Paris virava a cabeça dos nossos poetas.

Na floração exotica do meio anarchisado não brotara Magalhães sósinho. Do mesmo penduculo, onde elle vicejava, como uma escarlate papoula real, saiu-nos o seu gemeo, o seu equilibrio na balança da vida, o seu contrapeso, MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE (R. G. do Sul, 1806—1879), de quem Ferdinand Wolf traça uma detalhada biographia, pelo proprio poeta authenticada.

« M. de Porto-Alegre, diz esse illustre critico, dirigiu-se a Vienna em 1861 e nessa occasião o autor teve o prazer de travar conhecimento com esse homem tão amavel quanto instruido. Delle recebeu o autor as notas biographicas que se acabam de ler. »

Entre as notas fornecidas pelo biographado ha esta: «Tomou parte activa em todas as instituições scientificas ou artisticas fundadas no Brasil desde 1837; auxiliou muitos talentos em germen e contribuiu para o desenvolvimento delles, reconheceu todos os meritos e não invejou ninguem.»

Perfeito como epitaphio; como autobiographia mais que ingenuo.

Porto-Alegre não exerceu a sua actividade só em literatura. Depois de estudar preparatorios, dedicou-se à historia natural e aprendeu a empalhar animaes. Vindo aos vinte annos para o Rio, applicou-se ao desenho, à pintura, à architectura, «sem desprezar, diz o seu biographo, a perspectiva, a astronomia, a physiologia, etc.» Foi tambem retratista, ganhando as graças do imperador que o incumbiu de fazer os retratos da familia, trabalho interrompido pela abdicação.

Depois de ter estado na França e na Italia, voltou ao Brazil em 1837, sendo nomeado professor da Academia de Bellas-Artes.

Ha passagens da sua vida, cuja narração só se apreciará devidamente, transcriptas literalmente do seu critico: «Tinha attrahido a attenção desse dignatario (o general Paulo Barbosa da Silva) pela sua restauração do Theatro de S. Pedro que havia pomposamente decorado e arranjado muito bem para a acustica. Póde-se dizer demais que o nosso artista com o seu

amigo Magalhães teve muito trabalho *(se donna beaucoup de peine)* para reformar o Theatro Brasileiro sob o duplo ponto de vista da literatura e da arte.» E numa nota explicativa accrescenta: «Porto-Alegre fez muito pela arte de pintor decorador e de *costumier*.»

Construiu, por occasião do coroamento do segundo imperador, a galeria da Sagração, «que foi admirada de todos», «tomou parte na decoração do palacio imperial», deu o plano do Banco do Brasil, «o edificio mais imponente do Rio de Janeiro», exerceu cargos de professor e diversas commissões, entre as quaes a da construcção hydraulica e architectural da Alfandega, etc. etc.

Eis a historia de um grande homem contada por elle mesmo atravez a imaginação complacente de um critico austriaco.

Escreveu Porto-Alegre *Os contornos de Napoles* e *A voz da Natureza sobre as ruinas de Cumas*, versos philosophicos, onde a voz da Natureza entôa este côro sesquipedal:

> Morte, destruição, silencio, chaos!
> Só Deus é sempiterno, forte e justo.

No theatro produziu o *Prologo dramatico*, allegoria politica, de que Ferdinand Wolf dá este resumo: «Satanaz, principe da desunião e da anarchia, procura

conquistar um jovem, Brasil, e desvial-o do caminho da monarchia constitucional e legitima ; mas o anjo da verdade desfaz as seducções do espirito do mal e prediz o futuro brilhante que aguarda o paiz, sob o reinado de um principe, como D. Pedro II» ; e, além disto: *O espião de Bonaparte*, *O sapateiro politicão*, *Angelica e Firmina*, *A estatua amazonica* e outras peças. Publicou as *Brasilianas*, cujo nome mostra bem com que preoccupação foram escriptas. A critica viennense pretende que Gonçalves Dias se inspirou nessa obra para escrever as suas poesias brasilicas, mas Sylvio Romèro poz embargos à vaidade de Porto-Alegre, destruindo essa lenda inverosimil.

Além dessa bagagem já avultada, Porto-Alegre perpetrou o poema de mais monstruosas dimensões de que ha memoria— *Colombo*. De quarenta cantos compõe-se e armazena-se em dois volumes que perfazem ao todo 950 paginas, incluindo um prologo de 70 ! O poeta tem a inspiração empolada de Magalhães ; mas a sua obra parece mais egual, mesmo na sua retumbancia. Magalhães é-lhe comtudo superior, por ter lances e arroubos, de que Porto-Alegre não é capaz.

Ambos tentaram o romantismo sob mais de uma fórma. Na epopéa vimos como o executaram. E a epopéa era considerada pelos primazes da nova escola em França, pelos autores do movimento, como um typo classico. Victor Hugo, um dos chefes mais res-

peitados, dividia a literatura em tres grandes phases: a primitiva, lyrica; a antiga, épica; a moderna, dramatica. Na primeira a ode, o canto singelo; na segunda a epopéa, a tragedia; na terceira o drama. A Biblia, Homero, Shakespeare.

A evolução literaria, segundo elle expõe no seu prologo do *Cromwell*, fez-se do classicismo para o romantismo com a introducção da comedia, do grotesco, complemento da verdade que os classicos desprezavam.

«O christianismo, diz elle, conduz a poesia à verdade de um golpe de vista mais alto e mais largo. Ella sentirá que tudo na creação não é humanamente *bello*, que nella o feio existe ao lado do bello, o disforme perto do gracioso, o grotesco no reverso do sublime, o mal com o bem, a sombra com a luz.»

E ainda accrescenta:

«Assim, eis um principio estranho à antiguidade, um typo novo introduzido na poesia; e como uma condição a mais em um ser modifica todo o ser, eis uma nova fórma que se desenvolve na arte. Este typo é o grotesco, esta fórma é a comedia. E aqui seja-nos permittido insistir; porque acabamos de indicar o traço caracteristico, a differença fundamental que separa, na nossa opinião, a arte moderna da arte antiga, a fórma actual da fórma extincta, ou, para nos servirmos de palavras mais vagas, porem mais aceitas, a literatura *romantica* da literatura *classica*.»

O classicismo era de facto a exaltação incondicional do *bello*; nas tragedias classicas não ha logar para as manchas mesquinhas da vida, nem para os ridiculos dos homens. Desde Aristoteles que se tinham fixado as fórmas literarias, no theatro principalmente; e a mais insupportavel das monotonias derramava-se nessa provincia da intellectualidade, onde os genios passavam agrilhoados e os simples talentos se submergiam. Victor Hugo insurgiu-se, não só contra as peias da fórma classica, como contra as famosas tres unidades de Aristoteles, contestando as unidades de tempo e de logar e aceitando apenas a unidade de acção no conjuncto das peças de theatro.

Tambem elle foi dogmatico e despotico. Prégava, como todos os apostolos, que nas novas formulas é que se achava toda a verdade e fazendo appello aos moços para que se lhe reunissem, dizia emphaticamente: «E' um sino de cobre (o seu appello) que chama as populações ao novo templo e ao verdadeiro Deus».

Ora, em arte não ha nem verdadeiro templo, nem verdadeiro Deus. Antes pelo contrario, todos os deuses são verdadeiros, ou melhor, todos são falsos e, quando menos, convencionaes. Os classicos excluiram o *feio* da sua literatura; os romanticos admittiram-no como um contraste natural, dando comtudo predominancia ao *bello;* depois os naturalistas, apostolos tambem do verdadeiro Deus, fundiram os dous typos, pondo aquelle

em franca evidencia ; e finalmente os decadistas não vêm quasi bellesas no mundo, exacerbam a imaginação com a exploração morbida e obsessional das cousas tristes e pungitivas. Eis aqui quatro escolas, apregoadas como ùnicas verdadeiras e compativeis com a arte, todas com os seus periodos de infancia, vigor e decrepitude, tendo a mesma evolução de todas as cousas, nascendo, vivendo e morrendo.

O orgulho de Victor Hugo suppoz que a arte morreria com o romantismo.

— As éras primitivas foram o lyrismo, a infancia da arte ; as antigas—a epopéa, a mocidade ; as modernas — o drama, a velhice, diz elle.

Entretanto bastaram setenta annos para que o romantismo desapparecesse ; e a arte, cada vez mais fulgida e jovem, revive nas obras das novas escolas, na sua pujança immarcessivel.

Mas, se era isso o que pregavam os grandes apostolos do romantismo, a que vinham as epopéas graves e soturnas dos sectarios brasileiros? Com que direito se diziam elles romanticos? O que conseguiram foi reunir todos os defeitos da decahida escola ás imperfeições da recem-nascida. E não ficaram ahi. Entraram pelo indianismo.

Já era um primeiro erro querer adaptar a nova escola, rebento de espiritos insubmissos, producto de uma reacção logica contra a desmoralisação classicista,

á exploração dos banaes assumptos inspirados pelas raças aborigenes, porquanto a idéa de nacionalismo que ella trouxe comsigo era tão sómente applicavel ás sociedades então organisadas regularmente, fazendo parte integrante do convivio social e nunca a investigações hesitantes sobre costumes de povos incultos.

Segundo erro foi esse de considerarem brasileiros, na accepção hodierna desta palavra, os selvagens refugiados nas florestas dos antros menos accessiveis ás nossas explorações, ou mal assimilados, quando existentes nas visinhanças das regiões povoadas.

Brasileiros são os productos das raças cruzadas que occuparam este territorio, nas quaes predomina a branca e entra a nativa com o mais fraco contingente. O indio puro é a raça dominada, perseguida e em via de extincção; elle não é mais o povoador do Brasil, nem constitue o typo do brasileiro de hoje.

E foi ainda terceiro erro emprestar-se a esses seres inferiores e vencidos uma existencia ennobrecida e heroica, cercal os de uma auréola de poesia, crear-se-lhes uma lenda supersticiosa de costumes puros, de ideaes nobres, fazel-os capazes de sacrificios extraordinarios, de intuições luminosas, e outras fantasias que estiveram tão em moda, deixando-se assim os nossos poetas levar ou por uma hypocrita piedade, ou pelo errado criterio de estender á communidade os casos iso-

lados de altruismo, dedicação e intelligencia que a nossa historia regista.

Os selvagens do Brasil não tinham mesmo uma cultura que os approximasse de outros povos da America e conservavam-se em estado rudimentar, vivendo animalisados, presa dos mais grosseiros instinctos.

Bem difficil tarefa a de fazer romantismo com taes elementos! Mas não é tudo. A escola romantica não se podia acclimar em um paiz de tres seculos de existencia.

Na França ella representou em letras o mesmo papel que em politica a revolução de 89, consequencia que foi de uma prolongada compressão, producto de uma elaboração muitas vezes secular do espirito nacional. Nada entre nós reclamava a sua adaptação, a não ser a necessidade de se seguir um caminho qualquer.

O seculo XIX teve assim á sua cabeceira de recemnascido esses dois curiosos vultos, especies de bruxos romanticos, bem casados na vida, pretendendo dominar e absorver o movimento intellectual da época, o que não lhes poderia ser cabalmente contestado, porquanto com a extincção da escola mineira o Brasil mental se tornára em um descampado deserto. Quando bem entulharam a mentalidade nacional com o seu romantismo de convenção, sumiram-se como por encanto pelo alçapão do olvido e hoje são lembrados apenas

como venerandos fosseis, de uma charlatanice diplomatica, desertores de ultima hora que foram do moribundo classicismo

Foi então que, como um tranquillo sol, muito claro e muito alto, surgiu ANTONIO GONÇALVES DIAS (1823-1864), tangendo uma lyra de novos accordes e procurando interpretar um novo sentir do seu tempo.

Ao Brasil independente faltava o pleno congraçamento das raças e gentes que o habitavam. Pelos recessos das mattas, escondidos em remotas regiões do grande imperio, povos selvagens ficavam fieis aos seus costumes, ás suas linguas, aos seus ritos e ás suas tradições.

O poeta estudou-os, amou-os e cantou-os. A phase era romantica; inconscientemente fez-se romantico.

Nos seus poemas, escriptos em um portuguez de uma vernaculidade castiça e castigada, elle fantasiou uns extraordinarios selvagens, de uma psychologia complexa, dotados de altruismos que eram só delles e cheios de tão nobres qualidades, que se tinha logo o desejo de com elles tratar e conviver. A lenda perdurou por muito tempo e mais tarde Alencar não fez mais que confirmal-a e amplial-a.

De qualquer maneira Gonçalves Dias fixou uma época. Alem de indianista, foi lyrico, de uma inspiração que não havia ainda, na literatura brasileira,

subido tão alto. Em prosa deixou apreciaveis paginas, em que se reconhece um estylista, a que só faltou imaginação para produzir obras impereciveis. Os *Tymbiras*, o *Y Juca Pirama*, as *Sextilhas de Frei Antão* e lyricas como *Adeus*, deram-lhe na nossa historia literaria essa culminante proeminencia que resistiu á propria morte da escola.

Ao mesmo tempo que do norte vinha esse irradiante clarão, no sul um temperamento bem diverso do de Gonçalves Dias desabrochava, como uma flôr exotica, revelando uma morbidez de degenerado precoce. Era ALVARES DE AZEVEDO (1831-1852), que apenas bruxoleou e se extinguiu, deixando em prosa, á sua geração estupefacta, esses especimens byronianos, embriagantes como vinhos fortes, collecionados sob o titulo impressionista de *Uma noite na taberna* ; e em verso composições lyricas, *Lyra dos vinte annos*, em genero um tanto estafado, mas com lampejos singulares em meio das suas incorrecções

CASIMIRO DE ABREU (1837-1860) trouxe a sua contribuição ao desfallecimento do romantismo, executando-o sob a sua fórma mais extremada, fazendo delle um instrumento de interminaveis desabafos e de queixumes incessantes. Este foi o poeta na sua mais primitiva fórma, exhalando os seus intimos pezares com todo o sentimento que dá a sinceridade, só cantando para espalhal-os aovento.

Desse momento são os mais caracteristicos. A prosa ainda não tinha tido o seu surto definitivo e só MARTINS PENNA, no theatro, fundava o drama nacional com um grande numero de obras que ficaram como o alicerce da dramaturgia patria.

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA (1827-1886) veio então com a sua musa sadia dar ao lyrismo em decadencia um pouco de alento e vigor.

Conjuntamente os dous poetas maximos do Brasil romantico emergiram do cháos literario, em que não poucos talentos succumbiram, para dizer novas e vibrantes cousas. Foram FAGUNDES VARELLA (1841-1875) e CASTRO ALVES (1847-1871). O primeiro, no seu soberbo *Evangelho nas selvas* e no *Cantico do Calvario*, teve primeiro a preoccupação da fórma no verso. Parece ter previsto a revolução que se preparava em direcção ao parnasianismo, de que foi evidentemente um precursor.

Castro Alves, poeta condoreiro, não teve rival no fogo do éstro. A sua imaginação foi como um insofreavel corcel. Brilho, fulgor de imagens, arrojo de antitheses, enthusiasmo de doutrinario, tudo elle teve no seu verso poderoso e arrebatado. A par dos seus formidaveis poemas da escravidão, como *O navio negreiro* e *As vozes da Africa*, compoz poesias lyricas, que o não deixam mal na companhia dos nossos mais celebrados romanticos. Na *Cachoeira de Paulo Affonso*,

respigando-se com bom gosto, encontram-se paginas admiraveis e, entre as suas poesias avulsas, uma das que passaram, póde-se dizer, para o cancioneiro popular é essa languida e lasciva *Bôa-Noute*.

Apparece então JOSÉ DE ALENCAR (1829-1867) que vem rehabilitar os nossos creditos de prosadores. A sua obra é não obstante um longo e obstinado erro. Escriptor nacionalista, o seu esforço repartiu-se entre os selvicolas e os civilisados. *O Guarany*, *Iracema*, *Ubirajara*, etc., são bellos poemas em prosa aos desterrados na propria patria. Com a mesma visão de Gonçalves Dias para contemplal-os, elle creou uma raça fantastica, que não teve jámais existencia conhecida nestes Brasis. *Senhora*, *Diva*, *Luciola*, *A viuvinha*, *Cinco minutos*, *O tronco do ipé*, *O gaúcho*, *A pata da gazella* e outros romances e novellas fel-os o escriptor cearense no intuito louvavel de desenhar perfis ou de descrever scenas e costumes brasileiros, mas em todos ha uma falsidade que não se retráe e não se penitencia.

A sua penna tem, porém, com frequencia, rasgos descriptivos e emocionaes, que riscam a inutilidade da sua obra com um inapagavel sulco de fogo. Caracter irrequieto, apezar de monopolisado pelas preoccupações politicas, ainda divagou pelo theatro, pelo verso e pela critica, numa ancia de affirmar a sua soberania intellectual e de satisfazer as exigencias insaciaveis

do seu desmarcado e, até certo ponto, legitimo orgulho.

Ao seu lado vicejou, sem que o grande carvalho lhe fizesse larga sombra, JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, o autor d'*A Moreninha* e d'*O moço louro*, romances, e de dramas que ficaram no theatro brasileiro, como peças caracteristicas dos nossos costumes. Parece que só hoje se vai elle deixando ficar na retaguarda da popularidade, de que por tanto tempo gosou sem contraste. As moças de 60 a 85 devoravam-lhe os romances escriptos com delicadeza e dengue, embora sem muita arte ; e as gerações que medeiam entre a delle e a nossa muito se têm deliciado com o seu *Fantasma branco*, a sua *Torre em concurso*, comedias que não ficam grandemente distanciadas do *Noviço* e da *Festa na roça*, de Martins Penna.

Nos dominios da critica nada de notavel havia surgido, pois não se póde considerar como tal a tentativa de SOTERO DOS REIS em 1867, com a publicação no Maranhão do seu curso de historia da literatura portugueza e brasileira. No Ceará, mais tarde, de 1870 a 1880, ROCHA LIMA, precocemente extincto, deu amostras valiosas da sua erudição e da sua competencia critica.

MANOEL DE ALMEIDA, por essa mesma época, publicava as *Memorias de um sargento de milicias*, obra muito apreciavel como chronica dos tempos coloniaes,

senão como trabalho literario. Almeida não tinha vasto conhecimento da arte da escripta, nem cuidados de fórma. Todo o sen anceio consistia em contar as cousas muito certo, em detalhar todos os episodios com as mais severas minudencias, no que differia pouco dos pontos essenciaes do realismo.

Como chronista de costumes, embora de epocas diversas, é-lhe ainda superior FRANÇA JUNIOR, o espirituoso folhetinista da *Gazeta de Noticias* e excellente comediographo, que ao menos escrevia com elegancia e maior conhecimento da lingua.

O VISCONDE DE TAUNAY, morto ha pouco, é que é uma figura bem singular na nossa literatura e um caso bem interessante de dispersão de actividade: politico, romancista, musico, homem de sciencia, em tudo soube manter uma preponderancia, muito de fidalgo; mas queremos crer que o seu romantismo veiu retardado.

Os seus livros são bem lançados, escriptos com amor, mas não é provavel que fiquem para um longo futuro, mesmo a *Innocencia*, apesar das suas traduções em linguas européas. Nelle o romantismo affectou uma forma vaga de lyrismo suave e insubsistente. Lendo-se-o, tem-se a impressão do ultimo heroico esforço de uma escola que succumbe pela imperiosa lei da evolução.

Em 1870 e proximidades começou a accentuar-se

em certos centros, Pernambuco, S. Paulo e Maranhão uma reacção naturalista e parnasiana, correspondente a egual phenomeno que, em Portugal, levantava em massa os Eças, os Theophilos, os Antheros, os Junqueiros, os Ortigões, os Feijós, os Fialhos, seguidos de uma luzida cohorte de batalhadores.

Dahi a nova phase, periodo aureo de amadurecimento mental, ainda não completo e já perturbado pela doença do fim do seculo, representada por todos os decadismos que da França, da mesma sorte que as modas e as grandes convulsões sociaes, nos têm vindo, assim como têm ido a Portugal.

3°

Escriptores contemporaneos

De 1870 em diante começou a crescer notavelmente a onda intellectual dos embriagados pelos ideaes novos. Succederam-se, proximas umas das outras, as gerações de escriptores em prosa e verso, todos anciosos por tomar parte no grande certamen de competencias e por contribuir de uma maneira original para o adiantamento do nosso belletrismo.

Luiz Guimarães Junior (1844-1898) começou a cantar com accentos novos e a versejar de uma fórma mais espontanea e correcta. Foi um lyrico que soube

dar ao verso todo o recurso da emoção e da arte, sem nada lhe tirar da sinceridade. Miniaturista gracioso e sentimental, com um modo de ser absolutamente proprio.

Gonçalves Crespo, muito olvidado na sua Patria, naturalmente por ter sido deputado portuguez, foi um delicioso poeta lyrico e quem melhor e com mais correcção compoz tercettos, de um admiravel vigor e de um colorido descriptivo emocional. Foi casado com D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, illustre escriptora portugueza.

Em Fontoura Xavier, autor das *Opalas*, não influiu tambem o desalinhado romantismo. Os seus versos têm um quente sopro de lyrismo selvagem ; ha nelles ancias e éstos, de um subjectivismo que se exprime quasi por symbolos.

Como os tres, é Augusto de Lima typo de transição. Neste a contemplação prepondera sobre o sentimento. Nas suas *Contemporaneas*, às vezes um pouco monotonas, ha muito que apreciar e louvar.

Os demais escriptores brasileiros que occupam o momento actual, divergiram para as diversas escolas que nos foram importadas de Paris.

Faremos o historico da literatura contemporanea pelos seus vultos, pois os seus factos são insignificantes. No Brasil os literatos nascem, desenvolvem-se com

lentidão, vegetam tristemente, sem publico e sem estimulos e succumbem, ignorados pelas massas.

E é justo que se comece pelo Mestre. MACHADO DE ASSIS o é, pela proclamação dos seus confrades, dos quaes alguns o fizeram presidente de uma academia de letras. E pela sua nobre compostura, pela sua circumspecção de artista, pela probidade do seu temperamento literario, pelo amor ao trabalho, pela vastidão da sua obra e pelo seu destaque no meio, elle merece que se o distinga e que se lhe renda preito. Teve uma phase romantica, em a qual não se elevou acima dos primazes da escola, não chegando mesmo a igualar alguns, a não ser no estylo, mais correcto e mais puro; na actual, é muito differente dos mais, e em autores estrangeiros, como Dickens, Sterne e outros, é que se vão encontrar os caracteres dos seus processos. O seu estylo desarticulado lembra o ultimo.

Alguns dos seus livros modernos são rendilhados de trocadilhos e paradoxos, bem vestidos por uma fórma que se quer revelar muito despretenciosa, mas em que se nota o trabalho cuidadoso e desvellado do artista que julga do valor de cada palavra e do significado exacto de cada expressão. Em outros, porém, em que esse processo ainda é empregado, como em *Quincas Borba* e em *Braz Cubas*, e aquelle em primeiro logar, o desusado fulgor das idéas, as vivas scentelhas de uma philosophia cruel, mas perfeita-

mente humana e real, apagam o effeito muito evidente do meticuloso trabalho de arte que a sua escripta revela. A um leitor superficial elle diverte e encanta a imaginação com o seu passinho miudo e manhoso, cheio de desnecessarias cautellas, dizendo tudo por meias palavras, vigilante para que não lhe escapem conceitos positivos e conclusões affirmativas. As suas obras culminantes são as duas citadas e *Varias historias*, contos de uma philosophia admiravel e de uma fórma impeccavel. O seu ultimo livro, *D. Casmurro*, é de concepção inferior. Expurgando-o das pequeninas observações que o recheiam, pedacinhos de vida e pedacinhos de alma, vistos como através de um buraco de fechadura, elle resume-se em mostrar como uma criança licenciosa por educação e talvez por atavismo dará uma mulher adultera.

E esta moralidade explicita lá está no livro: «Uma estava dentro da outra, como a fructa dentro da casca.» Parece exaggerado quatrocentas paginas para tão pouco.

Machado é tambem poeta, poeta correcto e frio, sem vibrações, vestindo idéas romanticas com fórma parnasiana.

Araripe Junior nasceu para a literatura sob o signo Alencar. Elle o confessa na monographia sobre esse romancista. A sua primeira admiração foi para o mestre de então; o seu enthusiasmo convergiu

para a victoria facil desse vencedor. A novella preoccupou-o ao principio. Uma meia duzia de livros de imaginação apresentaram-no ao publico: *O reino encantado*, *Luizinha*, *Jacyna a Marabá*, *O ninho do beija-flor*, *Contos brasileiros*. Quando o espirito se lhe foi desobumbrando, começou a estudar; do estudo surgiu-lhe o gosto pelas comparações e pela analyse e assim fez-se critico. Pagou a Alencar a sua divida com um opusculo, em que diz o sufficiente para exprimir a sua gratidão pelo primeiro mestre e o mais que sufficiente para revelar que o renegava com escolas e o mais. A vastidão do seu saber apparelha-o para juiz; mas o seu talento extremamente especulativo leva-o por vezes ás grimpas inaccessiveis de uma critica philosophica, que vae alem do seu proprio destino e não raro da importancia do assumpto. Ainda ahi, comtudo, acho-o acertado. Entrar na analyse dos tempos, descrever as caracteristicas do meio, surprehender as anomalias, as predilecções e os instinctos da phase literaria, atinar com os gostos predominantes, com os pendores, com as tendencias do momento, dizer do individuo o bastante para situal-o e para interpretal-o, desvendando as razões do seu modo de ser, fazer, emfim, de uma obra, não somente um objecto de critica, mas uma fonte inspiradora de novas idéas, alem das que ella possa conter, tanto as que lhe são implicitas como as que apenas nascem della por uma suggestão do leitor

attento, é tarefa que se impõe ao critico. Araripe desempenha-a cabalmente. Nessa especulação elle deleita-se de tal maneira, que não raro roça pela alta fantasia, como em *Gregorio de Mattos*; mas o perfil que elle estuda fica delineado de um modo imperecivel. E' lastimavel que elle não se tenha ainda abalançado a uma obra vasta sobre a nossa literatura, tão pouco e mal estudada no seu conjuncto. O que se lhe conhece de mais desenvolvido em critica é o *Movimento literario do anno de 1893*, abrangendo como se vê, um periodo insignificante. Afóra isso e as duas monographias citadas, publicou opusculos, como *Carta sobre a literatura brasileira*, *O papado*, *Funcção normal do terror*, mais uma monographia sobre *Dirceu*, uma outra sobre *Don Garcia Merou*, poeta e diplomata argentino e *Lucros e perdas*, de collaboração.

Sylvio Roméro, que foi esse collaborador de Araripe e que depois divergiu tanto delle, é uma curiosidade no nosso meio. Elle o enche com a sua febre e a sua agitação de batalhador; mas quanto esforço perdido! Pagou o seu tributo ao romantismo com os *Ultimos harpejos* e com os *Cantos fim de seculo*, embora renegue a fonte onde bebeu a sua inspiração primeira.

Dedicou-se depois á philosophia e á critica e tem publicado um sem numero de livros. Não se recusará merecimento á sua *Historia da literatura brasileira*, unico retrospecto mais ou menos completo que possui-

mos da nossa vida literaria. Um labor pesadissimo e uma investigação prodigiosa deve ter-lhe custado a confecção dessa obra, onde todos vão buscar informações sobre o passado. Mas, possuisse elle envergadura de critico e synthese de philosopho, e a *Historia da literatura*, reduzida a proporções menores, conteria um ensinamento mais sabio e mais proveitosas lições, isto é, seria a historia e a critica de quatro seculos, em vez de um repositorio de informações condimentadas por juizos arbitrarios e contradictorios, sem a gravidade e a profundeza que requerem trabalhos dessa ordem. Quanto ás suas inclinações intellectuaes, Sylvio Roméro é um ecletico desastrado. Póde-se assegurar que elle não conseguiu jámais comprehender o espirito das correntes literarias que succederam ao romantismo.

Mergulhou romantico e veiu á tona ungido de symbolismo, fórma actual e mascarada do romantismo, da maneira por que é praticado entre nós. Possue o seu cenaculo de genios precoces, que elle vai successivamente guindando aos córnos da Fama. A sua maior evidencia vem da recrudescencia continua com que tem sido atacado na sua obra; no emtanto essas proprias hostilidades, não raro injustas e excessivas, revelam nelle e nella qualidades de resistencia, que contrabalançam a rudeza das aggressões. Entre ellas está a da sua perfeita boa-fé no enunciado das suas variadas e divergentes opiniões sobre o mesmo assumpto.

Com o tempo altera-se-lhe o julgamento dos factos e das doutrinas, de um modo radical. Elle é o antipoda dos conservadores ferrenhos, que nascem e morrem com umas tantas convicções, sem possibilidade de uma pequenina evolução. O seu espirito de combatividade é que parece dar-lhe essa instabilidade intellectual, pois não é a falta de cultura, que a tem farta e vasta. Surprehendido pelos problemas do momento, não se furta a nenhum uso de argumentos mais ou menos especiosos para fazer valer o seu conceito e, no exclusivismo dessa preoccupação, serve-se de tudo quanto lhe póde ser util na occasião, mesmo que em desaccôrdo com juizos anteriores. E' a chicana em letras. Não é capaz de uma obra doutrinaria, serena e pacata. Até em um simples ensaio sobre *Philosophia do Direito* elle esgrime armas acerbas e luta contra moinhos; e na falta de outro adversario, pega-se ao proprio Tobias Barreto, seu mestre e amigo. E' esta a sua feição. Figura curiosa e anomala, elle ha de ficar, comtudo, na nossa historia literaria, como um agitador e um iconoclasta, vaidoso, arrogante, exuberante, incapaz de crear, mas destinado a preparar o terreno para a germinação de muitas idéas e doutrinas.

Aluizio de Azevedo iniciou a reacção naturalista, mais a Emilio Zola, que a Eça de Queiroz; porque sinto entre esses grandes vultos da escripta, não obstante

a sua orientação commum, uma distincção capital de processo. Em Zola predomina o grandioso, o tragico, o épico ; em Eça, a minudencia, o episodio, a comedia.

Aluizio quiz para pharol o romancista francez e delle não afastou os seus olhares, senão em o *Livro de uma sogra*, em que se aventura ao estudo de um problema social muito complexo,não falando já nos seus livros de commercio. O escriptor, ha muito silencioso, não se sabe que estadio atravessa hoje, se o de que resultaram *A casa de pensão*, *O cortiço* e *O homem*, se o que produziu o *Livro de uma sogra*. Seria preferivel que resurgisse com um novo modo de ser, tão pessoal, que de todo se livrasse das reminiscencias que se notam nas suas obras. No conto é um impressionista vigoroso.

Um dos casos mais singulares de prompta e no emtanto ephemera consagração é o de Coelho Netto. Houve um tempo, da duração approximada de um lustro, em que esse prosador fecundo atrelou o pensamento nacional ao seu carro de conquista. Elle foi o popular, o muito amado da turba e da intellectualidade.

O seu vôo fôra tão surprehendente que ninguem ousára contestar-lhe a posse desse predominio. Imaginação prodigiosa, se bem que excessiva e desordenada, estylo rutilante, phletorico, elle apparecia predestinado a fixar no romance brasileiro uma lingua harmoniosa e rica, quando se desvencilhasse da pre-

occupação do precioso, do raro orientalesco, da superabundancia de imagens coloridas em excesso, quando se tornasse emfim um sóbrio, um simples.

Mas, com geral surpreza, como um lago que subitamente se congelasse, emquanto o sulcassem barcos e cysnes, tranquillos e confiantes nos phenomenos naturaes, o estylo de Coelho Netto, que se pensava ser uma transição para um outro mais nobre e mais severo, crystallisou-se nesse periodo, inalteravel, insusceptivel de uma modificação evolutiva. As fórmas que, esperava-se, se iriam facetando, ganhando o deslumbramento da lapidação, ao passo que perdessem a primitiva irregularidade de diamante bruto, ficaram paralysadas na sua evolução, foram-se aos poucos fossilisando, aos poucos se tornando banaes, pelo exaggero da sua propria opulencia. No *Sertão* deu o mais alto documento da sua capacidade. *Miragem*, pallida, e *O Rei Fantasma*, fabuloso e recamado, apresentavam-se como duas linhas divergentes, de que seria natural resultante aquelle magnifico livro de contos. E pensava-se que do *Sertão* elle partiria emfim para o triumpho real e desejado. Ao envez disso renegou a sua propria conquista e desastradamente volveu a estadios inferiores, consumindo a sua intelligencia e a sua fecundidade mental em especulações banalissimas de generos secundarios de literatura, ou, confiando demasiado na sua força, appli-

cando-se a outros que estavam absolutamente fóra do seu temperamento. A sua obra é vasta, mas de uma lastimavel incoherencia. O seu excesso encruou-a; elle foi uma victima do seu orgulho ou da necessidade de viver da sua penna em um meio incapaz de servir a taes ambições.

INGLEZ DE SOUZA é o naturalista das selvas. Transportou para o livro o rumor bravio da floresta virgem, o bramido selvagem da natureza e os rudes costumes das civilisações que começam nos centros remotos do paiz.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE não estreou ainda no romance e se elle tem um logar nesta rapida resenha, é que os seus contos representam algo de muito novo entre nós. Dotado de um extraordinario poder de assimilação, elle transportou para a lingua portugueza, no mais sóbrio dos estylos, a novella franceza, no genero de Maupassant. O que o prejudica é o seu incuravel diletantismo. Quando mais joven, publicou versos que pareciam uma revelação de poeta. Depois apagou-se e, quando reappareceu, veiu como um forte prosador, que trabalha nas horas desoccupadas, por desfastio, para matar o tempo.

E' pequeno o numero dos nossos poetas primazes. Entre todos ALBERTO DE OLIVEIRA destaca-se no seu hieratico amor à forma, na sua paixão reservada e intensa pela Natureza. Nelle o parnasianismo exag-

gerou-se até quasi à impassibilidade. A sua evolução intellectual veiu-se fazendo, muito logica e muito nobre, dos quentes arroubos pantheistas para as sagradas commoções da vida interior. A medida que melhor interpretava a natureza, poz-se a amal-a com religião, a querel-a com mais carinho e a cantal-a com um culto mais severo e menos ruidoso.

Das *Canções romanticas* ao *Livro de Emma* nota-se uma gamma decrescente de chromatismo da fórma e uma escala crescente de condensação de sentimentos e idéas. Elle chegou a essa admiravel serenidade de um pontifice, cultor de ritos e de symbolos mysticos, que nada desconheça de taes mysterios, que, unico, os saiba interpretar, oracularmente, sem uma hesitação. Nos seus primeiros livros como que se observa uma vontade deliberada de não deixar expandir-se o coração mais do que a sua reserva permittisse ; e esta outra preoccupação de fazer do verso o bronze perfeito, esculpido, burnido, impenetravel á censura. Nesse *Livro de Emma*, nem mais a manifestação flagrante dessa vontade, nem essa preoccupação ; porque o seu coração aprendeu a dizer dos seus tumultos apenas o necessario para dar à sua arte o sopro de vida que revele a existencia de um coração tumultuoso; e porque o verso se deixou dobrar ao poder de tão forte senhor e perdeu a sua dureza diamantina para tomar a flexibilidade do amianto.

Luiz Delfino veiu do alcandorado hugoismo. E' do tempo em que Victor, o Grande, enchia o seculo e o mundo com a sua estatura de gigante, tão despotico, tão formidavel, tão orgulhoso, tão cheio de vaidades, como o grande corso, que elle tão sinceramente admirou. Com o surto do parnasianismo Luiz Delfino apresentou-se no seu aspecto moderno, logo proclamado e proclamando-se o principe da nova escola, vendo ao seu lado crescerem e se fazerem mestres um pugilo de novos que hoje honram a poetica brasileira. Elle é bem exactamente, guardando-se as proporções, o Hugo brasileiro, com as extremas vaidades que lhe attribuem e com o seu orgulho de autor glorioso e inédito, a quem não seduziram os baratos ouropeis da Academia, em cujo seio não entrará porque não possue livro publicado. E a sua obra é vastissima; a sua obstinação em não reunil-a em volume parece revelar ou o desprezo pela apotheose contemporanea ou o temor de não ser comprehendido. No emtanto para a sua definitiva consagração falta-lhe apenas essa formalidade, pois, de facto, ninguem lhe poderá contestar a proeminencia no meio. A sua fórma affecta a preoccupação da plastica, a obsessão da rima, o desvello da perfeição exterior; mas a sua alma de romantico canta dentro dos seus sonetos, no desvendar de éras mortas e na evocação de typos extinctos. Dir-se-ia, porém, e com mais acerto, que na

sua transição elle derivou para um terceiro modo de ser, que não é propriamente o classicismo, mas que o lembra. Ha um perfume de cousas velhas e um descoramento de mumias nas suas evocações; mas, postas á moderna, vestidas com galas novas, ellas se excedem até do parnasianismo e adquirem, por um effeito natural de contrastes, tons violentos de symbolos. Luiz Delfino concretisa, portanto, toda a evolução poetica brasileira deste seculo. A sua obra ficará como um monumento cyclico, o unico que o Brasil tenha produzido no genero.

Olavo Bilac é dos artistas mais bem dotados da sua geração. Uma vida empolgante de trabalho bem compensado, em um outro meio mais generoso e menos ingrato, faria delle um vulto de soberana grandeza. Por muito parnasiano que seja, é tambem um arroubado lyrico, cantando as sensações fortes da vida pela clangorosa trompa do seu éstro exaltado. O seu talento de chronista celebrado não é mais do que uma dispersão do seu genio poetico, que a vida jornalistica e a falta de cultura progressiva têm prejudicado. Os seus *Versos* hão de ficar como a nota mais vibrante do seu espirito e um documento precioso desta phase literaria do Brasil.

Raymundo Corrêa é um poeta de meditações severas. Com Theophilo Dias elle completa a escola parnasiana, nos seus mais legitimos representantes.

Raymundo Corrêa é mais profundo e menos imaginoso; Theophilo Dias mais impetuoso e ardente. Os proprios titulos das suas obras revelam essa distincção, que nellas mais se assignala: O primeiro é o autor das *Symphonias* e das *Alleluias*; o segundo — dos *Cantos tropicaes* e das *Fanfarras*.

O autor das *Ondas*, Luiz Murat, com toda a sua obscuridade e apezar da rebeldia do seu verso, é poeta de mérito. Tem a imaginação fogosa, cheia de caprichos; mas o seu sentimento é frio e desmaiado. Por isso, talvez, é dos menos populares. As suas poesias raramente agradam a uma primeira leitura e sabe Deus se nesta terra se tem paciencia para duas leituras de uma mesma obra. E' um romantico modificado pelas estheticas modernas.

Quando a arte literaria começa a affirmar um certo gráo de aperfeiçoamento intellectual de um povo, cada geração que desponta traz comsigo os seus criticos, ou antes o seu critico, isto é, o que melhor a representa nos seus ideaes, como nos seus pensares, o que faz a selecção, o que interpreta, commenta, luta e aggride. José Verissimo é desses parnasianos e naturalistas o representante na critica. Como se excederam Aluizio e Coelho Netto, um no seu ardor de sectario, outro na sua ancia vã de gloria prematura; como levou Alberto ao exaggero o seu zelo pela fórma e Murat pelo exotismo bárbaro e Bilac pelo erotismo

dourado ; assim José Verissimo deu á sua critica uma voluntaria aspereza e um exclusivismo partidario extremado. Por mais que elle se queira tornar de uma larga imparcialidade, no julgar os da sua formação, por mais que os zurza, que os trate sem piedade, sente-se que é todo delles o seu amor e que só nelles repousam o seu enthusiasmo restricto e a fé de que o Brasil será bem representado no futuro. Ainda dos que se foram, dos das antigas escolas, que deviam ter vivido para permittir a ecclosão dos actuaes dominantes, elle não se arreda com tão systhematica antipathia ; mas dos que trazem pretenções a renovar o que está solidamente plantado, dos que intentam substituir as fórmas vigentes por outras que julgam mais perfeitas ou mais de accordo com o momento, não lhe falem. A estes não dá quartel, nem por uma complacencia de bom humor. Esta a imperfeição que encontro no seu espirito. A da sua fórma é fazel-a muito á moda classica, de um apuramento rebuscado, embora de uma correcção que pouco deixa a desejar. O que demais não se lhe contestará é a educação da sua mentalidade, cada dia enriquecida de novos cabedaes, e é ainda a sua sinceridade nos mais benevolos, como nos mais severos julgamentos.

Depois de Martins Penna, de França Junior e Macedo, outro escriptor brasileiro não elevou mais alto a arte dramatica do que ARTHUR AZEVEDO,

irmão do autor d'*O Cortiço*; mas tambem nenhum ontro mais a desamou, depois que deu os bellos fructos do seu primeiro enthusiasmo. Elle é o autor das mais leves, desopilantes e graciosas comedias do nosso theatro, como *Os noivos*, *A joia*, *A princeza dos Cajueiros*. O seu talento de poeta lyrico destinava-o a um logar dos mais conspicuos entre os nossos vates. A vida de imprensa e a necessidade, ao que parece, de escrever para o theatro farças ligeiras, ao sabor dos desintelligentes emprezarios e do publico analphabeto, desvirtuaram o seu talento e alquebraram a influencia que elle estava destinado a exercer nas nossas letras dramaticas.

Está assim traçada a caracteristica do periodo de renovamento que succedeu ao romantismo. Elle é dos mais brilhantes da nossa vida intellectual, porque veiu affirmar uma cohesão que ha muito não se sentia entre os elementos do nosso belletrismo. Não faltaram incidentes que o abastardaram: lutas pequenas, ambições illegitimas de predominio, formação espuria de corrilhos. Mas só as individualidades fortes triumpharam. Os processos artificiaes, se por um momento serviram a certos planos ambiciosos, bem cedo revelaram a sua propria inanidade; e a inflexivel lei de selecção eliminou os incapazes. Em torno dos que vão assignalados neste esboço nucleos de valor se formaram,

bellos talentos floresceram, mas não se destacam por um novo aspecto.

E ao passo que esses prosadores e poetas exerciam, no seu apparecimento, um legitimo predominio mental, que ninguem procurava contestar, outros, de cerebração incompleta, caudilhos das novas idéas, avassallavam a intellectualidade nacional, impondo-se como a um povo conquistado, pela força brutal do triumpho, que era menos delles do que dos que se ficavam, quietos e graves, trabalhando e construindo.

Deu-se o mesmo phenomeno que se nota nas guerras intestinas. Os chefes que se bateram por um ideal, após a victoria concentram as suas energias para pensar somente no futuro, cuja responsabilidade lhes peza, emquanto que os cabecilhas, que adheriram ao movimento para tentar a sorte, se arrogam direitos senhoriaes, dominio absoluto, exigem obediencia céga aos seus caprichos e vontades.

Prevalecendo-se da solidariedade passiva dos que com elles vieram juntos nas refregas das academias, esses montavam guarda, com um ferocidade de molossos famintos, aos desfiladeiros que levam ás regiões da gloria. Ah! ninguem passaria por ali, sem prestar vassalagem, sem se encartar no bando. Entre os que primeiro dissentiram dessas pesadas imposições esteve Luiz Murat; depois a onda revolucionaria se avolumou, de estadio em estadio, levantando rebeldes em cada

geração que se definia. Os tres ultimos lustros do seculo foram de uma encarniçada pugna. Os insurgentes executaram os idolos e magnatas, de ouropeis usurpados; entraram nos falsos templos de chapéo na cabeça e arrearam, com uma semceremonia de inconoclastas, os semi-deuses aterrados. Deceparam-se as mãos, os pés e as orelhas dos geuios de fancaria, que ficaram uivando em desespero, na horrenda mutilação. Houve barbarias inuteis.

E no meio desse cháos, entre os clamores da luta, um nobre espirito iniciou na *Gazeta de Noticias* a publicação de um romance, que nem parecia escripto em portuguez, nem feito por brasileiro. Era RAUL POMPEIA que surdia com o seu estupendo *O Atheneu*. Quem não conhece essa obra, ignora a pagina mais artistica da nossa literatura. Entretanto parece que pequeno interesse despertou a sua publicação diaria. Foi a propria *Gazeta* que a editou em um hediondo volumesinho, em papel de derradeira qualidade e aproveitando a composição feita para as suas columnas.

Sub-intitula-se *O Atheneu* uma *Chronica de Saudades*; mas em verdade é uma encyclopedia psychologica. Pompeia estudou o internato masculino, dizendo o bastante para derrocal-o, se no Brasil a penna de um artista derrocasse qualquer cousa. Com uma segurança de analyse que não se enfraquece, nem por um instante, elle esboça os typos dos collegiaes, caracterisando-os

com tanta nitidez, que logo elles se destacam uns dos outros, cada um com a sua personalidade propria de seres vivos. E entre as nervuras dos episodios e a descripção dos quadros, elle apresenta theorias de arte que revelam a curiosidade original do seu espirito e a inquietação que nelle morava, o anceio por uma renovação radical nos banaes processos que a arte literaria tem vindo, desde seculos, a gastar, a tornar sediços, a ponto de chegar quasi a ser impossivel extrair delles uma nova emoção. A fidalguia bizarra do seu estylo era ainda uma prova dessas preoccupações felizes, mas fataes. Elle o tinha de uma opulencia, que não era a opulencia banal dos periodos cheios e redondos; nervoso e conciso, tirando ao naturalismo a sua clareza e a precisão dos detalhes, e ao symbolismo os tons dourados de certas fórmas, a surprehendente construcção de certos periodos musicaes, que impressionam como um rythmo, antes de fazer pensar. *O Atheneu* é uma galeria de pequenos quadros, além de tudo. Encontram-se ahi paginas que se poderiam destacar do livro e transportar, com o auxilio das tintas, para uma téla. E' inutil procurar-se por todo elle uma phrase sediça. Como um blóco polido de bronze, elle nada offerece ao buril. Raul Pompeia era assim o mais nobre exemplo de quanto póde o artista que trabalha, que medita, longe das camarilhas, desprezando todas

as agitações exteriores, e concentrando as suas forças para dirigil-as a um alvo determinado.

Um que abalou a atmosphera do meio, quer no seu retiro, quando vivo, quer depois da sua morte, foi esse estranho e ainda incomprehendido Cruz e Souza. Ente subjectivo, creado para deleites e para abstracções, quiz o destino chumbal-o á miseria e á realidade. Nasceu d'ahi a febre louca da sua obra e d'ahi proveiu a agitação que ferveu sempre em derredor delle, promovida pelos de bom coração, que se commoviam aos accentos dessa magoa suprema e se inquietavam com essa ancia interminavel que o torturava. O seu espirito depurou-se no sacrificio. A sua intellectualidade affirmou-se no cultivo das suas desditas. Começou a fazer raros amigos, que, para serem amigos, se deveriam tornar confidentes intellectuaes, carbonarios possuidores de uns tantos signos cabalisticos e desusados. Não era um corrilho; era uma seita. Reunidos, todos tinham o sentimento unanime, a intelligencia concorde; o riso, o motejo e a lagrima rompiam delles com uma espontaneidade primitiva. Foi uma grande cohorte, hoje dissolvida e disseminada, onde figuravam todos os typos que de costume tomam parte em taes concilios: o irmão intellectual, o admirador solicito e intelligente, o discipulo e o pobre eunucho, prestes ao applauso, bôa figura no côro, cantando afinado, sem ambições nem invejas.

Nessa atmosphera, toda de falsos estimulos, toda differente do meio, estufa carinhosa onde se abrigava o Negro das afflicções lá de fóra e onde sómente podia viver feliz, elle foi educando a sua alma na tenebrosa contemplação da sua propria desventura. Do exterior recolhia os mil attrictos, as vesgas desconfianças, os equivocos que se não procuravam explicar, e, peior do que isso, os desdens reaes, as injurias directas, as allusões covardes, e dentro da cálida estufa tudo se transformava em symbolos e todo o amargor da sua alma passava para o papel. Os seus dous primeiros livros, *Broqueis* e *Missal*, foram fructos do seu isolamento. Elle os fez, quando quiz affirmar os violentos protestos da sua alma transviada no tremedal da vida, só e desamparada. Quando sentiu ouvido o seu appello, quando comprehendida a sua angustia, elle teve então esse calor de ninho para meditar nas amarguras que havia de dizer e para se desafogar de todas as queixas comprimidas. São dessa época as biblicas paginas das *Evocações*, atormentadas, como gritos de aguias feridas, todas traspassadas de uma emoção desvairada, e exaltadas por um sôpro de epopéa. São ainda dessa phase os seus sonetos mortificados, cheios de espasmos e de claros anceios, inquietos pelos mil problemas da vida.

Com a sua morte scindiu-se violentamente o agrupamento. Não se chegou a um accordo quanto á he-

rança do seu renome e quanto á sua preferencia espiritual entre os acolytos. Mas essa mesma dissidencia, com todos os seus inconvenientes e sobretudo com os seus corollarios lastimaveis para a compostura de alguns, deu fructos: a definição e a caracterisação dos vultos que se iam deixando absorver no remanso anonymo da collectividade.

Se Cruz e Souza foi esse revoltado passivo, trancado dentro da sua obstinação, silencioso e arredio ás lutas, ADOLPHO CAMINHA, extincto poucos mezes antes delle, foi o gladiador intemerato, todo de acção e de arrojos. Este não guardou comsigo as suas revoltas, trouxe-as para a divulgação da imprensa e bateu-se pelas suas ideias com um ardor de propagandista. O seu influxo fez-se sentir na geração que despontava, dando-lhe assomos de independencia que fructificaram e que a fizeram reagir nobremente contra a intolerancia da época. Naturalmente extremado, soube dar comtudo á sua obra toda a compostura e dignidade. Foi um forte, pois é ser forte reunir a um coração abundante de sentimentos, uma alma de tempera invariavel. E' ser forte ser coherente comsigo mesmo em todos os actos da vida, quer os que concorrem para a felicidade, quer os que assignalam um soffrimento. Levar até ao extremo os arroubos do seu temperamento, desligar-se de todos os interesses por amor a um ideal, passar indifferente pelas doces com-

pensações para ir buscar as amarguras das lutas desiguaes e provocar as iras dos que pódem mais, será de um imprevidente, mas é tambem de um forte. E é este o traço caracteristico de Adolpho Caminha. D'ahi vêm, como corollarios, a sua franqueza e a sua rude sinceridade. Transportado da sua alma para a sua mentalidade, este predicado fez delle um escriptor naturalista, estudando a vida pelos seus aspectos reaes, dourando o estylo com as cores naturaes, desenvolvendo a sua narrativa através dos episodios communs, de que elle fazia resaltarem a philosophia e as lições implicitas. Esta mesma qualidade no seu coração fez delle um amigo de uma effectividade robusta e a todo o instante querendo se provar, um amoroso capaz de todos os sacrificios e todas as violencias para obter e para conservar os objectos do seu amor. Vê-se, pois, que elle foi um espirito que se estimou a si proprio, condição primaria para que se mereça a estima alheia. Toda a sua obra é um reflexo perfeito da sua alma nobre e recta. Não conhecia as sinuosidades das situações dubias, as fugas dos momentos decisivos; d'ahi toda essa tranquilla audacia revelada nos seus livros. Em *A Normalista* apresenta os typos degenerados desses representantes da meia burguezia e traça-lhes o perfil pequeno, com as máculas que lhes são proprias, com os seus vicios secretos, os seus pendores e as suas mazellas. Nas *Cartas Literarias*

affronta a convenção do meio, derriba, com uma serenidade que era muito delle, os idolos prégados a pedestaes de fancaria pela boçalidade contemporanea. A sua clava não se desviava de uma linha. Poderia ter sido aqui severo, ali injusto, mas era inflexivel na sua sinceridade. Em *Bom-Crioulo* não recua perante nenhuma crueza de scena ou de estylo, por isso que não escrevia para educandas, affirmava com muito bom senso, e porque o que elle dizia não era creado por elle e se encontrava em um sem numero de obras de sciencia, com o acompanhamento de gravuras que fariam corar uma parede caiada. Finalmente em *A Tentação* é a sociedade carioca, do alto mundo, que soffre a sua analyse. Não é ainda de um ser muito forte essa persistencia na luta, essa porfia na mesma estrada difficil, despertando contra si todos os odios poderosos e todas as prevenções?

Figueiredo Pimentel tambem é naturalista, porem de uma maneira pouco discreta. Tem produzido muito; mas os seus romances causam mais escandalo que successo literario; se lhes faltasse a nota escandalosa, seriam obras apreciaveis pela observação, mas não escoimadas de defeitos, reveladores de uma intelligencia que não se refaz no estudo.

Em São Paulo fulgurou com um resplandor desusado uma poetisa tão senhora do verso, como os nossos

melhores poetas—FRANCISCA JULIA DA SILVA, a impassivel autora dos *Marmores*, cinzeladora de alexandrinos másculos. A commoção não sacóde os seus nervos de artista, nem faz vibrar o seu verso. Tem a musa fria, impassivel, impessoal de Leconte A critica nacional quasi que a desconhece. Sylvio Roméro nem lhe cita o nome na sua memoria para o *Livro do Centenario*.

Juntamente com esses, ou logo após elles, vieram os que se denominaram *novos*. Antes, porem, um naturalista se definia no Ceará com predicados de estylista e intuições de psychologo— PAPI JUNIOR, autor d'*O Simas*. E' ainda superabundante, mas tem vigor e intrepidez de analyse.

Dos novos, em relação a esses parnasianos e naturalistas, caracterisam melhor a collectividade :

NESTOR VICTOR, autor d'*Os signos*, contos symbolicos, d'*A hora*, estudos criticos, e de *Amigos*, romance, onde o symbolismo é apenas um tenue veu, que a maioria dos leitores não perceberá. Neste livro o autor é de uma singeleza que se poderá presumir rebuscada, mas que, parece-me, ficará predominando na sua obra futura.

GONZAGA DUQUE, o artista da *Mocidade Morta*, e de um volume de critica, sobre a *Arte brasileira*. O seu livro é, por ora, aquelle romance. E' um colorista que por vezes, na ancia de colorir, se excede. Nada justifica, porém, a negação formal com que o receberam os conservadores.

Emilio de Menezes, o poeta funebre dos *Poemas da morte*. Destaca-se com relevo com os seus alexandrinos agoureiros, cheios de uma nevrose mystica, de que só elle os sabe impregnar.

B. Lopes. Produziu os *Brazões*, poemas heraldicos, aristocraticos de fórma, buscando mais a esthetica que o sentimento. Os seus *Chromos* são banaes e o que tem publicado em seguida áquelle formoso livro não o iguala.

Raul Braga, inédito. O que tem escripto na imprensa periodica colloca-o bem, como um delicado miniaturista da psychologia, desvendando as paixões humanas com a paciencia e o desvello de um joalheiro.

Em torno destes agita-se uma legião; não citarei nomes, pois não estou fazendo um trabalho exhaustivo. Essa exclusão, porem, não significa, nem aqui, nem em parte alguma deste capitulo referente aos contemporaneos, que os exemplares considerados sejam os unicos capazes. Apenas serão, a meu ver, os mais caracteristicos ou, pelo menos, os que pôde estudar de mais perto.

Ainda depois destes levantam-se novas pleiades que já lutam, que já se batem por um logar, que já se rebellam contra os actuaes dominantes e procuram expulsal-os às violentas coronhadas.

Essa ancia dos plumitivos de predominar pelo terror e de se impor pela irreverencia é de todos os

tempos. Não se lhes póde levar a mal esse ingenuo processo de combate. E' natural que, emquanto não adquirem a verdadeira confiança em si, emquanto não dispoem de elementos pessoaes de victoria, elles se valham da irresponsabilidade que a juventude lhes outorga, para agitar o meio com as suas blasphemias e as suas loucuras sadias.

São preferiveis esses inconoclastas ruidosos aos precoces conservadores que começam a sua carreira literaria pela admiração aos consagrados, que se encontram cedo nas valiosas e protectoras camarilhas, provando a sua natural propensão á subalternidade e portanto a sua carencia de audacia e a sua incapacidade para a autonomia. Estes irão se desenvolvendo como tibios parasitas, aferrados aos dorsos dos espessos crustaceos e viverão dentro da orbita em que estes gyram, sem elementos e sem coragem para existirem independentes. Prostrar-se-ão em extasis ante um idolo carcomido e quando o idolo desapparecer volverão á sua obscuridade, pois delle é que terão recebido o prestigio ephemero da sua existencia.

Mas não basta blasphemar; é preciso ter talento e possuir o segredo de saber encontrar nas sagradas instituições que se pretendem derrocar os pontos vulneraveis pelo ridiculo e nos abantesmas fossilisados que obstruem as estradas, as falhas e os intersticios, onde deve penetrar a picareta irreve-

rente que os irá desconjuntar e demolir. A argucia é indispensavel para se julgar quando vale mais um piparote bem applicado do que a massa contundente.

E esses pontifices, no seu hieratismo solemne, são, em regra, de uma desoladora fragilidade. Affectam, por precaução e manha, uma indifferença superior pelas aggressões à sua respeitabilidade e à sua inviolabilidade; mas, por trás da careta impassivel que prégam ao rosto, as linhas physionomicas se lhes alteram e as cores naturaes da epiderme lhes fogem; porque elles são, antes de tudo, de uma timidez infantil, no seu terror de decadencia. A bôa da celebridade, que tanto lhes custou conquistar, é-lhes cousa cára e preciosa; serve-lhes de aureola e de anteparo. Lembra a muralha fortissima de Carthago, assediada pelas catapultas, pelos arietes, pelas cegonhas e pelos escorpiões, de uma serenidade de rocha bruta na sua descommunal grandeza, mas encerrando um povo em panico, apavorado pelo brutal ataque dos Barbaros.

E muito comicos na sua impassibilidade apparente, adoraveis kagados, que na calma dos bons tempos de apotheóse, estendem fóra do casco, com tranquillidade, a cabecinha chata e as pernas curtas, mas que prestes as recolhem, quando se avisinha o perigo. E então é um raro gosto vel-os apanhar com alma,

obstinados no seu proposito de não protestar, fingindo que é por não dar importancia, mas de facto sentindo a desigualdade da luta contra aggressores de tão vastos recursos

Ora, pôr cordeis a esses bonecos, fazel-os dansar a contragosto é obra digna de hereticos e insubmissos, mas que deve ser feita de bom humor. Quando elles se tornam insensiveis a todos os processos de ataque, quando se fazem absolutamente surdos, affectando um desprezo intoleravel pelos que exigem contas dos privilegios que se arrogaram, então, sim, deve-se tratal-os como verdadeiros bonecos, deve-se desmantelal-os para se ver o que têm dentro, como é muito commum succeder aos seus semelhantes de engonço, quando nas mãos de crianças curiosas.

Mas alguns dos novos de hoje são, além de violentos e grosseiros, desintelligentes. Elles não comprehendem as vantagens do bom humor nessa tarefa preliminar que lhes compete realisar para se definirem. Uns são negadores systematicos. Outros amam o calão injurioso e a invectiva, promettem partir a cara dos profanadores da sua querida Arte, atacam a honorabilidade dos desaffectos e ficam triumphantes, julgando-se irrespondiveis, quando não passam de irresponsaveis. Não será com qualquer desses que se fará a evolução, que se dará o renovamento periodico.

Mas, como notei, entre elles ha typos intelligentes e

audaciosos que sabem destruir a proposito; são agentes activos de reconstrucção, nada despreziveis. Além delles, a geração que surge conta obreiros pacificos que constròem, emquanto elles derrocam. E não è raro que o mesmo que maneja o camartello empunhe a pá constructora.

Julgo representar esses tres grupos, personificando-os em Paulo Barreto, o demolidor implacavel, Oliveira Gomes, o pacato operario, arredado de tumultos e Julio Afranio, transplantador de uma escola que já vai sendo renegada pelos proprios pontifices e juntamente revolucionario, que golpeia as instituições sociaes mais respeitaveis, para substituil-as não sei por que outras. Em torno, afora alguns de merito já provado, abundam os talentos indecisos, que buscam de qualquer fórma subir a flor e fervilham — um cardume negro — os poetasinhos e poetastros, os rhapsodistas entrevados, os dizedores de cousas galantes, já engelhados, já velhos, já grisalhos, na sua ancianidade precoce; e não fazem falta os prematuros conselheiros letrados, que aos vinte annos conhecem Homero, Dante, Petrarcha, a literatura ingleza, a literatura scandinava, a literatura franceza, a literatura classica de dous ou tres paizes e até a literatura brasileira, mas que ficam muito perplexos, quando se lembram de dar applicação a tantos conhecimentos. Estes nasceram graves e respeitadores; fógem com espanto dos mineiros brutaes que

olapam as queridas e vetustas cousas veneraveis; alam com circumspecção e não discutem os themas do nomento, preferindo esperar pela opinião vencedora, ara firmar juizo; e se sonham, os seus sonhos ccentuam as suas ambições por um logarzinho na Academia de Letras, seio confortavel dos factores le glorias imprevistas, viveiro dos editores.

Todos esses venerandos jovens caracterisam-se exteriormente pelas suas incomparaveis revistas: revistas conservadoras, de trabalhos comedidos, sem audacias, contando em prosa e verso essas mesmas cousas que se conhecem desde Adão, intermeiadas de um nada de estudos philosophicos e eruditos e mais de um poucochinho da boa literatura sisuda dos mestres, solicitodos com empenho e amor para dar assim prestigio à tentativa modesta; revistas austéras, da mais pura, da mais incorruptivel Arte, vasadouro de locubrações vulgarmente chamadas nephelibatas, muito dolorosas em regra geral, quasi sempre guindadas de um modo patusco e quanto mais guindadas mais banaes; revistas pasquins, nas quaes se saltou a trincheira dos comedidos assomos e se vomita a bilis mais azeda que artistas possam vomitar.

Em todas as épocas os novos foram o que são os de hoje. Apenas estes vêm com uma sofreguidão maior, ávidos de publicidade, galgando apressadamente as escadarias estreitas da Fama, atropellando-se, com-

primindo-se, rolando alguns os degraus, entre pragas e maldições. E os ultimos não são absolutamente inuteis; alcatifam as lages e guindam os que conseguem passar adiante e que se vão direitos ao topo da ladeira.

PAULO BARRETO já foi dos mais loucos nessa ardente liça. Blasphemou como um hereje contra tudo; mas não se descuidou de fortalecer o espirito. Leu com amor a literatura estrangeira e percorreu a indigena com vista accelerada. Comparando-se a tantos que facilmente venceram, não comprehendeu porque não venceria tambem. Fez-se ouvido pela violencia ao principio; depois pelo criterio de alguns juizos. E' um forte combatente que chegará se tiver a perfeita noção das responsabilidades deste momento, que são tamanhas, que pouca margem abrem ás transigencias culposas, como ás cégas intransigencias.

OLIVEIRA GOMES, rhapsoda suave e lyrico, tem já um livro—*Terra dolorosa*. A obra é dessas que fazem dizer-se do autor que escreve com o coração. Não tem alma de lutador, mas de propagandista pacifico. Houve um tempo, em que não tinha preoccupação mais feliz do que fundar revistas; parece que a mania lhe passou. Tem-se aventurado á critica com certa felicidade; na *Nova Revista* fez uma autopsia do nosso theatro. D'ahi por diante tem mais ou menos registrado com a sua penna blandiciosa as etapas literarias destes tres annos ultimos. Houve profunda modificação

no seu temperamento analytico, depois que se fez autor: ficou mais humano e mais complacente. Ás vezes torna-se rhetorico. Quando generalisa, é feliz nos seus conceitos e isso revela uma excellente qualidade.

O symbolista não creio que se fique em meio caminho. E' claro que me refiro a JULIO AFRANIO, unico incorporador no Brasil da escola do autor de *La sagesse et la destinée*. Quando tudo propende para o personalismo, quando cada individuo sente a inanidade dos conclaves, a insubsistencia das formulas collectivas, quando cada um se abandona a si proprio, é de lastimar que o autor da *Rosa mystica* queira adaptar ao momento as repousadas chinezices do symbolismo. O symbolo é uma formosa creação ; Christo foi symbolista, Salomão e David o foram. A escola não é, portanto, do seculo. Mas os tempos não permittem mais esse entorpecimento de acção que resulta da construcção e da revelação dos poemas symbolicos. Os problemas actuaes precipitam-se ; nós, o Brasil, ainda estamos em elaboração. O nosso evoluir tem sido justamente perturbado pela intervenção extemporanea das diversas fórmas de arte que têm surgido e desapparecido alternativamente no velho mundo. Buscámos realisar uma especie de ontogenia literaria e não temos conseguido senão atrophiar o embryão da nossa literatura.

A escola symbolista tem tido entre nós varias adaptações, modeladas nos autores portuguezes e que

não conseguiram vingar. E seria estranho o phenomeno da sua implantação em terras americanas.

Povos que apenas começam a sua vida historica, de cultura imperfeita e incompleta, não podem pretender, em dado momento da sua evolução, sem que sejam compellidos por forças sociaes poderosas, adoptar escolas literarias que uma elaboração muitas vezes secular fez despontar no sólo sáfaro e cansado das velhas nações occidentaes.

A literatura de um povo, quando elle a possue oriunda das suas lutas, dos seus anceios, dos tumultos das suas paixões, da sua alma, emfim, representa, de um modo flagrante, toda a odysséa do seu passado e o idéal do seu presente. Ella deve ser tão espontanea como a maturidade de um fructo. Que vale violental-a? Isso, pelo menos, concorreria para lhe entorpecer a marcha, pois ella teria de voltar atrás, para proseguir do ponto de interrupção.

Ha uma emulação mórbida, por se acharem outros centros em um estado mais avançado de civilisação? Mas, porque esse anceio, se as etapas serão rigorosamente observadas e se a natureza, tambem em literatura, não dá saltos?

E', pois, o symbolismo, planta exotica nas regiões brasilias. Elle poderá fructificar em bellos especimens de uma fórma augusta, poderá ser habilmente assimilado por espiritos curiosos; mas não corres-

ponderá de modo algum a uma corrente imperiosa da vida intellectual. Não será impulsionado por um morbus secreto. Não representará a modalidade de uma crise ou de um desequilibrio mental da época, como succedeu nos paizes que o viram nascer, flor monstruosa e escarlate á luz do sol, na sua sombria pompa externa; e tetrica, como um pesadello, no tremedal da sua philosophia pessimista, escura e desesperada.

Se Julio Afranio tivesse accentuados pendores para o symbolismo, que os seguisse; mas elle é um philosopho e um sociologo de ideias claras e precisas, um positivo, em summa. Vê-se que está algemado nas paginas da sua *Rosa Mystica;* quando conseguir partir esses grilhões, teremos, ao que parece, mais um forte para as grandes campanhas de amanhã.

A éra actual é de uma enorme exigencia para as sagrações; a selecção vae se tornando difficil. Os vencedores chegarão armados da cabeça aos pés. E' por isso que muitos da velha guarda, veteranos respeitados das gerações anteriores, estão succumbindo asphyxiados. Que a terra lhes seja leve!

NOVOS E VELHOS

Um dia me fiz reporter literario. Andava uma grave questão a me tirar o somno. Porque era que uns tantos rapazes viviam tão indignados, a esbravejar contra umas entidades que pelos modos deviam formar uma olygarchia poderosa e que elles desdenhosamente chamavam de *velhos* e porque era que uns tantos senhores de idade, em geral conhecidos sob a denominação de criticos, brandiam contra esses moços as suas clavas enferrujadas, gritando ao mundo que esses *novos* (era como elles mesmos se appellidavam) eram uns idiotas e uns analphabetos? Senhores, que algazarra é esta?

Resolvi entrevistar um representante de cada facção. O *velho* disse-me:

— Meu amigo, esses pimpolhos são malucos. Sahiram agora mesmo das escolas primarias, conhecendo rudimentos de grammatica portugueza, traduzindo mal o francez, com umas noções perfunctorias

das cinco partes do mundo, das guerras das cruzadas, da decadencia romana e das dymnastias do Egypto ; atiraram-se a ler os decadistas francezes e decidiram fazer obras primas. Trazem-nos essas maravilhas de arte e porque as atiramos na cesta dos papeis sujos, descompõem-nos e vão supplicar aos jornaes — esses esgotos complacentes de sandices literarias — a publicação das suas locubrações. Julgam-se immortaes, genios e lançam contra nós as imprecações ferozes que você está ouvindo diariamente. Ora, diga-me você : E' possivel que nós, que somos toda uma geração de trabalhadores, que vimos de longe estudando e produzindo, demos guarida aos frutos peccos dessas intellectualidades bisonhas, desses plumitivos malcreados ? E a arrogancia delles ! Não querem conselhos nem correcções. Não lhes alterem uma virgula, aceitem-n'os como elles são. Têm um desdem altivo pelos eruditos. Arte é inspiração, é febre, é tortura. Um artista que abraza as pestanas, debruçado sobre os classicos, è um imbecil. Um soneto deve ser feito entre martyrios pungentes de imaginação, o suor correndo copioso, a grenha desfeita, e isso pela calada da noite alta, sob a inspiração directa dos silencios longos e tenebrosos. Dividem-se em decadistas, symbolistas, nephelibatas, satanicos, demoniacos, que sei eu ? Têm o culto de Verlaine e Eugenio de Castro. Victor Hugo é uma besta, Zola é uma besta, Musset

é uma besta, Oliveira Martins é uma besta, Machado de Assis é uma besta. Este mundo é uma cavallariça de Verlaine, de Eugenio de Castro e delles. Pretendendo usar dos seus direitos, aventuram-se a nos cavalgar e, se protestamos, móem-nos de desaforos. E fazem critica! Sabe você que é a critica delles? Leia o que têm dito por ahi. Onde? perguntará você surprezo. Mas no primeiro numero das mil e uma revistas que têm publicado. E digo «no primeiro numero» porque raramente publicam o segundo. Você não as viu? Pois eu as tenho todas aqui. Se tirassem apenas cinco exemplares, um seria para mim. Não se consolariam nunca se eu não lesse o que pensam a meu respeito. E eu lhes faço a vontade. Os versos, os poemas, as suppliciadas e suppliciantes paginas de prosa, isso não! passo-as respeitosamente por alto e, quando muito, percorro com o olhar assustado as grimpas das linhas cerradas, onde as letras maiusculas se perfilam sombriamente. Mas quando sinto que mordem, atiro-me sofrego. Rio-me como um louco... Horrores, meu cáro, horrores! Ahi tem você... Somos nós culpados?

Confesso que sahi impressionado. Procurei um guerrilheiro *novo* e eis o que me disse elle:

— Nós estamos na estacada. Elles nos fecharam todas as portas, organisaram-se egoisticamente em camarilhas para a guerra contra os *novos*... E' o instincto

de conservação que os impelle a essa attitude. Constituem uma quadrilha formidavel de imbecis. Não comprehendem nada. São de uma obtusidade deploravel. Ainda oscillam idiotamente entre o classicismo e o romantismo. As revistas que sustentam com sacrificios formidaveis, porque ninguem as assigna, são o repositorio mais indigesto de quanta borracheira se tem dito nestes dez seculos.

Folheie os livros desses fosseis. Não têm uma idéa. Porque não permittem, pois, que venhamos nós ascendendo ás posições que nos competem? Temos companheiros geniaes. Sabe como os recebem? Mandando-os estudar! Mas se elles estudam ha vinte annos e não têm feito até hoje senão reproduzir, deformada, toda a literatura franceza! São parnasianos, são impassiveis, são romanticos, são naturalistas, são psychologos, o diabo! Isto quer dizer—plagiarios servis de Leconte, de Heredia, de Zola, de Musset, de Hugo, de Bourget, de Feuillet, etc. Pergunte-lhes se leram Baudelaire, se conhecem o Nobre, o Castro, Verlaine... Que sabem da literatura do Norte, da literatura ingleza?... Nada! Não conhecem nada! Para elles só existem os megatherios francezes e portuguezes, que devoram a busca de termos antiquados e de phrases bombasticas... Mas emfim tudo era desculpavel se nos deixassem viver. Mas qual! São revoltantes! Perseguem-nos com o terror da competencia. Nós trazemos as formulas

novas e impereciveis, somos senhores da unica emoção viva em Arte.

Hoje as coisas devem ser ditas de uma maneira differente de cincoenta annos atrás, é claro. Senão, para que serviriam a evolução philologica, o progresso social, as novas e assombrosas descobertas ? Como se poderiam interpretar as nevroses estranhas do momento com a agua morna dos rhetoricos francezes ? Ah! mas elles já se vão convencendo da miseria dos seus destinos ! Já ouvem o ruido da approximação dos cruzados da geração nova, já sentem nos seus cabellos o halito ardente das nossas implacaveis revoltas e tratam de se precaver.

O senhor sabe que ha pouco elles formaram uma Academia de Letras. Que significa isto ? Mais um baluarte, o quadrado do desespero, a resistencia ás nossas investidas. Trancaram-se dentro dessa traquitana ignobil, proclamaram-se immortaes e—unicos exploradores dos jornaes e dos editores—zurram as ultimas asnidades que os seus cerebros atrophiados cream. E pensam que nós asj iramos á sua companhia e pretendemos as suas cadeiras de bobagem ! Não ! ficaremos de fóra, nas nossas barricadas, e, quando conseguirmos invadir essa arapuca a que elles se abrigaram, é para demolil-a e queimal-a, para que della não fique nem memoria nas gerações vindouras...

Sahi desvairado por tanta violencia e tanta indi-

gnação e não sem dar alguma razão a esse ardente iconoclasta.

Mas não me achava satisfeito, as minhas duvidas permaneciam de pé! Pensei então que devia procurar ouvir alguem que estivesse fóra dessas refregas e que me fizesse escutar uma palavra calma e sensata, sem as paixões dos sectarios. Não me foi difficil. Conhecia um escriptor que nem era *novo* nem *velho*, nascido para a arte entre as duas gerações que se degladiavam; trinta annos, empregado publico, nunca escrevera em jornaes, nem dirigira revistas, autor de dois romances, um livro de contos e um de versos... Era o meu homem.

Depois de ouvir attentamente a exposição que lhe fiz das erupções dos meus dois entrevistados, poz-se um instante a reflectir e pausadamente falou:

— Você foi bater a duas portas suspeitas. Imagino que deve estar com o juizo a arder. Esses dois senhores são dois extremos irreconciliaveis, mas que não só se tocam, como ajustam è coincidem, pela sua fraca cerebração e a sua inopia intellectual. São simulacros pifios de demagogos literarios, cada qual mais imprestavel para perpetuar a nossa época. Fique certo você de que essa gritaria não póde vir de boa gente. Vence quem trabalha porfiadamente e quem tem merito e não quem mais grita e se preoccupa com as mesquinhas questões de competencias rivaes. Esse *velho*

vem arrastando a sua intellectualidade inutil e esteril de vinte annos a esta parte, vivendo dos reclames amigos e das complacencias da critica indigena. Elle, como muitos outros que você vê hoje na primeira fila das celebridades nacionaes, não produziu ainda um livro de valor, que digo? uma pagina original. E' o producto de uma tenacidade e de uma audacia incriveis. Dia a dia foi conquistando a publicidade com as suas alvorotadas ousadias. Elle foi o que é hoje este *novo* que você visitou, como este será mais tarde o *velho* impenitente e implacavel, que disputará o terreno aos que o rodearem, com a ferocidade do cão que defende um osso. Não! não será entre esses dois grupos de agitadores que você encontrará o artista brasileiro, nem artista algum se faz com essas apostolisações exclusivistas e insensatas, com as armas extremas das descomposturas e dos endeusamentos. Bem sei que é humano a gente defender-se quando atacada, nem é disso que se trata. No meio das suas cogitações e dos seus labores intellectuaes, o artista tem occasião de estender as suas poderosas garras de erudito e esmagar as vespas invejosas que o aferroam, distrahindo-o das suas preoccupações graves; mas fazer de uma campanha idiota o seu tirocinio literario, é prova cabal de impotencia. Não ha *novos* nem *velhos*, meu cáro amigo; ha artistas e sapos. E não é só, está claro; ha mediocres modestos, bem intencionados e obscuros,

mas não é delles que nos estamos occupando. Disse : ha artistas e sapos. Os sapos coaxam por todos os lagos e pantanos, pelas estradas verdejantes, pelas florestas e pelas *sapucaias*. São uns peregrinos incansaveis. Os artistas têm o seu remanso predilecto. Pousam meditadamente num recanto solitario, cercado das suas evocações e dos seus sonhos e trabalham, recolhidos e febris. Podem ter sessenta ou quarenta ou vinte annos. Vicejam em qualquer escola literaria, ou, despreoccupados dessa idéa, vão produzindo o que permitte o seu temperamento. Não creia nem no desprezo dos mastodontes pelas gerações fecundas, nem no ardor bellico dos specimens rachiticos das raças modernas. Entre o fossil e o zebroide, (ultimo producto hybrido conhecido) ha as familias fortes dos intellectuaes sadios e robustos, a aristocracia vigorosa e pura dos que têm talento e que tanto podem vergar ao peso das condecorações, como ter apenas o esmero da forma e da elegancia e olhar para esses condecorados com um orgulho simples e a esperança de ser os seus continuadores e os herdeiros das suas glorias. Fóra disto tudo é inutil e mesquinho. Um furacão violento varrerá dos espaços illimitados essa praga de gafanhotos, quer os de antennas partidas e azas estropiadas, quer os novissimos filhotes de dentes agudos, e só as aguias resistirão victoriosas e, desdenhando das correntes

adversas, voarão, batendo as azas possantes, com a *directriz* primitiva que tomaram...

Pareceram-me sensatas estas palavras. Quando o poeta acabou de pronuncial-as, retirei-me com o enxame das minhas duvidas disperso, como esse bando de gafanhotos a que elle se referia.

OS EPHEMEROS

— Do recanto obscuro de uma provincia surge um dia um genio ainda envolto nas fraldas infantis. Os que primeiro o descobrem são os seus papás extaticos, que assombrados notam que elle já vai reconhecendo as pessoas, que sorri com intelligencia, como se comprehendesse o que ouve, que agita os bracinhos quando se lhe aproxima a mamadeira... Essas manifestações parecem decisivas aos Colombos do genio e d'ahi por diante tudo esperam do assombroso pimpolho. Não ha desvelos de que o não cerquem; a vida do entesinho é guardada e vigiada como a de um principe herdeiro. Mais tarde, para que não corrompa a virgindade do seu espirito, não consentem que elle se afaste um instante delles; para que evite algum desastre, para que não lhe batam, para que não se aventure a jogos perigosos, fazem-no acompanhar por uma aia solicita; para que vá aprendendo a gravidade que

compete a um futuro grande homem, prohibem-lhe alegrias alvorotadas ou exageradas tagarelices.

Aos seis annos veste-se como um boneco de doze, tem a compostura e a severidade de um patriarcha, o andar pausado e medido dos burros mansos e a covardia dos fraldiqueiros batidos. Levam-no á escola e fazem ao mestre especiaes recommendações... Que esse não é um menino como os outros, é um talento espantoso, basta attender para a sua circumspecção e para a serenidade do seu olhar. E desfiam os factos e incidentes que vêm desde a mais tenra puericia indicando ao joven abantesma as culminancias a que terá o direito de aspirar. Entre os seus collegas é desde logo um caso aparte. Emquanto os outros, endiabrados e brejeirotes, fazem caretas aos professores, espetam os vizinhos com alfinetes ou se engalfinham ferozmente no recreio por um naco de pão, elle teimosamente de olhos grelados no livro e numa attitude idiota de respeito, fica quieto e sério, estudando as lições passadas, presentes e futuras. O mestre louva-o, passa-lhe a mão pela cabeça com carinho e prophetisa-lhe um futuro radiante.

Aos doze annos entra um dia em casa com a cara alanhada e escalavrada e os vestidos rotos, de uma sóva que lhe applicou um companheiro de dez annos. E traz a face apavorada, com o terror indomavel a que o habituaram.

Aos quinze é a revelação. A mamã descobre entre os seus papeis de estudo uns versos horripilantes, que fez a uma mocinha que o espera todos os dias á janela, quando elle volta para casa. Os versos passam para o patrimonio da familia e os pais, comprehendendo que elle precisa de um meio largo para o desenvolvimento do espirito, mandam-no para o Lyceu estudar os preparatorios.

Falta-lhe a muralha protectora que a familia construiu em torno delle, passa despercebido e ninguem exalta os seus meritos precoces. A saudade do lar dá-lhe uma pieguice incomparavel e por entre os estudos arrastados com preguiça vem de quando em quando a preoccupação da musa. Perpetra frequentemente locubrações hediondas, que consegue publicar, para gloria e renome da familia ausente, nuns jornalecos de estudantes; e nos exames mostra-se de uma incompetencia desoladora. Não raro consegue ser orador official nas sessões solemnes dos gremios literarios e nellas lê uns discursos pantafaçudos, arranjados entre torturas, disformes na sua hediondez de miscelanea indigesta.

E por fim vem ter á Capital, concluidos os preparatorios ou, com uma nova orientação, abandonado o estudo, tentar profissão mais liberal. A sua predilecção literaria accentua-se. Agora elle mesmo está convencido da grandeza do seu destino...

Julguei de bom alvitre interromper a farta loquacidade do amigo que me dizia essas coisas á mesa do jantar e atirei-lhe esta replica :

—Bom ! O que você está a me impingir é a monographia do brasileiro. Isso tem pouco de commum com o assumpto que debatiamos.

—Vejo que o seu appetite é egoista. Pois como hei de explicar esses casos pathologicos de literatura, sem subir ás fontes donde provêm os seus prodromos ? E você está enganado. Todo brasileiro não teve essa educação na primeira juventude. E os que a têm saem-nos em geral uns lorpas e uns incapazes.

Emfim cá está o meu homem na Capital Federal, sedento de glorias. Imagina que facil lhe será vencer. O seu plano está traçado. Por intermedio de collegas que vieram antes delle,e já relacionados portanto, dar-se-á a conhecer aos literatos de renome, penetrará nas redacções, conquistará as boas graças da critica, será festejado e bem aceito em toda parte. E começa a faina. Um dia apresentam-no ao poeta A. Zumbaias,cumprimentos,offertas... No dia seguinte o poeta passa por elle e não lhe tira o chapéo... O critico B. não lhe poupa elogios, quando o collocam em presença delle, mas nem uma palavra a seu respeito nas suas referencias... O jornalista C. recebe-o perfeitamente bem no seu jornal a primeira vez que o levam

lá. Mas, dias depois, atrapalha-se quando o vê, ouve-o desattentamente, occupado a revolver papeis...

E um desanimo frio e amargo começa a entrar no espirito do conquistador. E' que não sabem de quanto elle é capaz! Escolhe da sua collecção uns versos que causaram successo lá na terra e triumphante os leva a um redactor. Este o manda sentar delicadamente, já de todo esquecido delle e a pensar que se trata de alguma reclamação. Quando elle lhe offerece os versos, o pobre homem passa um olhar desolado pelas tiras escriptas e murmura:

—Ah! E' o senhor Fulano. O nosso jornal não é propriamente literario, mas, não ha duvida, ha de se publicar. E guarda o original na pasta.

Os dias passam-se longos para o poeta que todas as manhãs sae de casa cedo, ancioso pela aurora da sua celebridade. Quando, já perdidas as esperanças, volta á redacção, o original não se encontra mais. Elle mesmo já está varrido da memoria curta desses senhores de jornal.

—Seu nome? Elle dá o nome com humildade.

—Nada! Impossivel de se encontrar. Bem, o senhor não se zanga; dá-nos outra coisa.

E se a outra coisa apparece finalmente, vem em regra escoltada por diversos annuncios de drogas e pastas, lá para os fins da 2ª pagina, nas proximidades da *secção livre*...

Nesse periodo é que o poeta começa a desconfiar de si proprio. E' a época critica. Desdenha das musas, fala mal da imprensa e, como é soldado de uma legião, começa a organisar bandos para a defeza commum.

Ora, a união faz a força. Em torno da mesa de um botequim, excitados pelos vapores leves dos *chopps* e pelas ardencias de um companheiro exaltado, os confederados combinam fazer uma colligação contra esse estado de coisas. E' preciso reagir! E como se deve combater com as mesmas armas, resolve-se a creação de uma revista de Arte.

O nosso homem ahi desabafa; toda a sua bilis extravasa; diz os horrores que as injustiças accumularam dentro da sua alma revoltada, mas escasseiam os recursos e a revista de Arte morre.

Agora que mordeu no fructo prohibido, o seu afan, o seu desejo ardente é entrar nesses jornaes que lhe foram tão fechados e hostis.

Revolve ceus e terra; empenhos, recommendações, cartas de apresentação... tudo é inutil diante dessa grande impossibilidade: Não ha vaga! Espere! E elle espera. Um mez, dois mezes, dez mezes; emfim, se é teimoso e persistente, adquire um logar de reporter.

Mas a vida de imprensa esgota-o, anniquila-o. As lutas estereis, as impotencias para produzir, as deficiencias de instrucção, as noites de vigilia, tudo

concorre para a sna incapacidade. E durante seis e mais annos apenas consegue organizar uma camarilha de semelhantes, entre os quaes pontifica a seu modo, emquanto uma lufada não o arremessa para longe, vencido por fim, crucificado á propria mediocridade.

E um representa mais ou menos os outros. Todos têm a bilis á flôr, uma quitessencia de rancor e despeito nas suas enunciações; nem generosos, nem sinceros, nem honestos.

Mas deve-se-lhes tudo perdoar, porque são de tão curta vida! Mais parecem uns desesperançados pyrilampos, que passam, na sua agonia de fogos fatuos, abrindo e fechando as pupillas de fogo, no desespero de nunca poder tel-as abertas fixamente sobre a espessura das trevas circumdantes.

Na sua ultima phase tornam-se impostores e charlatães e sobretudo maledicentes, mas de uma maledicencia perversa e amarga, desnaturada mesmo, da qual se gabam e se vangloriam como de uma qualidade superior na refrega.

Ah! pobres seres ephemeros! Vivem no anonymato das turbas impotentes, e a fingirem de anjos rebellados! Ephemeros como essas plantas que nascem e morrem dentro do espaço de um anno... Ephemeros como a leptophlebia, de fronte estreita e antennas curtas, que se encontra nas noites ardentes de estio,

formando nuvens espessas, e que goza um dia apenas da sua vida rapida.

Mas elles querem vir a tona, fóra das charnecas a cujo meio se afizeram .. Pobres seres ephemeros! morreriam asphixiados.

O creado servia-nos justamente uma magnifica pescada. E elle concluiu:

— E' como se este peixe tivesse a pretenção de se achar vivo nesta sala, aos pinotes. Os branchios literarios desses moços não sabem colher o oxigenio senão dentro dos charcos das intrigas.

Não me contive mais uma vez:

— Tenho, porém, observado que de entre elles sáem verdadeiras revelações, quando menos se espera...

— Ah! sei! são amphibios, meu cáro. Eram peixes transitoriamente. Cahiram-lhe os branchios, inuteis já, e respiram como nós outros — pelos pulmões.

OS TRIUMPHADORES

— Está ali um bello symbolo, veja! disse o meu amigo, apontando para o ceu. Era noite. Nuvens esfarrapadas buscavam o nascente, velozes, umas escuras, pesadas, rolando com magestadé, outras diaphanas e tenues, num galope desordenado e todas numa direcção commum. E a lua redonda e triste, quando havia um espaço limpo de firmamento, como que disparava vertiginosamente, em rumo do zenith.

Fiz um gesto de espectativa e elle proseguiu :

— Para um rustico aquellas nuvens estão paradas e a lua é que vai subindo, audaciosa e trefega, toda apressada, para o seu destino. Ao crepusculo da tarde ella tem um clarão timido, depois o seu brilho se accentúa e para a noite alta é de ver que irradiação intensa e doce ella atira sobre a terra! Acaso ella vai cortando as massas nebulosas, fugindo, como diria um poeta classico, ás caricias do louro Phebo? Acaso o seu fulgor é proprio e vai crescendo com os rubores

do pejo e as vexações da fuga? E quando pela madrugada ella se apaga, será porque desapparece do espaço ou é porque surge o sol com o seu exclusivismo de tyranno?

Pois é assim o triumphador dos primeiros momentos. Para os que são myopes em visões de arte, elle parece progredir e ascender ao meio-dia da gloria, só pela insistencia com que se exhibe e pelo desfilar dos dias e dos acontecimentos, que vão mergulhando no passado; brilha com uma luz que parece delle, porque não se vê donde a recebe, nem se sabe da existencia do sol occulto que a empresta; e quando se extingue, pensa se que elle passa como todas as coisas humanas e falliveis, quando o certo é que o seu clarão falso empallidece ante o legitimo esplendor dos astros de luz propria.

Os sóes não morrem quando se occultam. Mesmo quando desapparecem de um hemispherio, deixam o seu calor e a sua luz dentro de cada celula de vida e de cada molecula de materia. O genio deixa na terra os traços indeleveis da sua influencia. As almas futuras formar-se-ão ao influxo das suas idéas, serão illuminadas pela sua luz eterna e aquecidas pelo seu calor inextinguivel.

— E' justo o que você diz. Mas se o que triumpha em vida é alvo de acclamações unanimes, que valor tem, em presença dellas, uma opinião solitaria?

— O valor da opinião do Galileu. Elle estava só, a proclamar que a terra se movia. Todos o contestavam e por pouco elle pagava com a vida a sua convicção. E diga: Por isso deixou a terra de se mover em todos os tempos? Creia... Os verdadeiros genios, em geral, só triumpham depois que desapparecem. E só a posteridade os julga com acerto. Acham-se adiantados ao seu tempo, vêm mais longe que o commum dos homens, falam para uma outra época mais perfeita, muitas vezes indifferentes ao seu meio e fóra das preoccupações do presente. Os contemporaneos não os entendem e não os aceitam, como se elles viessem falando uma lingua desconhecida ou se pregassem uma nova moral, que subvertesse completamente as actuaes convenções. Esses sentem que trouxeram um destino a cumprir e a responsabilidade dessa missão dá-lhes orgulho e força para serem pacientes e nada esperarem do momento.

Mas o que assiste á propria glorificação não teve a virtude de esperar, nem soube manter-se alto, surdo aos appellos seductores de uma gloria vã. Transigiu com o gosto depravado da plebe, mentiu á sua consciencia e aos destinos da arte; é, pois, certo que ficará dentro do seu tempo e não transporá os humbraes dos seculos, que não anteviu, de que desdenhou na estreiteza dos seus horizontes.

Em compensação — que vida regalada e facil!

Nasceu do ovo de uma apotheose. Desde a juventude, por uma dessas fortunas inexplicaveis, mas de uma logica imperturbavel, se viu sitiado pelos bons lances e pelas aceitações. Todas as portas se lhe abriram, quando deu o primeiro passo ; os sorrisos e os applausos floresceram em todos os labios á sua passagem; e as flores inodoras e incolores das conquistas faceis desabrocharam na sua estrada. As victorias amolleceram, porém, o seu temperamento e elle vai vivendo das contemporisações, das permutas amaveis, das graciosidades de salão, exercendo um dilletantismo opportunista e habil. A imprensa é incansavel em cantal-o e victorial-o; o editor aceita as suas obras e submette-se ás suas exigencias e elle abusa dessas complacencias e começa a produzir incansavelmente, transformando a arte escripta numa funcção mecanica, regular e continua.

Elle é o Invejado. Elle è o Bemquisto. Elle é o Consagrado. Os premios, de envolta com os louros. vão ao encontro delle, incitando-o a proseguir. Se se dá um saráo, elle é a figura obrigada. Se se organiza um concerto, elle será convidado para representar a arte. Se se celebra uma data, elle será instado para illustrar a solemnidade com o seu verbo facundo. Se se crêa uma revista, elle figurará entre os collaboradores. Se se funda uma academia de letras, elle será membro dessa academia. O seu nome fulgurará

em letras negras e grossas no alto das noticias que se lhe referirem e uma collecção de adjectivos louvaminheiros perfilar-se-á, todas as vezes que elle surgir nos entrelinhados. Por mais que perpetre immoraes borracheiras, nunca decrescerá o extase official. Nas ruas será apontado, quando passar modestamente, andando como toda a gente.

E é essa celebridade que o perde Para acudir aos appellos que lhe chegam de toda parte, atira-se sofrego a todos os generos de literatura, desde o romance feito em vinte dias, para satisfazer a encommenda do editor, até á chronica alinhavada ás pressas para ser publicada na folha diaria; desde o drama ou a farça, até ao monologo humoristico ou o folheto obsceno. A arte transforma-se num jogo de palavras sem expressão e sem côr. Todo senso esthetico desapparece; a emoção nada tem que ver com as concepções; os seus assumptos estão catalogados e numerados, muito abundantes, sufficientes para occupar o resto dos seus dias...

Nesse momento as nuvens tinham desertado do firmamento e só para as bandas do Oriente juntavam-se uns cirrus espessos, prestes a se desfazer. A lua parada fulgia placidamente.

— Então! irrompeu de subito o critico pessimista e mordaz. Veja você que triumpho sereno e

tranquillo ! Snpprimidas as causas da ficção, eil-a immovel e pallida, de uma monotonia estupida.

E depois de um curto silencio, perguntou-me bruscamente :

— Você conhece as obras de Darwin ?

E sem me dar tempo a responder :

— Pois Darwin, a par dos seus maravilhosos estudos e estupendas descobertas sobre a *Origem das especies* e outras que a estas se ligam, se occupou em determinar o papel dos vermes na formação da terra vegetal.

Os vermes, que são cegos e surdos, exercem a funcção de engulir aos grãos toda a terra superficial, não só para se alimentarem com os residuos organicos que ella contem, como para abrirem galerias que os abriguem. Com a continuação desse trabalho, o sólo esburacado vae se abatendo aos poucos, porque é fóra dessas galerias que elles vêm fazer as dejecções da terra que enguliram. E em consequencia, os objectos que se acham na superficie são soterrados e se aprofundam no interior do sólo. Com esse trabalho lento, muito util ao cultivador, porque equivale á acção da charrua, têm chegado a enterrar monumentos da antignidade, naturalmente no lento decorrer de seculos.

Ora, esse literato triumphante tem muita semelhança com esses nossos bisavós. Emquanto explora o campo literario, preoccupado exclusivamente em

engulir e digerir a terra da superficie para alimento e para formação do seu abrigo, vai, descuidado e indifferente, deixando que as grandes idéas e as grandes questões do seu tempo desappareçam e se sepultem, de sorte que aos archeologos do futuro ficaria o cuidado de desenterral-as, se não houvesse outros exploradores conscienciosos que obstassem a esse crime.

E cegos e surdos que são esses triumphadores! Cegos para ver a mobilidade das fórmas e a evolução das coisas; surdos, por vaidade e egoismo, a toda critica sensata, que julgam sempre uma erupção de inveja e uma guerra de competencia.

E como de novo as nuvens invadissem o ceu e a lua recomeçasse a sua disparada vertiginosa:

— Corre ao triumpho! exclamou elle com ironia; corre ao triumpho, vai ao zenith! Antes da madrugada, terás alcançado o fastigio, e, quando Phebo chegar, expulsal-o-ás do firmamento conquistado.

EUNUCOS

Discutia com um amigo coisas puramente intellectuaes, ouvindo-lhe com encanto a palavra acerba e de uma justiça implacavel, vagarosamente flanando, quando de subito elle estacou. A poucos passos de nós um grupo de rapazes palrava animadamente. E o meu amigo, retomando o fio da conversação, disse-me a meia voz:

—Veja, está ali um grupo de literatos, que se diz a fina flor da arte brasileira. Mas você ha de distinguir entre elles umas physionomias cansadas, que parecem de grandes lutadores. Aquelle, por exemplo, e aquelle outro e mais aquelle outro... São os typos mais curiosos desses bandos. Ouvem muito e falam pouco, mas, quando falam, têm sentenças, conceitos e opiniões formaes e categoricas, e que não são delles. Ouviram-n'as de algum mandarim ou leram-n'as em algum livro. Corre que têm muito talento e que hão de produzir muito, mas delles nada se conhece. A sua funcção é

meramente propagadora. Tudo quanto escutam, com os grandes ouvidos abertos, vai ser repetido adiante e a fama dos pagés que elles cercam de lisonjas será cantada sem desfallecimento, porque é da irradiação delles que vivem.

E radicaes que são! Não se profane a Arte delles com uma phrase menos pura e menos burilada. Os seus tympanos educados não permittem uma sonoridade grosseira, nem uma dissonancia, por leve que seja. Quando falam nessas coisas sagradas que os trazem num enlevo perpetuo é como se um mysterio estivesse dentro de cada phrase.

Procuram as palavras delicadas, de symbolos transcendentes, suggestivas, como as chamam, e cantam-n'as p'ra ahi, com recolhimento e extase. Os outros applaudem-n'os, é justo. Os que produzem querem desses arautos discretos que propaguem os seus meritos, sem velleidades de competir com elles.

E depois de um longo tirocinio, chegam a se illudir a si proprios! Todos elles são artistas. Você ha de encontral-os no fundo de umas livrarias complacentes, folheando grossos livros e tomando notas, marcando paginas. Estão se pondo a par do movimento literario. Fazem collecção de catalogos. Possuem no genero tudo o que os editores publicam e espalham em profusão. Comprehende você que assim é facil acompanhar de bem perto a arte nacional e estrangeira.

Ha umas noites tragicas nas vidas desses pobres rapazes. São essas em que se recolhem inspirados, depois de longas palestras excitantes e de leituras mais demoradas. Sentem um formigueiro dentro do cerebro e esquecidos de que tudo aquillo são stratificações hybridas, formadas de elementos estranhos á propria intellectualidade, pensam que é a desejada fecundidade que chega emfim... Não, que dessa vez ha qualquer coisa. Sentam-se açodados á mesa e esperam a revelação. Lá dentro as idéas fervilham. Tratam de coordenal-as, pairam por sobre dez assumptos diversos, procuram fixar as imagens que lhes bailam nos espiritos. Um suorzinho de fadiga e angustia lubrifica-lhes a testa. E depois de uma peleja porfiada, levantam se amargos e tristes, com esse desespero occulto e envergonhado dos impotentes.

Fóra da roda de que fazem parte não ha salvação. Dessa raça detestavel de artistas creadores, só têm benevolencias para os que os recompensam generosamente, reconhecendo-lhes um talento admiravel. Odio aos fecundos, que dispensam os seus serviços, guerra aos que tem a faculdade de traduzir em obras d'arte as suas concepções e procuram o seu logar entre os que lutam com igual afan.

E é essa infecundidade dolorosa que os torna maus e rancorosos. Elles são bons moços, mas a Inveja

açula-os, a Inveja envenena-os, a Inveja estraga-lhes a existencia.

Se a gente podesse tomal-os a sério e fosse perguntar-lhes o que querem, o que pretendem, elles, ou não teriam que responder, ou diriam simplesmente que pretendem apenas que ninguem escreva, desde que elles não o podem fazer.

Os eunuchos hão de ter dessas coleras sombrias que agitám esses moços e, nos seus sonhos morbidos, devem aspirar á extincção da humanidade, para cuja reproducção não podem concorrer.

Aqui eu o interrompi para lhe fazer uma objecção:

— Mas esses rapazes não são todos de uma esterilidade absoluta. Ha entre elles alguns que, se não são celebres, têm comtudo publicado umas locubrações, embora de valor diminuto, mas que indicam que de futuro poderão dar alguma coisa.

— Como você é ingenuo! respondeu-me elle a sorrir. Tambem os eunuchos, a quem os comparei ha pouco, incapazes como são para crear, têm crises violentas de sensualidade.

Pois elles, em consequencia das excitações exteriores, armazenam dentro dos seus cerebros, cujos nervos intellectivos estão feridos de morte, umas tantas idéas, uns tantos pensamentos e até mesmo umas tantas phrases colhidas aqui e ali, ao acaso das palestras e leituras, que depois de uma longa persis-

tencia de incrustação, parecem constituir o acervo mysterioso das concepções proprias: são essas idéas, esses pensamentos e essas phrases, que apparecem nas revistas de arte com as suas assignaturas.

E ahi está o segredo dos plagios inconscientes. Ha poucos plagiarios, acredite. Poucos individuos terão o desplante de ir á uma fonte conhecida roubar elementos para a factura de um trabalho. A grande maioria é de impotentes, feridos nos centros de fecundidade intellectual, que de tempos a tempos segregam os residuos que se depositam nos seus espiritos, como se fossem originaes.

E essa fecundidade artificial conhece-se logo. Vê-se que o fructo é pecco, é monstruoso, sem cunho proprio, sem physionomia individual...

— Perdão! Isto succede a todos os que começam...

— Sim! a quasi todos os que começam succede não terem individualidade definida, mas dentro da massa informe, do esboço de tintas grossas, quando elles tem valor, ha uns traços e uns tons estranhos, que não se conheciam, lampejos de uma independencia proxima. Isso é o embryão da originalidade. Falte elle e teremos o eunucho literario, quer de uma esterilidade inactiva e completa, quer de uma impotencia inconsolavel, ruidosa, cheia de protestos e tormentas. O primeiro, quando quer apparecer na arena,

rouba cynicamente—é o verdadeiro plagiario. O segundo é o plagiario inconsciente; escreve umas coisas que elle pensa ter concebido e que são esses abortos, esses monstruengos, que você lembrou tão desastradamente.

Mas ha entre elles rapazes intelligentes, comtudo; ha-os mesmo bastante instruidos e alguns de uma rara dedicação ao estudo. Isso que prova? Que o ignorante póde crear, e o erudito ser esteril. São coisas que não se complicam, que não se chocam.

— Lá vem você dizer-me que o artista não deve estudar para não perder a originalidade.

— Deus me livre! Isto é um disparate e o proprio signal da mais completa ignorancia. De certo as individualidades indefinidas ainda, mas que tendem a se caracterisar, tiram das suas leituras e dos seus estudos grande parte da fórma exterior dos seus trabalhos. Emquanto a intellectualidade não se emancipa, vai recebendo, como auxiliares provisorios, certos factores secundarios e vai se utilisando delles, á medida das necessidades de occasião.

Depois estes depositos, que se vão accumulando em camadas successivas, desprendem-se por effeito de uma revolução interior, que amadurece o pensamento, fortifica a mentalidade e lhes dá uma funcção regularizada e constante.

Imagine um paiz selvagem, conquistado e domi-

nado por uma horda de aventureiros audaciosos. Mais tarde, quando o sopro da liberdade passar por elle, revoltando-o, elle sacudirá o jugo e expulsará o estrangeiro invasor.

Pois bem! Isso é uma coisa e outra coisa é condemnar o artista á ignorancia. Não ha originalidade possivel sem instrucção farta e vasta. A intelligencia perde as suas faculdades creadoras, desde que o sangue vivificante da erudição, do estudo e da reflexão deixou de correr por ella. E' o mesmo que se dá com o organismo physiologico. O germen da originalidade entoxica-se e aborta nesse meio asphixiante.

Não! é preciso estudar muito. Mas o que eu quero dizer, em resumo, é que o estudo e a meditação, aliás sempre uteis, assim como são condições indispensaveis de originalidade para os fecundos, de nada valem aos eunuchos, neste sentido que não lhes outorgam o poder da creação.

Os eunuchos permanecerão eunuchos, quaesquer que sejam os esforços para conquistar o dom sagrado da fecundidade. Que se limitem aos seus papeis, vigiando os serralhos dos sultões literarios, respeitando as suas idéas e fóra cantando alto a formosura deslumbrante dessas odaliscas, que elles unicos podem ver, em toda a sua nudez e em todo o seu esplendor. E nas suas horas sinistras de erotismo, que não se lem-

brem de trahil-os, porque então serão executados impiedosamente; e que será delles, quando já não houver quem prophetise que promettem muito, que têm muito talento e que são de muito futuro?...

E como eu nada respondesse e não tivesse novas objecções, a conversa caiu e seguimos silenciosos.

ALMAS ESCRAVAS

Eramos quatro no gabinete de fumar: um decadista estrabico, de longas melenas e tez macerada; um irritante analysta, critico de barba a Nazareno, trigueiro, severo, de olhos fulgurantes; um plumitivo, que nos ouvia com face extasiada e ouvidos attentos, e eu.

Emquanto o critico e o bisonho neophyto silenciavam, o guedelhudo poeta ia commigo discorrendo sobre a decadencia da arte e a corrupção de costumes, elle muito pessimista, com visões negras povoando-lhe a imaginação, e eu mais confiante e panglossiano.

—Você vai ficar horrorisado, dissera-me elle.

Preparei-me para o annunciado assombro, mas o rapaz me contou um caso vulgar de *chantage*, praticado por um sujeito autor de uns versos.

O que lhe dava arrepios não era o facto de um patife praticar uma *chantage*, nem tão pouco o de um sujeito fazer versos, coisas muito naturaes, pensava elle,

quando perpetradas por pessoas differentes ; o que lhe abysmava a alma em tenebrosas cogitações, era que um ser capaz de ferir com dedos profanos a lyra sagrada, tivesse ao mesmo tempo estimulos para uma torpeza.

Não lhe achei motivos para desolação e surpresa e disse-lh'o francamente.

Elle revoltou-se :

— Como ! Pois você admitte que um homem capaz de idealisar e produzir obras de real valor artistico desça á infamia de certas traficancias? Que diabo de alma tem tal individuo? Ser apto para receber impressões intellectuaes nobres, e ao mesmo tempo dar guarida a sentimentos moraes vilissimos ! Concedo que um sacripante, destituido de senso esthetico, se paramente com a alva e a estola dos artistas e pontifique sacrilegamente, engodando os basbaques ; mas no alto da cabeça hão de se lhe empinar as orelhas de burro, denunciando-o. E aqui á puridade, quer você que eu lhe diga? Detesto e despreso todos os canalhas vulgares, que, sem aptidões para o trabalho honesto, procuram prolongar a sua corruptora ociosidade com expedientes criminosos ; mas não é a esses que eu fulmino com os meus melhores anathemas. Elles, finalmente, procedem como o commum dos gatunos, sujeitando-se ás leis penaes e aos rigores do codigo, do qual só escapam pela generosa compaixão das victimas. Outros ha de gan-

grenada moral e não obstante bem recebidos e bem cotados, que fazem a *chantage* obscura das vaidades e do medo, servindo-se para isso de instrumentos que a sociedade lhes confia. E baixando a voz, escandalisada pelas torpezas que ia denunciando, contou-nos factos horriveis, visivelmente exaggerados, a que prestavam ouvidos curiosos os nossos companheiros de palestra.

Depois o assumpto, desprendendo-se dos casos concretos, foi evoluindo para as generalidades dos principios e discutiu-se a dualidade moral e intellectual dos seres, a saber, se um mesmo individuo podia ter a alma abastardada e corrupta e um espirito capaz de altos vôos, com grandes e nobres idéaes na vida. Foi o nosso critico quem formulou a questão, com o desejo evidente de desenvolvel-a elle mesmo, ao que de boa mente accedemos.

Elle expoz a sua theoria nestes termos :

— Por mais que os pessimistas convencionaes e systematicos prophetisem que a humanidade marcha em decadencia, já nos seus instinctos, já nas suas aspirações, já nos seus feitos, penso que para o progresso absoluto é que ella ascende continuamente e quando digo—progresso, entendo—aperfeiçoamento.

Todo acto humano, quer apparentemente funesto, quer de immediatas consequencias beneficas, é um passo para a perfeição moral e intellectual.

Recuemos de seculo a seculo e iremos contem-

plando estadios de mais em mais selvagens, passando pela Inquisição, pelas oppressões da Idade Média, pelas sangrentas cruzadas, pelas conquistas brutaes dos imperadores despoticos, pela supremacia dos papas, pelo predominio absoluto dos Cezares sobre todo o mundo, pelas invasões e depredações dos barbaros, até chegarmos ás primitivas colligações ephemeras e heterogeneas.

Relanceemos os nossos olhares sobre as civilisações actuaes e veremos, como em um cinematographo, desfilarem todas as phases da sua evolução, desde a antropophagia confinada nos inhospitos e arredados centros, onde não pôde ainda luzir o clarão das doutrinas generosas, até ao altruismo caridoso dos povos educados e cultos.

Examinemos as differenças ethnicas entre os habitantes do globo e, a partir do negro boçal, primo irmão do gorilla e sobrinho do chimpanzé, de espirito occluso a todas as sensações elevadas, viremos ainda topando com as differenciações mais caracterizadas de cultura, até chegarmos ao apuramento das raças brancas dominadoras.

E, se quizermos ferir de prompto as attenções recalcitrantes, poderemos percorrer com a vertigem do pensamento, através de innumeraveis e augustos millenios, a cadeia animal, de infinitos élos, limitada nos seus extremos inconcebivelmente distanciados, pelo

protozoario unicellular e microscopico e pela admiravel machina viva que somos nós—os homens.

Sob esse quadruplo aspecto, pois, ver-se-á como a evolução se tem feito, do rudimentar para o complexo, do aviltamento para a dignificação da especie, do barbaresco e primitivo para as adaptações superiores.

E não será de estranhar que nesse progredimento incessante se chegue á realisação do sonho dos naturalistas fanaticos: a formação de uma raça muito superior á que agora domina o mundo, tão superior, que só possua as formosas virtudes que hoje cultivamos como flores rarissimas, alem de outras muitas de que, na nossa inferioridade, nem sequer suspeitamos a possivel existencia futura. Isso, já se vê, quando outros milhares de seculos passarem sobre o universo, alterando-lhe as fórmas actuaes e enriquecendo-o de outras infinitamente mais perfeitas.

Com taes convicções o meu pensar é manifesto. Toda conquista intellectual presuppõe no que a faz uma organisação mais avançada e completa que a do commum dos seus semelhantes. Os seres capazes de creações e que nós chamamos genios, porque estão acima dos da sua especie, têm predicados peregrinos de espirito que aos demais fallecem. Já por terem o poder de crear, estão mais proximos das forças inconscientes, que são as legitimas forças, taes como as grandes leis de attracção e repulsão, a continua e

marulhosa mineração das ondas, a influencia de vida e de morte exercida pelo astro rei, a acção da Natureza, emfim, sobre todas as coisas vivas e mortas. Dessa inconsciencia participam os genios, e. como ellas, elles não são susceptiveis de rastejar no pó das acanhadas villanias.

Na alma desses cantam as alleluias das altas virtudes e elles acham-se desprendidos das miserias pequenas e das maculas torpes. Não podem, ao mesmo tempo que possuem o dom das previsões supremas e das nobres intuições, baixar á vasa das vulgares paixões e dos vicios miseraveis.

Um artista, apto para as magnificencias das grandes revelações, vive em um outro meio, ala-se a regiões idéaes, cheias de uma pureza e de uma claridade que não são da terra. Por cima dos banaes horizontes que a vista curta dos reptis abrange, descobrem e contemplam, extasiados, outros horizontes longinquos, limites de outros mundos, só para elles existentes...

Observei ao erudito moço que elle estava subindo muito e exhibindo uma preciosidade de estylo intoleravel Chamado á realidade, resolveu modificar-se e fazer a adaptação pratica da sua theoria.

— Pois bem ! A reciproca do theorema é verdadeira. Um sujeito despido de altos sentimentos, privado de estoicas virtudes, é incapaz de receber sensações legitimas e de poder exprimil-as genialmente

pela arte. A belleza e a perfectibilidade das grandes obras dependem das emoções reaes das almas puras. Os viciosos, os de coração mesquinho e corrompido, poderão imitar as producções dos predestinados, em cuja vida andam conjugadas as mais severas qualidades moraes e intellectuaes, mas não darão nunca á sua obra o cunho original e caracteristico que é peculiar aos que têm na vida um immarcessivel ideal, como Tolstoï ou Ruskin.

A arte é um vehiculo do Bem, aperfeiçoada como tem sido pelas mentalidades preoccupadas em melhorar os destinos dos povos e dos individuos. Se se a pretende empregar como arma perniciosa de maleficio, ella recusa-se ás funcções servis para que não foi formada e perde o seu prestigio, que se pretendeu desvirtuar. Aos que contam fazer della um uso improprio e illegitimo, falta o estimulo secreto e intenso para conseguir os fins inconfessaveis que se alojam nas tenebrosas aguas-furtadas das suas almas; falta o calor central, origem das forças activas, falta a coragem para as conquistas que emprehendem. Falta-lhes, sobretudo, a grande alavanca de Fé, insubstituivel nas emprezas de uma ordem espiritual superior.

São pobres almas presas a cadeias de bronze, que voariam de certo se não estivessem chumbadas no sólo, pois não são azas que lhes faltam. Mas tão cobardes se revelam na resignação, que, mesmo gyrando em

torno da argola que as prega á terra, encontram delicias ineffaveis na miseria dessa existencia e se contentam com os incompletos prazeres que o meio lhes proporciona. Atrophiem-se as azas, envelheçam e descorem-se e caiam as pennas, isso nada val, comtanto que não se lhes perturbe a serenidade do captiveiro, que não as magôe a aspereza das correntes e que as garras — estas sim ! — cresçam e se fortaleçam e adquiram fórmas apropriadas ás aggressões, porque é ainda esse consolo de ferir e de fazer sangrar o unico que lhes resta.

Almas escravas dos vicios inconfessaveis, das escondidas torpezas, que não se dizem, praticadas nos recantos sordidos das tabernas dos bairros suspeitos, ou nas alcovas prostibulares das vilissimas phrynéas, como encontrarão ellas a alegria da vida e as fontes puras, d'onde mana a caudal limpida da arte, se estão corroidas pela mais abjecta degradação? Sem um ideal, sem a depuração dos sacrificios que formam os caracteres, cobardissimas perante a dôr physica, incapazes de dores moraes, pusilanimes, esgotadas nos deboches, vasias de escrupulos, como poderão comprehender a vida e amal-a, a não ser com o amor bestial da conservação e dos gozos grosseiros, como saberão interpretal-a e cantal a e fazel-a nobre e digna de ser vivida, se ha todo um mundo fechado para ellas, onde nunca penetrarão, paraiso perdido, de cuja existencia fingem

duvidar no seu scepticismo degenerado, mas cuja privação cerceará pela base os mais robustos robles do talento?

Façam-me o favor de olhar em torno. Digam-me se eu exaggero!...

Jeremias, com o olhar incandescente, tendo chorado os irremediaveis desastres que na sua imaginação escaldada tomavam proporções aterradoras, cruzára os braços, de pé no meio do gabinete, e da sua barba pareceu-nos ver correr um oleo de santa unccão e na sua cabeça formar-se uma aureola luminosa. O cabelludo decadista, irradiante de enthusiasmo, bradou-lhe em tom prophetico:

—Tu és o Anathema! Tu és o Apocalipse! Mas tu não exaggeras!

—E não só não exaggero, como não posso dizer tudo, proseguiu o critico, animado por esse apoio. Assim, você, meu poeta, accrescentou, tem e não tem razão. Um homem superior, apto para desvendar mysterios inconcebidos, não é capaz de descer ás socavas dos actos vis; por outro lado um meliante de talento póde, é certo, manejar a penna com habilidade, formar estrophes com geito, illudindo e encantando, mas a sua arte não exercerá a menor influencia social, se ficticiamente aparentar intenções da mais apurada honradez, e se for descaradamente immoral e bandalha, se for

o espelho fiel do auctor, só arrastará os muito tibios e os já inoculados de origem.

Que essas creaturas, servas de tão miseras paixões, não lhe causem dó nem indignação. Trate-as como cães vadios. Esqueça-se dellas, em quanto lhe farejarem longe das pernas ; flagelle-as impiedosamente, quando se acercarem de você, arreganhando os dentes.

—Não diga mais nada, acudiu o intonso poeta do decadismo, abraçando-o com effusão, ao passo que o noviço tinha os olhos arregalados de um ingenuo espanto.

ACADEMIA DE LETRAS

Aqui ha tempos quiz o destino que fosse meu companheiro de bond, da Tijuca para a cidade, um sujeito de soiças e oculos azues. Cada um de nós vinha lendo o seu jornal, recolhido e absorto, mas de subito o meu visinho agita violentamente a folha e olhando por cima dos oculos azues, com uma expressão de ferocidade que me surprehendeu, disse-me estas duas palavras, que traziam, pela sua entonação, um cunho triumphal de vingança:

—Mais um!

Mais um!? Que diabo pretenderia esse individuo? Olhei-o estupefacto, esperando que se explicasse, mas elle se limitou a repetir:

—Mais um!

—Um que, cavalheiro? aventurei.

Elle me mostrou uma local que noticiava a escolha de um literato para a Academia Brasileira de Letras.

—Vejo que o senhor se interessa por questões de literatura, disse-lhe eu vagamente.

O meu interlocutor teve então a bondade de me explicar que era poeta e dramaturgo; que até bem pouco tempo antes vivera sem preoccupações de se interessar nas questões que se debatiam no campo literario, mas que a creação da Academia Brasileira de Letras chegára a pôl-o fóra de si. Achava simplesmente idiota essa coisa: uma Academia de Letras, disse-me elle. Aquillo era o tumulo de todas as mentalidades e era com satisfação que elle via afundarem-se nesse tumulo certas individualidades consagradas, que para ali iriam mofar indefinidamente.

E, completando as suas palavras, comprehendi que o dramaturgo de soiças imaginava assim abrir um logar para elle na celebridade, com a eliminação dos competidores. Para estimulal-o disse-lhe rasgadamente a minha opinião nestes termos:

— Em verdade esse importante concilio, estufa mimosa da arte nacional, conluio discreto dos nossos mais eminentes pensadores, não merece tanta severidade. Tem vivido numa inercia condemnavel, lá isso tem. Direi mais, com o devido respeito: não tem correspondido aos extremosos incitamentos com que os seus fundadores estimularam em principio os confrades. Mas emfim, veiu preencher uma lacuna...

— Ora, meu cáro, que tem feito essa Academia?

Reunir-se para a substituição dos membros que morrem. Dizem os physiologistas qne é muito commnm o seguinte phenomeno nervoso, que denominam de *acção reflexa*: Corta-se a cabeça de nma rã: o animal está, portanto, morto; mas, se um espirito curioso ou perverso ferir o cadaver no flanco, os membros da rã se dirigirão inconscientemente para o ponto ferido, voltando ella, logo que cessa o primeiro impulso nervoso, á immobilidade primitiva. Ora, a Academia só move os membros, quando se sente ferida nos flancos com a mutilação de um dos seus orgãos. E' a acção reflexa que a faz agitar-se, é um phenomeno nervoso; mas, de facto, ella é um cadaver.

— O senhor não poderá, porem, contestar que nobre e digno foi o caminho traçado desde o principio aos seus destinos futuros. Não se póde pôr ém duvida que o que nos estava fazendo muita falta era uma fomentação na lingua e na literatura nacionaes. Pois e a isso que a obriga o primeiro artigo dos estatutos.

— E como se têm desempenhado elles desse compromisso? Em primeiro logar, levaram ahi por varias vezes celebrando sessões com o fim de se discutir a orthographia da palavra Brasil; depois fez-se o silencio; nem a essas comedias burlescas nos foi dado mais assistir.

E em ultima analyse, meu cáro senhor, que

significa uma Academia de Letras e que opportunidade tem a creação de uma no Brasil? Comprehende-se que pintores se reunam e fundem uma academia, onde se ensine a pintura, onde se formem as vocações, onde se perpetue a arte da côr e das tintas, como ensinamento aos neophytos. Comprehende-se que geographos, historiadores, archeologos, naturalistas se congreguem para estudos das suas especialidades, para pesquizas, invenções, descobertas, excavações, etc. Mas que literatos se colliguem, que artistas da palavra formem um nucleo exclusivista, composto de um numero determinado de eleitos, que organizem uma camarilha aristocratisada, é um absurdo, é um contra-senso.

Vá lá que um principe desoccupado tenha querido, por vaidade, ligar o seu nome a um acto liberal de protecção ás letras, como em França; admitte-se. Mas que uma meia duzia de homens de letras se considere a parte distincta dos intellectuaes em um meio como o nosso, onde não ha ainda uma selecção racional, é irrisorio. A que vem esta Academia, que tem ella praticado de util ou que poderá ella fazer em beneficio das letras? Pois ha literatos que trabalhem em commum? Um poema é o producto de uma collaboração de varias mentalidades? Uma obra de critica exige a cooperação de diversos

espiritos e um romance é feito aos pedaços, com o concurso parcial de muitos individuos ?

Mas o que fere na sua essencia essa Academia é, mais que tudo, o burlesco de que ella se cercou desde o começo. Lembre-se o senhor da carencia de originalidade com que os seus pais a dotaram. Nem tiveram o pudor de evitar o servilismo do numero. O plagio da Academia Franceza é evidente. Quarenta membros, immortaes, collados ás suas cadeiras por toda a vida, representarão a vanguarda do exercito literario. E como lá as cadeiras tinham os nomes dos seus possuidores mortos, aqui que haveriam elles de inventar? O senhor sabe como foi cortada a difficuldade. Cada cadeira symbolica foi baptisada com o nome de um brasileiro morto. Ora, conhece o senhor maior extravagancia ?

E depois veiu a penuria de dedicações, alliada á miseria de recursos. Dos quarenta immortaes, uns oito ou dez tomam a instituição creada a sério, os demais abandonaram-n'a. E o mais curioso é que esse corpo de notaveis não conseguiu o que um grupo de estudantes consegue facilmente : uma sala mobiliada para realizar as suas sessões. As cadeiras illustres em que se sentam os augustos titulares não são mesmo do patrimonio da Academia. Elles se vão servindo, ao acaso dos favores dos amigos, dos moveis das repartições publicas ou das associações particulares, sem elemen-

tos para adquirir quarenta cadeiras e uma mesa. E isso dura ha annos!

Quando não havia Academia, a gente consolava-se em dizer que o Brasil era um viveiro de genios amordaçados pela ganancia e pela estupidez do editor. Hoje, porém — veja essa miseria! — quarenta luminares da arte nacional não produzem, durante tres annos de trabalho, uma obra de mérito real e não logram adquirir, quer entre si, quer por intermedio de amigos e admiradores, a quantia sufficiente para o primeiro aluguel de uma casa e para a installação da sociedade. Exhibiram assim toda a sua pobreza material e intellectual, expondo-se ao ridiculo inutilmente. Eis tudo quanto conseguiram...

Eu ia considerando essas palavras como filhas bastardas de um despeito incoercivel e, querendo dar um golpe decisivo:

— E o estimulo? perguntei.

— O estimulo? Quem se estimula com taes recompensas? Que os velhos encontrem nessa solidariedade uma illusão da gloria que lhes mentiu, ainda concedo. Que a maior parte delles faça do seu titulo uma ornamentação para impressionar lá fóra, é humano. Que os que não contam comsigo mesmo busquem esse cartaz de celebridade, acho natural. Mas que um artista independente e de mérito aspire a tão pobre honraria, isso não! Mas, com tudo isso —veja o senhor que con-

tradição— estimo que essa pobre Academia exista. Ella é como uma reserva discreta, para onde se vão recolhendo os que nada mais tem que fazer cá fóra : os vencidos e os impotentes, os amadores e os vaidosos. E' um crivo de selecção. E' uma porta aberta da mediocridade sobre o anniquilamento. Consola a gente saber que ha uma valvula por onde se escapam esses residuos...

— Perdão, meu cáro ! apostrophei indignado. Ha lá dentro muita gente boa...

— Quem diz o contrario ? Muita gente boa e alguns sujeitos de talento ; mas esses foram recrutados e não têm culpa da violencia. Sujeitaram-se consolados, mas não tomam isso a sério. Ha mesmo alguns que são complacentes e se prestam benevolamente á comedia para satisfazer aos amigos, mas não é a esses que eu me refiro e sim aos voluntarios, aos ardorosos, aos enthusiastas...

O meu visinho de soiças parecia ter esgotado a sua eloquencia. Eu me sentia vencido, mas não o queria confessar. Já elle, libando o prazer da victoria, se dispunha a continuar a sua leitura, quando, tocando-lhe no braço e olhando-o bem nos oculos azues, disse-lhe com um tom de esmagadora convicção:

— Continúo a pensar que a Academia veiu preencher uma lacuna.

COM AJUDA DE LAFONTAINE

Um dos espiritos mais notaveis da nossa época, já pela sua largueza de vistas, já pela sua illustração, já pela tempera de aço que o forra, já ainda pelo machiavelismo dourado que o fortalece, Medeiros e Albuquerque, tem a infelicidade de pertencer á Academia de Letras e o mau gosto de fingir que a toma muito a serio.

E' assim que, mascarado com um dos transparentes pseudonymos de que usa na imprensa—e isso porque é adversario irreconciliavel do anonymato e autor de um projecto de lei contra elle — veiu a publico (*)—*solus inter pares*—tomar a defesa do nobre congresso de aguias patricias, domiciliado na casa alheia e vivendo ao *Deus dará*.

E a prova de que a Academia não tem defesa é que a do talentoso academico é má.

(*) A *Tribuna*, de 10 de março de 1900.

Ao começar confessa elle que foi uma idéa de imitação que levou a se crear a Academia; mas accrescenta com tibia convicção que essa imitação está mais no nome do que em outra coisa. Ora, comparemos.

A de França é Academia de Letras e tem quarenta membros; estes senhores são immortaes; as vagas são preenchidas por escrutinio secreto; os candidatos devem apresentar-se a disputal-as; as recepções exigem discursos officiaes do eleito e de um academico recipiente; um dos seus principaes fins é o cultivo da lingua nacional; nella admittem-se socios estrangeiros; finalmente as suas cadeiras tomam os nomes dos possuidores extintos.

A de cá é Academia de Letras e tem quarenta membros; estes senhores são immortaes; as vagas são preenchidas por escrutinio secreto; os candidatos devem apresentar-se a disputar essas vagas; as recepções exigem discursos officiaes do eleito e de um academico recipiente; um dos seus fins é o cultivo da lingua nacional; nella admittem-se socios estrangeiros; e as suas cadeiras, como não tivessem occupantes anteriores, foram comicamente baptizadas com os nomes de diversos literatos brasileiros defuntos.

Acham grande a differença? A mim parece que

uma é simplesmente a caricatura da outra e nisto —sim! está a distincção magna entre as duas.

A Academia Franceza é official, o governo a estipendia; as suas sessões são solemnes, todo o grande publico interessa-se por ellas, que constituem, mesmo em Paris, grandes successos; vive em predio proprio, instalada com todas as commodidades. Demais teve uma razão de existir; a vaidade e a magnificencia de um potentado crearam-na, na febre da época de tudo aristocratizar e monopolizar. A tyrannia do tempo autorizava o despotismo literario, como a selecção de castas justificava a imposição ás turbas dos genios officiaes.

E a Academia Brasileira? Porque se a inventou e quem a inventou? A que precedente historico correspondia a necessidade imperiosa da sua fundação e que agentes sociaes impulsionavam a idéa? Que elementos necessitados de uma concentração vinha ella congregar? Eram os seus progenitores creaturas indefesas, baldas de recursos, indispensaveis á nossa evolução literaria, a quem a protecção official viesse livrar de vexações numa crise grave? E a negação do apoio pedido determinava logicamente o congraçamento espontaneo das suas forças para arrostar perigos que ameaçassem a collectividade?

Ora, sabe-se que o primeiro que pela imprensa

de propaganda, de diffusão de conhecimentos, do que um cenaculo de illustres, como essa Academia de Letras pretende ser.

E a razão do seu aborto é justamente a estreiteza das suas vistas e a miseria das suas intenções. Nasceu rachitica, enfezada, entrevada, por querer começar hoje uma tarefa que a França começou seculos atrás.

Mas ao menos podia não ser tão comica, não affrontar com tanta petulancia o ridiculo, se houvesse convicção nos seus membros; se um real enthusiasmo vibrasse nos espiritos dos velhos campeões, ella ao menos apparentaria uma decencia material, fingiria uma existencia regular, arranjando uma séde e realizando as suas sessões.

Mas nada! Organizou-se com o trombetear de todos os reclames pedidos, recrutou elementos em todas as classes, mais ou menos literarias, reuniu-se algumas vezes aqui e ali; e lá se vão tres annos e não disse a que vinha e não deu um ar da sua graça e muito gravemente, com uma seriedade impagavel, logo que lhe morre um socio, rufa a caixa, todos a postos, vae-se fazer uma eleição!

Imagine-se que desgraça se os quarenta immortaes tivessem todos a desastrada lembrança de viver por dez annos!

Esse silencio de necropole por um decennio, essa mudez imperturbavel daria que pensar e seria de

temer. Que estariam elles preparando para uma subita resurreição! Uma inquietação vigilante traria enervados todos os espiritos... Já o defunto Lafontaine dizia:

Les gens sans bruit sont dangereux.

Diga-se a verdade. Os fundadores da Academia compraram um bilhete de loteria Pensaram esses abnegados protectores da arte nacional que conseguiriam abalar, á força de teimosia, a teimosia do governo e que este acabaria, ás suas reiteradas instancias, por lhes dar casa e ordenado, de maneira que os felizardos podessem fazer literatura sem sacrificios, sem preoccupações banaes de editores, sem lhes pesar na bolsa a conquista da gloria. Era uma optima cartada.

—Meus senhores do governo, nós somos bons rapazes, temos um bom gosto indiscutivel e mais ou menos somos todos genios. Estamos convencidos de que faremos a felicidade da Patria, se esta nos quizer pagar para ficarmos celebres. Cá estamos á espera da vossa generosidade, nós, os nossos amigos, os nossos compadres e os nossos pupillos. Venha o dinheiro. Os que estão de fóra que se arranjem, rôam as unhas, vendam a mobilia e a camisa, bajulem os editores e sobretudo nos respeitem, nos admirem, a espera que nós os chamemos para o nosso augusto seio, se isso nos der na gana.

O governo, muito burguez e indifferente ao bem estar dessas adoraveis creaturas, ficou de pedra a tão

seductores appellos e o bilhete sahiu branco. E grande serviço lhes prestou o governo, sabio em se inspirar na maxima de Lafontaine :

Aucun chemin de fleurs ne conduit à la gloire.

Medeiros e Albuquerque concorda que a Academia nada tem feito, mas peiores que ella, exclama, « são as pequenas academias de botequim ». Taes academias, se existem, não as conheço, nem dellas tenho noticia. Mas não nos disputemos por palavras. O meu illustre contendor quer referir-se aos agrupamentos instaveis dos novos homens de letras, mais unidos pelos laços naturaes da convivencia de rapazes e da affinidade de idéaes, do que por quaesquer ligações interesseiras. Apenas não constituem academias, porque as suas relações não passam da communicação de pensamentos, projectos e esperanças e cada qual trabalha separadamente, embora para um mesmo fim commum a todos os artistas.

O que é impagavel é que elle denomina esses grupos de « academias baratas », em opposição á GRANDE Academia, esta — sim ! muito rica, como todos nós sabemos, de uma fabulosa opulencia, cárissima, de uma carestia de diamante negro.

Ora, são ainda essas academias baratas que têm a mais activa parte no movimento literario do Brasil, de

norte a sul. São ellas que crêam essa agitação, embora ficticia, com a publicação de livros e revistas, aquelles — bons ou máos, estas — duradouras ou ephemeras, pouco importa, e com a effervescencia das suas convicções e das suas irreverencias. São ellas que formam a geração de amanhã e dellas é que hão de sahir os substitutos dos condecorados de hoje, bastante fortes estes para do alto falar e dizer as suas sentenças sem appellação, bastante conhecidos para ser ouvidos e cridos,

La raison du plus fort est toujours la meilleure,

mas impotentes para impedir que as coisas sigam o seu curso e que as academias de meia tijela, essas baratas academias de botequim, dêm representantes, pelo menos tão bons, tão uteis e de tanto mérito como elles. Pura questão de tempo e de paciencia e o citado Lafontaine não me deixa mentir :

Patience et longueur de temps
Font plus que force ni que rage.

Se Medeiros e Albuquerque quer realmente merecer dos que se acham compromettidos na Academia de Letras, faça uma coisa muito simples ao seu genio inventivo e arguto. Descubra um meio de dissolver essa corporação de magnatas, mas um meio decente,

que salvaguarde bem a compostura dos graves senhores que embarcaram nessa aventura grotesca, tão impropria á sua circumspecção.

Defesas não as tente, porque o caso não é de defesa, e sim de salvação...

Eh! mon ami, tire-moi du danger,
Tu feras après ta harangue.

Se os inventores da Academia fossem versados nesse adoravel Lafontaine, que me vem por aqui prestando mão forte, antes de tentar essa empreza teriam meditado no famoso conselho que elle dá:

En toute chose il faut considerer la fin.

E quando houvessem cautelosamente estudado de antemão o meio de sahir do poço, caso nelle caissem, ainda se deteriam um momento a reflectir na ponderada observação:

La ruse la mieux ourdie
Peut nuire à son inventeur.

E se o distincto poeta me replicar com a apostrophe:

Ceci s'adresse á vous, esprits du dernier ordre,
Qui, n'etant bons à rien, cherchez surtout á mordre;

eu saberei consolar-me com a advertencia:

On en use ainsi chez les grands:
La raison les offense...

Lafontaine—e é pena— não offerece uma escapula digna aos naufragos da Academia.

Em compensação Medeiros e Albuquerque tem bastante talento e imaginação para forjar um cataclysmo, de que pareça autor o destino, e pelo qual se afunde, sem temor e com as susceptibilidades a coberto, essa desventurada instituição de letras.

ALBERTO DE OLIVEIRA

POESIAS—Edição definitiva—H. Garnier—1900

Philosopho pantheista, é Alberto de Oliveira o nosso poeta mais original e bizarro. No verso só elle tem sabido no Brasil interpretar e amar a Natureza, como ella merece ser amada e interpretada, e só elle representa no Brasil o parnasianismo em todo o seu fulgor e a sua pujança.

Sei que se diz delle que pretendeu reviver uma escola que já vai para o occaso; mas tão boas são as escolas que decaem como as escolas que surgem. A arte não é um bonifrate que ande todas as estações a fazer vestidos pelos figurinos novos, lançando ao desprezo as modas velhas. A arte é alguma coisa de mais severo e grave, é guiada por leis mais altas e serenas e vive dentro dos tempos e dentro das sociedades, como uma funcção immediata delles e dellas.

Recordemos o successo universal causado pelo

poema hugoano de Edmond Rostand, romantico retardado que veiu sublevar o mundo com a escola ha tanto defunta. Que recurso resta aos partidarios da evolução systematica das escolas literarias e a consequente morte das escolas esgotadas, depois deste argumento contemporaneo?

Negar a *Cyrano de Bergerac* o mérito com que o coroaram? Mas esse recurso é illusorio, porque a consagração que o drama de Rostand obteve não foi uma acclamação das turbas, nem o endeusamento de uma *coterie*... As gerações literarias foram unanimes em reconhecer no poeta o evocador genial de uma época remota e o poderoso interprete de um typo historico. Cada um tem, não ha duvida, o direito de restringir o seu enthusiasmo quanto á factura da obra; mas deixa por isso Edmond Rostand de passar á posteridade, coberto dos louros com que os seus coevos o glorificaram? Devo confessar mesmo que me alisto entre esses frios dissidentes, que, admirando o genio desse poeta, não dão comtudo á sua obra um illimitado valor intrinseco. Mas ainda, que influencia tem isso, quando o juizo collectivo dos intellectuaes se pronunciou com tanta eloquencia?

Vêm depois os arautos da morte da poesia prégar a inutilidade do verso na arte. A poesia, segundo elles, vem agonizando desde muito e os artistas que são apenas (!) poetas mentem á sua época, caprichando em

perpetuar as formulas obsoletas do metro, do rythmo e da rima. Meu Deus! A poesia nunca teve tanto vigor, nem nunca se precisou tanto da peia do metro e do freio da rima. As idéas vão marchando em busca dos requintes de expressão e querem a cada hora mais variadas roupagens e mais augustas tunicas, visto como a originalidade nessas roupagens e nessas tunicas é que se vae acoutar. Pois seria agora que se desprezaria esse vehiculo precioso do pensamento e da sensibilidade, para volver exclusivamente ao regimen da prosa, restringindo dest'arte as fórmas da expressão ?

A poesia tem o seu dominio a parte. Ella é feita para uma certa ordem de sensações e apropriada a umas determinadas manifestações. E a prova é que os prosadores, que são poetas ao mêsmo tempo, *sentem* quando a idéa pede a prosa para a sua urdidura ou quando reclama o exotismo difficil do verso.

Digamos, pois, das *Poesias* de Alberto de Oliveira, sem nos preoccuparmos se elle se acastellou no torreão antiquado de uma escola desamparada pelos modernos, ou se é um dos ultimos abencerragens do metro.

E' a edição definitiva da sua obra poetica que elle nos dá nesse volume. As *Meridionaes*, os *Sonetos e Poemas* e os *Versos e Rimas* são bastante conhecidos e fizeram a gloria do poeta. O livro traz dois novos poemas : *Por amor de uma lagrima* e *Livro de*

Emma. Em toda a obra predomina a nota typica do amor e do enthusiasmo pela Natureza. Elle não abandona essa mãi fecunda em nenhuma occasião. Nos arroubos sentimentaes, nos extasis amorosos, nas pungencias amargas, nas contemplações e scismas, ella vem explicando e consolando, ella vem, bondosa e forte, cantada como a fonte e a origem de todos os seres e de todos os destinos.

No *Conselho* o poeta diz ao homem que para as dores sem remedio elle tem o consolo de penetrar no bosque e falar ás coisas surdas e de abysmar a pequenez das suas maguas na grandeza e na impassibilidade das exuberancias da creação.

N'*O Rio* elle evoca a soberba paizagem tropical de uma enorme e profunda caudal, adormecida sob as fulgurações abrazadoras de um céu de fogo.

N'*O Pesadelo* é a visão tremenda de um precipicio por onde se rola, entre o indifferentismo e a magestade do temporal e do furor da ventania e a pavorosa voracidade dos carcavões, como para mostrar a insignificancia do homem perante o formidavel predominio da grande deusa temida.

N'*A Torrente* elle segue com o seu classico poder descriptivo a formação de um fio d'agua, que se faz ribeiro, que se torna em rio, que se transforma em caudal violenta, interrompida de cascatas, e

que é por fim a impetuosa torrente que se despenha do alto das rochas, que se precipita, cavando leitos fundos, e tudo alaga e tudo afoga, fertilizando a terra e banhando as florestas, até que se atira no seio immenso do oceano.

E depois é na *Magia selvagem*, nos *Raios dourados*, n'*As borboletas* (teria que citar quasi todas as poesias do volume), que se manifestam o seu grande amor, o seu extase e o encantamento por todas as revelações da vida pullulante, polyforme, gigantesca, dessa grande procreadora, amante insaciavel e mãi prodigiosamente fecunda.

O sentimento de Alberto de Oliveira é recatado e profundo. Dir-se-ia que tem pudor de mostral-o á luz viva, mas sentem-se nos seus versos de amor as pulsações violentas do coração, o perfume das emoções supremas, que cavam o espirito desses sulcos por onde as lagrimas correrão sempre.

Mortos para sempre e *Ementario* são talvez as duas producções dos *Sonetos e Poemas*, onde o poeta deu mais liberdade e mais expansão ás suas dores intimas.

Mas como obras primas de uma mentalidade exuberante lá estão *A arvore*, *Marmore*, *A lagarta* e *A enchente*.

Deixemos, porém, os livros já conhecidos de

Alberto de Oliveira, para falar das duas ultimas partes, só por esta publicação conhecidas.

A sua impassibilidade abrandou-se, a sua sensibilidade tornou-se humana, elle se deixa vencer por uma lagrima e por amor della perdoa as ingratidões e cessa de odiar.

E por ultimo esse *Livro de Emma*... Que explosões, que desatados suspiros, que desejos soltos, que ancias, que prazer, que enervamento em cantal-a morta e de buscal-a pela natureza inteira, em toda a parte vendo-a e sentindo-a que vive! A sua philosophia condensa-se e fortifica-se. O poeta é o mesmo, mas o philosopho e o pensador nos apparecem mais completos. *Um atomo* é um admiravel poema, em que elle acompanha um atomo de ferro que vem da origem do mundo, passa por mil corpos differentes, até que se incorpora ao sangue de Emma. *A visão da torre*, *Paredes nuas* e *O espelho* revelam no poeta uns tons, não direi novos, mas renovados. Ha um sabor estranho nos symbolos dessas poesias.

Onde iria eu parar se quizesse apresentar esse artista pelas suas multiplas faces e se pretendesse destacar e commentar todos os marmores que elle accumulou na sua obra?

Alberto de Oliveira está quasi só no cultivo da poesia. Os vates brazileiros, em geral, têm desertado em busca de glorias mais praticas e de commodidades

materiaes. Elle fica solitario, nada mais do que poeta, cantando, como a cigarra, pelo prazer de cantar, emquanto as previdentes formigas tratam de abastecer os celleiros, para resistir ás contingencias da sorte.

Que esta cigarra se recuse obstinadamente a acompanhar as outras no seu avatar em formigas, que para formigas nos bastam as que nasceram formigas e para desgraça nossa se querem fazer de cigarras.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

MÃE TAPUYA — CONTOS — H. GARNIER — 1900

Dois criticos disseram sobre este livro de contos: José Verissimo e o dr. Manoel Bomfim, este — um dilettante muito intelligente e muito criterioso leitor. Estou parcialmente com a opinião de ambos, quando o primeiro chama desorientada a arte do autor e quando o segundo determina o seu processo, que consiste em architectar narrativas sobre hypotheses scientificas, batendo-se assim pelas verdades provaveis e affirmando implicitamente a possibilidade de certos factos biologicos e de outros julgados sobrenaturaes.

Grande é o mérito deste escriptor. A sua actividade intellectual, essa não vem desorientada e manifesta-se de uma maneira coherente, visando pontos fixos. Em sciencia tem predileeção pelos phenomenos inexplicaveis do occultismo, do hypnotismo, da magia,

pelos mysterios da telepathia e estuda-os com zelo e acuramento, esperando pela hora em que os sabios os decifrem e os expliquem por leis naturaes. E, emquanto espera, os vai applicando, como observou o dr. Manoel Bomfim, aos seus trabalhos literarios, como se fossem documentos scientificos comprovados, arriscando assim previsões que de futuro ou lhe darão fama de visionario ou de um precursor convencido de verdades intuitivas. Em literatura, ao contrario, é um conservador implacavel: formulas consagradas de estylo, limpidez absoluta de expressão, simplicidade de factura. Combinando as audacias das invenções com a singeleza da fórma, foi habil e intelligente, porquanto ninguem supportaria as extravagancias da sua mentalidade, vestidas por um estylo arrevezado e gongorico.

Refractario ao ocio, trabalha como um impulsivo, sem methodo preconcebido, mas instinctivamente systematizador. O seu cerebro parece já arranjado de maneira a coordenar as suas acções, sem que elle intervenha conscientemente nessa tarefa.

O maximum de resultados com o minimum de esforços, eis o seu idéal. Se podesse reduzir a uma funcção puramente mecanica a concepção intellectual e transformar a engrenagem nervosa em uma perfeita machina, em movimento continuo, isso não lhe causaria grande espanto, e com certeza realizaria o sonho mais

dourado da sua vida. Não o conseguirá, talvez ; mas bem longe ha de chegar. Mesmo agora, que é moço e não adquiriu ainda toda força de intensidade para as suas vontades e não póde tirar dos seus esforços tudo quanto elles são capazes de produzir, tem-se a sensação, quando se o estuda de perto, e com uma curiosidade irrefreavel, de que ali está o plagio de um engenho americano, aperfeiçoado, movido por um processo infallivel, de mólas fortes, precisas e automaticas.

Tudo quanto o seu cerebro privilegiado recebe do exterior, depois de soffrer as adaptações, as transformações, as modificações indispensaveis, volta necessariamente para o exterior, sob uma fórma qualquer de manifestação, isso sem que nada do que póde e deve ser aproveitado se perca ou se destrua.

Mas bem longe vai elle das pobres cerebrações, incapazes de fazer coisas inteiramente novas, das materias primas de que se utilisam. Os seus artefactos perdem o cunho primitivo dos elementos de que se constituem e apresentam uma outra fórma, uma outra côr, uma outra essencia, que não são nem a côr, nem a fórma, nem a essencia das coisas conhecidas e vulgares.

E elle tem consciencia da efficacia do seu methodo. Está convencido de que, com perseverança e vontade, acabará por transformar o seu systema nervoso em uma pilha de tal modo perfeita que não lhe será dif-

ficil, finalmente, exigir delle tudo quanto ditar o seu capricho. O seu conto *Tic-tac* revela bem a confiança que deposita nas qualidades energicas do caracter.

Medeiros e Albuquerque é um aproveitado discipulo do grande Guy de Maupassant. Tudo no seu livro revela a influencia do extraordinario artista francez, desde a preoccupação de escrever num estylo crystallino, até á escolha de assumptos exoticos; desde a simplicidade descuidada dos titulos e da denominação do livro, tirada a um dos contos, até ao aproveitamento de assumptos banalissimos, vestidos com arte e recheiados de incidentes, que muitas vezes nada têm com o desenrolar da narrativa. Um leitor, mesmo intelligente, se lhe dessem *Mãi tapuya* como a tradução de uma obra de Maupassant, não hesitaria em tomal-a por tal; e como na leitura das innumeras collecções de contos do escriptor francez, aqui sorriria discretamente pela brejeirice do caso, ali meditaria sobre a gravidade do problema posto em evidencia, mais adiante se perturbaria de commoção ante a evocação de uma tragedia ou a ternura delicada de uma scena de amor.

E nessa mescla de assumptos consiste principalmente a desorientação a que se referiu J. Verissimo.

Tambem Maupassant era um desorientado incorrigivel e a par de novellas do merito de *Yvette* ou de *Boule de suif* não se desdenhava de escrever banalidades adoraveis, mas em todo o caso positivas banalidades.

Com essa comparação, porem, nem pretendo collocar Medeiros e Albuquerque ao nivel de Maupassant, nem tão pouco accusal-o de plagiario ou mesmo de imitador. Não! nem uma nem outra coisa. O estylo de Maupassant tem propriedades taes de expressão e de malleabilidade, tal poder de evocação e de analyse, que raramente tem sido igualado na literatura universal. E as suas concepções revelam muitas vezes o desvairamento do seu cerebro prodigioso pela magnitude e completação com que se produziram.

Medeiros e Albuquerque escreve numa lingua inculta, que não é licito pôr de parallelo com a franceza; mas póde-se affirmar que, no genero que elle escolheu, raramente se tem feito no Brasil arte tão deleitavel, com tamanha singeleza de vocabulario, tal vulgaridade de construcções syntacticas e ao mesmo tempo uma tão grande somma de cores novas e expressivas, tiradas dessa palheta tão pouco variada.

Porque em letras, como em pintura, a questão não é ter discriminadamente todas as cores imaginaveis com todas as nuanças possiveis e sim ser dotado do genio de combinar um pequeno numero delias e tirar dessa combinação effeitos maravilhosos. Ahi é que a creação se impõe e o creador se manifesta.

Ha quem tenha a obsessão da palavra retumbante e desconhecida; quem perca noites sobre os diccio-

narios á cata de vocabulos archaicos e que chamem a attenção pelo seu exotismo.

Medeiros e Albuquerque, que se tem sempre batido pela clareza e pela simplicidade, provou agora como se póde ser claro e simples sem se deixar de ser artista e de exprimir todas as idéas, todos os sentimentos e todas as emoções.

Para bem se avaliar da complexidade do seu temperamento, é preciso observal-o de perto na multiplicidade das suas manifestações exteriores. E' essencialmente um forte, uma alma temperada e audaciosa. No seu espirito devem se formar maravilhosas miragens, pela combinação dos sentimentos que o agitam. Ao mesmo tempo elle investiga phenomenos esotericos e estuda systemas de pedagogia; aprende quantos volapucks e esperantos surgem de cerebros polyglottas e faz critica literaria; escreve contos e novellas e conduz intrincadas intrigas politicas, fazendo mover com uma infinita habilidade creaturas que nem mesmo lhe suspeitam a influencia nas suas acções. E no meio de toda essa febre tem sempre uma serena alegria e uma vivacidade eloquente cantando nos olhares. Todo elle é celere em pensamentos e acções. Possue predicados para um consummado prestidigitador, que o é, quando quer ou precisa ser.

Que dobras e refolhos tem esse curioso espirito! Vão descobrir a verdadeira significação das coisas que

elle pensa, ou que elle sabe, no encanto da sua palavra forte e sonora, implacavelmente rithmada em tons immutaveis! Quem o ouvir falar não o reconhecerá nos seus escriptos. Tanto elle é ameno e unctuoso e complacente em palestra, quanto dogmatico, incisivo e mordaz quando escreve.

Mesmo o seu estylo não é sempre o mesmo. Assim, em *Mãi Tapuya* não se achará o seu processo das chronicas, das criticas e das polemicas em que se está habituado a aprecial-o.

Uma nota apenas predomina em tudo quanto escreve, de qualquer natureza que seja o assumpto, e é um incoercivel *humour*, uma tendencia instinctiva para a brejeirice do piparote e para a evidenciação das coisas comicas. No seu livro de contos nem sempre foi feliz, applicando essa propriedade do seu espirito, como tambem não o foi, vestindo themas banaes com a elegancia correctissima do seu estylo.

O primeiro conto, que dá o titulo á obra, é despido quasi de valor, como tambem *Bis in idem*. Mas entre os dois ha o melhor trabalho da collecção—*Noivados tragicos*. A concepção é originalissima, o assumpto é tratado com maestria, o estylo guinda-se á altura da tragedia sensual e estranha que elle narra.

Que se lhe approximem ha dois: *Como se escreve a historia* e *As calças do Raposo*, o primeiro do genero

brejeiro e o outro esplendido como estudo do meio collegial e como precioso documento de emoção.

Por aqui se vê a variedade de generos literarios a que o autor se dedicou: o tragico, que, além do conto já citado, é representado por *Bichaninha*, *Palestra a horas mortas*, *No Silencio e Revolta*; o maravilhoso—*Tic tac*, *O presente de vôvô* e *O homem que morreu*; o equivoco—*Psychologia da infidelidade*, *Nota dissonante*; o de pura emoção—*As calças do Baposo*, *A escada*, *Noivos*, *O general*, *A confissão*; e no fim do volume—*O Pantano*, uma fantasia poetica, sem enredo, sem personagens, nada que revele o esboço de uma narrativa.

Não posso louvar Medeiros e Albuquerque, nem pela dispersão do seu talento, nem pela variedade da sua obra; mas condemnações elle não as merece, porque entre nós ainda não se póde exigir uma especialização absoluta de funcções, impossivel de se manifestar nos organismos sociaes atrazados. A loucura dessa tentativa tem causado já victimas illustres, como sejam, para não citar senão duas, Cruz e Souza e Adolpho Caminha.

Portanto ha de se fazer por muito tempo ainda no Brasil literatura de amadores e d'ahi a necesaria falta de unidade nas obras dos mais aproveitados.

Se excepções ha— e as ha—essas excepções em nada prejudicam esta asserção, porque ellas se loca-

lisam em individuos de temperamentos muito especiaes e que, em geral, chegaram a poder se despreoccupar das exigencias materiaes da vida pratica.

E' comtudo de esperar para breve, nos nossos gostos e costumes, uma transformação radical que nos colloque ao nivel das nações instruidas e cultas.

E a primeira missão que nos é imposta pelas nossas proprias conveniencias é o ensino de primeiras e segundas letras a este povo de analphabetos, de cuja educação os nossos governantes tão pouco se preoccupam, monopolisados, como são, pelas transcendentes politiquices, que lhes tiram todo o tempo para cogitar dessas ninharias.

se publicar, inclusive a rubra *Flor de sangue* e o innocente *Colombo e Nené*, em edição definitiva ; não se falando dos que se acham em gestação.

Não se comprehende bem por que secretos e graves motivos não se veem incluidos nesta lista o vetusto *Grude*, de saudosa memoria, *O conselheiro*, profunda peça de costumes e *Doutores*, a estrella de 1ª grandeza do Centro Artistico, comedia de severos doutrinamentos, toda modelada nas mais avançadas idéas do seculo.

Dos *Cantos e lutas*, publicados em 1879, ao livro actual, longo foi o caminho percorrido. Longo e accidentado. Ébrio pelo successo dos seus primeiros versos, o jovem escriptor lançou-se a obra de maior folego e nos presenteou com esse *Colombo e Nené* (esgotado), poemeto que vai, em boa hora, ter a sagração merecida da edição definitiva. Depois contos, depois *notas á margem* : depois mais contos, depois mais *notas á margem ;* depois contos outra vez e outra vez *notas á margem* ; muitos contos, muitas *notas á margem*, muitos *bric à brac*, muitas *historias alegres*, muitas historias tristes, tudo muito bom, muito louvado e quasi tudo esgotado.

Uma coisa se observa. Depois das duas primeiras obras, começou o dr. Valentim a escrever prosa ; a lyra ficava ao canto, ou ia sendo dedilhada nas horas vagas, por desfastio, não levando em conta o que foi

feito em collaboração. Mesmo nos livros a publicar nada suggere a suspeita de que o autor prepare novos versos.

Assim verifica-se que, nos seus vinte e dois annos de tirocinio, o operoso escriptor apenas perpetrou esse nitido e elegante *Rimario*, benevolo receptaculo de todas as suas producções poeticas.

Se bem contei, são ellas em numero de 125, quasi seis por anno, uma de dois em dois mezes... Não é muito ; tambem não é pouco. E' o razoavel.

Foram editores os Srs. Aillaud & C., de Paris. Um perverso concluiria que o autor não achou quem o editasse na sua patria ; eu— não. Antes explico a coisa pelo bom gosto do dr. Valentim, que no Brasil não acharia quem lhe fizesse trabalho de tão subido valor artistico.

A capa é de um tom amarelo muito mimoso, todo o papel delicadamente assetinado e os caracteres das letras destacam-se com uma nitidez encantadora. No frontespicio, ao alto: **Valentim Magalhães**, e abaixo, dentro de um discreto parenthesis : *Da Academia Brasileira*. Este luminoso distico projecta-se sobre o nome que o encima, como uma gambiarra posta sob a placa de um collegio. Soberbo ! Dentro, o retrato do autor: physionomia sympathica, pouco bigode, pince-nez, rosa ao peito, olhar sereno, dos triumphos tranquillos e conscientes.

Copiosas e importantes notas dá-nos em apendice: não desdenharei de parar um instante a commentar a primeira —*Este livro.*

Ahi o dr. Valentim conta a sua genese e evolução literaria: de como deu á luz um volume de 86 pags. com 21 composições, a instancias e custas de um amigo, isto quando estudava direito em S. Paulo, no anno da graça de 1870; de como ultrapassou a espectativa delle o exito obtido, o que, aliás, attribue a uma nota nova que fazia vibrar, nota que era falsa, mas que conseguiu ganhar o calor da sinceridade; de como, atirando-se á prosa, foi ficando fóra de moda como poeta; de como, emfim, tem certeza de passar despercebido com o seu novo livro, que o publico lerá friamente e que os criticos unanimes e impiedosos condemnarão, só por má vontade.

Nota-se nesta confissão a sensatez de um homem que aprendeu á sua custa. A experiencia fala pela sua bocca, ou pela sua penna, como a sabedoria pelos labios augustos de Salomão.

O leitor e o critico estão de conluio formado contra elle; não lhe resta, e é o que faz, senão appellar para a posteridade. Esta virá, «cedo ou tarde» representada por «alguma alma simples e amiga», que, «debruçando-se sobre elle» (o livro), «se reveja e contemple» na alma do autor, «com a fide-

lidade com que uma imagem se reproduz no crystal sereno de um lago. Será essa a recompensa do autor, e qual outra mais formosa e mais completa? »

O dr. Valentim Magalhães anda muito desilludido com essa historia de letras. Elle entrou para a campanha com dois elementos decisivos: a confiança indiscutivel nos seus avantajados méritos e um prurido de aggressão que o tem feito passar horas amargas. Ora, estas duas qualidades vieram aos poucos desapparecendo nelle, lamentavelmente. Não se sente mais com o velho enthusiasmo para ferir e atacar e — symptoma bem mais grave — começa a desconfiar de si.

A coisa deu-se do modo mais simples. Houve um tempo em que elle era dono do mercado literario. Ninguem tinha o direito de apparecer, viesse donde viesse e como viesse, sem lhe pagar os tributos e as homenagens, devidas a um homem que possuia uma revista e que distribuia graças ou anathemas com tanta largueza de mãos, quanta estreiteza de criterio. Ora, comprehende se que em redor de tal omnipotencia toda a literatura contemporanea se concentrasse. Disseram delle as coisas mais amaveis. Como elle mesmo confessa, chamaram-no de genio e se alguem ousava discordar, denominando-o João Fernandes, este era um desgraçado suicida, em cima do qual caia a almanjarra pesada do seu po-

derio e da sua colera. Todo mundo batia-lhe palmas e nas desopilantes palestras, em que fulguravam os luzeiros mais vividos das letras patrias, sob a presidencia do arbitro supremo, atavam-se aos pelourinhos do ridiculo tanto as incipientes vocações, como os discolos indisciplinados.

Elle possuia uma verve estafada de chronista, que tinha fugidios lampejos de quando em quando. Esta era o raio suspenso; mas o raio que fulminava chegava em regra desfigurado por um caracter aggressivo e rancoroso.

Ora, o rancor não se dá bem nessas espheras de contemplação e de sentimento. Um perdão largo deve habitar as almas dos poetas, para as injurias, para as controversias, para os julgamentos e para as demasias de linguagem dos excessivos; e, por outro lado, se é preciso que a verdade seja dita, não é indispensavel que ella tenha a ponta hervada, ou que seja embebida no fel das paixões pessoaes. Desconhecendo estes preceitos, o grande arbitro, transformado pelos impulsos simultaneos dos que o assediavam em foco central, abusou do prestigio que lhe era emprestado; mas, pelas amargas contingencias a que ninguem escapa, foi perdendo essas excelsas culminancias. A igrejinha foi se desmoronando; a bella revista, a boa da comadre que congraçava tão fortes elementos, desappareceu. E agora vêde: todos

a uma se empenham na blasphemia, o deus da vespera é assobiado; aos clamores dos impenitentes juntam-se os novos clamores mais ferozes dos que o renegaram. Passa a ser moda dizer-se mal do pachá de hontem. Os seus livros são relidos para ser escalpellados. As novas obras que publica têm os apupos unanimes. Desorientado, elle embarafusta pelo theatro, pela critica, pelo romance .. O successo é o mesmo— negativo. E é nesse momento de suprema angustia que o grande arbitro começa a desconfiar de si. Lá está nessa primeira e desolada nota a explosão do seu resentimento ou da sua decepção.

—Attendei, senhores! publico este livro a pedido. Pelo amor de Deus, não lhe façam mal; olhem que eu já fui até genio, por pouco tempo é verdade, mas fui; vejam que esmero eu puz na edição.. E se querem que fale franco, nelle vai tudo quanto posso dar: a minha mocidade, a melhor porção da minha existencia, o mais forte do meu cerebro, o mais puro do meu coração. Se o não respeitarem depois disto, é que o respeito está banido da face da terra. Emfim, façam o que quizerem, pouco se me dá. Conheço bem a frieza desse publico e o rancor e a má vontade dessa critica... Apello para a Posteridade!

Para que diabo li eu esta nota antes de escrever sobre o livro? Sinto-me desarmado, todo cheio de uma infinita piedade pelos arrependimentos quasi con-

fessados, pelos remorsos entrevistos, por toda essa nudez d'alma conversa.

A humildade foi bater a essa porta definitivamente. Leiam-me a nota penultima. O autor pede desculpas de não ter offerecido poesias a todos os amigos: «Nem todos os meus amigos puderam ser contemplados com o offertorio de uma pobre composição. Outrosim, o valor literario e a extensão dellas em nada influiram para serem dedicadas preferencialmente a este ou aquelle amigo ou confrade.»

Ora que isso é de se chorar! Viram algum dia coisa igual? Nas letras, nas artes, nas sciencias, nas industrias? Ha nada mais doloroso do que esse appello á multidão dos bons amigos que o poeta soube fazer? Que culpa tem elle de possuir mais dedicações do que inspiração poetica? Póde-se, razoavelmente, tomar-lhe contas por ser maior o numero dos amigos que o das poesias do seu livro?

Em outro tempo, na phase gloriosa, elle nada diria, não desceria por certo a explicações; mas hoje, os amigos são tão raros e tão susceptiveis! E' preciso conservar os que se adquiriram e não lhes melindrar a vaidade e os ciumes. Já tantos são os perdidos! Tantos, que o autor teve que substituir algumas dedicatorias... Na mesma nota elle diz: «Nem todas as poesias de épocas remotas conservam aqui as dedicatorias

primitivas, havendo estas sido substituidas, por já não terem razão affectiva de ser.»

Essas declarações são pungentes. O dr. Valentim Magalhães anda sempre com o coração a mostra. Em tudo quanto escreve, é elle, o director d'*A Semana*, o presidente da Educadora, o pedagogo, o dr. Antonio Valentim da Costa Magalhães, quem apparece, dengoso, contando as suas magoasinhas particulares, dizendo segredinhos, coisinhas sentimentaes, que se referem á pessoinha delle, que interessam á sua vidinha...

Mas em nenhuma parte como nestas notas e neste livro.

Ora, o resultado é que, começando com a mais firme intenção de dizer todas as verdades sobre o *Rimario* e o seu autor, me sinto agora indeciso, desejoso de não proseguir. A gente tem obrigação de ser discreta; não fica bem intrometter-se na vida alheia ..

Rimario é um caderno intimo. Logo á abertura desvenda-se um *tabernaculo*; mas o que se nota é que todo elle é uma capella, do primeiro ao ultimo verso. Entra-se com o respeito devido ás coisas sagradas; nada se tem a dizer dos idolos, mas não é possivel deixar de observar a pobreza das decorações e das alfaias. Torna-se preciso tomar uma infinita precaução para não se commetter um sacrilegio.

Voltam-se as paginas com o sobresalto peccami-

noso de quem revolve as gavetas de um estranho, violando papeis reservados. Parece que se está a commetter um crime. Vem o appellido familiar, vem a scena da sala de jantar, vêm as expansões ternas, que ficariam muito bem no recesso discreto do lar, a emoção intima dos jubilos do coração e das maguas terriveis que despedaçam a alma... Que vexações para o critico!

Embora! Irei com cautela, desviando esses obstaculos que o autor, naturalmente sem intenção, creou aos julgadores da sua obra, e procurarei dizer della muito sinceramente o que della penso.

II

Accusou-se o dr. Valentim de fazer literatura apressada, isto é, de não ter a paciencia de conservar ineditas as suas obras pelo tempo sufficiente ás indispensaveis correcções. Não é, porém, este o caso do *Rimario*.

Estas poesias o autor, no espaço de 22 annos, fel-as, corrigiu-as, publicou-as, refundiu-as, republicou-as, de sorte que para mim é como se tivessem todas a mesma data. De facto, se elle considerasse que algumas dellas não eram dignas da sua gloria actual, teria tido o cuidado de as supprimir da collecção.

O livro divide-se em quatro partes: *Tabernaculo*, *Rimas de amor*, *Rimas heroicas* e *Toda a gamma*.

Começarei por lamentar que o autor não tenha noção exacta do valor das palavras e das expressões e seja frequentemente arrastado, como por uma corrente irresistivel, pelas difficuldades do metro e da rima, a perpetrar graves delictos contra a lingua patria, contra as praxes irrevogaveis da grammatica, nas suas mais insignificantes determinações. Tambem de se lastimar é a miseria do seu vocabulario, a incapacidade para dar ás idéas a sua expressão verbal apropriada. Mais ainda: prejudica-o uma deploravel carencia de criterio para fazer uma selecção intelligente dos generos de poesia dignos de um livro que pretende ser de arte.

Quanto á concepção, todo elle é banal como um trocadilho, sem a menor elevação. Ao *Tabernaculo* faltam a concentrada intensidade de sentimento que o titulo e os assumptos tratados exigem, a meia-tinta dos quadros suaves, a discripção das coisas intimas; ás *Rimas de amor*—a doce ebriedade dos corações felizes e sinceros, essa loucura dos apaixonados, suggestiva dos grandes lances e do arrojo das creações, a graciosa expressão de ventura que não illude, o arroubo lyrico, a vibração profunda, a expansão, o deliquio, o encanto e o extase dos artistas amorosos; ás *Rimas heroicas*—o fulgor das imagens, os rasgos épicos, o impressionismo, o cunho inilludivel de sinceridade, o

perfume agreste dos largos ideaes, o heroismo dos grandes feitos, o sopro ardente das paixões sociaes. E a ultima parte, essa complacente arca de variados dispauterios. essa *Toda a gamma*, é um documento imperecivel da falta de criterio do autor.

Irei aos poucos, com paciencia e caridade, justificando este julgamento com a evidenciação dos mais caracteristicos exemplos. Assim a impetuosa torrente dos innumeros dislates que terei de exhibir não arraste na correnteza essas duas preciosas virtudes, de que faço por cautela a mais abundante provisão.

Demos principio com um soneto intitulado *Santa simplicitas*, e que está longe da simplicidade do titulo. Transcrevamos a segunda quadra e o primeiro tercetto:

Quando *entornas* em mim *o doce abysmo*
Dessa luz virginal que tens guardada
Nos teus olhos rivaes da madrugada,
Eu me sinto invadido de um *lyrismo*
Profundo como a dor da Virgem Santa
E casto como o *incenso que levanta*
Ao firmamento azul *a Natureza*.

Vejam-me esse *abysmo entornado*, esse *lyrismo* profundo como a *dor* da Virgem, esse *incenso casto que a Natureza levanta*. Onde estão o nexo, o senso e a logica destas expressões?

E onde estão a logica, o senso e o nexo da antithese das sensações que o autor descreve no soneto *Fatmé* ? Elle sente «os nervos *tangidos*, *repassados de* estranhos *sons*, de calidos *aromas*, de uns effluvios electricos, pesados, *como um leite de goso*, em virgens pomas bebido», isso «quando meus labios nos teus labios tomas, nuns beijos quentes, fundos, demorados»; e logo em seguida: «os meus desejos revoltados com a castidade dos teus olhos domas.» E' o caso de se fazer a expressiva interrogação popular :— E' bico ou cabeça? Pois se essa dona começa aos beijos quentes, aos beijos fundos, aos beijos demorados, como poderá depois domar desejos com a *castidade* dos olhos?

Fazendo concurrencia desleal aos vates das folhinhas de parede, incrusta o dr. Valentim no *Tabernaculo* umas quadrinhas, sextilhas e quintilhas do seguinte teor:

Ah! se o amar encanecesse,
De mim, que te amo, meu bem,
Diriam todos:— Parece
O pai de Mathusalem.

Em *Festa* elle faz a seguinte revelação:

Amemos, pois. No teu *sorriso arqueado*
Sinto *pousar* o meu *porvir* incerto.

Quem não ficará suggestionado por esta assombrosa imagem? Um porvir *pousando* num sorriso... arqueado!

O triolet caduco e imbecil faz-se representar por duas vezes nas paginas do *Rimario*. Essa fórma de versejar é impropria para o lyrismo e para as manifestações superiores do sentimento. Quando muito, ella tem applicação na satyra, cuja nota caustica é de bom effeito repetir na mesma estrophe com insistencia. Fóra d'ahi é burlesco e infecundo de quaesquer sensações.

Intimo quer ser uma nota de alegria discreta, de indefinivel jubilo espiritual. O autor sente-se invadido de uma «alegria *loura*» e essa alegria loura

> Me vem da tua bocca perfumosa,
> *Arqueada, como um céo, sobre o meu peito*:
> Constellando-o de beijos cor de rosa,
> Ungindo-o de um sorriso satisfeito.

Imaginem-se as proporções de uma bocca que se arquêa sobre um peito, como um céu! Onde anda extraviada a noção de comedimento, de justa medida, desse escriptor, se algum dia elle a possuiu? Apanhemos com bem perfeição esta imagem; evoquemos o peito do autor (vê-se pelo retrato que não é o de um homem rachitico); agora arqueie-se por cima delle uma bocca... Que diabo de graça ha nessa metaphora

aleijada ? E como é que se ha de constellar um *peito* de beijos e *ungil-o* de sorrisos ? Então as velhas regras do amor estão revogadas ?

E esta extravagancia :

A immaculada pomba da ventura
Espreita-nos, o verde olhar abrindo,
Aninhada em teu cesto de costura.

A evocação figurada achata-se, torna-se grotesca, porque resvala para o absurdo. E' impossivel conceber-se que a ventura de dois amantes se aninhe num cesto de costura.

Não ha mais poetastro que nos horrorise os ouvidos com o cacophaton que se encontra na pagina 28: «E' uma mulher que *me ama*» e que se reproduz nas paginas 83: «Que *me amas*, adorada, confessaste» e 86: «De mim, que a amo e della que *me ama*». E este ultimo verso nem chega mesmo a ser um verso e muito menos um endecassylabo; não passa de uma reunião de oito syllabas.

A sua impotencia para exprimir qualquer idéa é manifesta. Fala da mulher amada:

E' uma rainha. No seu reino *ignoto* (?)
E' soberana esta mulher, *que é minha.*

Qner dar idéa de uns olhos:

> Como pintar-lhe os grandes olhos vivos,
> Alegres, maliciosos, *incisivos* ?

Mas a propria grammatica é cruelmente apunhalada. Essa regra tão vulgar de concordancia o autor a infringe positivamente em *Junho*, traducção de uma poesia de François Coppée:

> No curso ligeiro e breve
> D'esta vida o *passarinho*
> *E o homem* sempre o instincto *teve*
> De fabricar o seu ninho.

A sua musa ás vezes é philosophica, como em *Scismas á noite*, collecção de quadrinhas federativas, mas autonomas. Conta-nos ahi o autor que á noite a sua alma «se descerra á luz estranha de um sonho» e que então o seu espirito

> Indaga se a natureza
> Não terá nenhuma arteria
> De luz divina. A incerteza
> Tem a mudez da materia.

Já a indagação é transcendente; mas o a propo-

sito della é que escapa inteiramente aos mais atilados. Para que ha de um homem querer saber se a natureza terá alguma arteria (!) de luz divina (!)? E que relação tem isso com a clausula final: «A incerteza tem a mudez da materia» ? Já não quero fazer cabedal do diploma de muda que ahi se dá á materia. Não exigirei que o dr. Valentim saiba o que é materia.

E não ficam ahi as snas investigações. Procura tambem pôr a limpo se o infinito será «o *eu* terrivel de Deus !» O eu de Deus ! E, completando a quadra, de que este é o segundo verso:

Meu *pensamento* é um *grito*
Que não resôa nos céos.

O mesmo enigma feroz, a mesma incongruencia, o mesmo divorcio entre os dois primeiros e os dois ultimos versos, a mesma absurdidade de comparações !

Depois a coisa se aggrava. «A scisma se suspendera até Deus», diz elle.

Mas eis que um raio imprevisto
Arremessou-a sem pena
Dos esplendores do Christo
Aos prantos de Magdalena.

Ora, o autor do *Rimario* podia ser um impeccavel

metrificador, o que veremos que não é; podia saber grammatica, o que está provado que não se dá; podia ter um estylo brilhante, o que infelizmente não tem; não se salvaria ainda assim nessa derrocada do bom senso. Ha quem me explique o que seja uma scisma arremessada dos esplendores de Christo aos prantos de Magdalena?!...

Mas chegamos ao *clou*. O mirifico, o estupefaciente está no ultimo verso desta quadra:

> Brilhae, eternas estrellas;
> Planetas, astros, brilhae!
> Inutilmente sois bellas:
> *A alma é condor que sáe.*

Sáe de onde? Por onde? Para onde? Que tem a alma com as estrellas que inutilmente são bellas? E' incrivel qué um espirito mediocremente sensato conceba semelhante disparate e o metta num verso errado!

O adjectivo *tua* é dissyllabo; pois tem uma só syllaba nos versos de dois dos *Tercetos á baroneza*:

— *Tua* voz! Onde se ouviu jamais tão crystallino...
— Embalado em *tua* voz, ó loira feiticeira!
— Do canto da *tua* voz é cada nota um hymno!

Elle pretende nessa poesia estar sob a pressão de um forte desejo,

Que os olhos me humedece e põe-*me* a voz tremente;

diz elle com manifesto desprezo pela regra de collocação dos pronomes. E então quer tudo:

Quero o teu seio, quero...

Quer mais:

. . *do teu corpo a tépida brancura,*
Teu coração, tua alma e *tua* vida, ó flôr.

E *tua* passa a ter duas syllabas.

Com esse autor a extensão das palavras e phrases varia muito. Em *A' beira do abysmo* ha estes dois versos:

— E' um abysmo! teus labios murmuravam.
— E' um abysmo, sim, abysmo hiante.

E, ou o primeiro tem onze syllabas, ou o segundo nove, conforme o autor queira considerar o grupo — *E' um a* — como tendo tres ou duas syllabas. E', porem, certo que tem apenas duas.

O vencedor termina com esta quadra:

Este amor que n'um momento,
— Estranha e douda paixão !—
Como o sol *ao* firmamento
Me encheu todo o coração.

Completando a oração elliptica do terceiro verso, acha-se:

Como o sol *enche* ao firmamento;

o que produz uma revolução na natureza dos verbos transitivos; ou então:

Como sol *enche o coração* ao firmamento;

o que traz complicações infindaveis á metaphysica, á astronomia e á anatomia.

De Louis Bouillet traduz uma poesia, onde se lê este verso:

O que eu em ti amava, *isso* eu não *o* perdi.

Parece-me que é dispensar muita protecção ao verbo *perder*, dar-lhe dois objectos directos, mesmo

que essa generosidade seja necessaria para completar o numero de syllabas do verso.

As *Rimas de amor* terminam com uma poesia intitulada *Carta a cerca do Amor*. Admirem a philosophia desta quadra :

Dois olhos grandes, uma bocca breve,
Um collo airoso, uns dentes nacarados,
Só isso *e um homem cava*, um outro escreve,
Navega um outro mares enraivados.

Façamos pausa. Fechemos este capitulo, antes de enveredar pelo heroismo da terceira parte. Direi sempre que não conheço rimas tão pouco heroicas, nem tão pouco amorosas, como as heroicas e as de amor do dr. Valentim.

Ironia dos titulos ! Dá um trecho de severa psychologia o estudo dessas anomalias e desses desaccordos. Um exemplo entre muitos : Querem alexandrino mais correcto do que este :

Antonio Valentim da Costa Magalhães ?

E' perfeito, não é? Quem não diria, lendo ou ouvindo pronunciar este nome :

— Aqui está um poeta de raça ?

Mas assim falaria quem não tivesse a menor intuição dos caprichos do Destino. A um perspicaz logo se afiguraria o que este Deus implacavel e sabio pre-

tendeu e a philosophia dessa apparente contradicção seria assim traduzida :

— Contente-se em ser um alexandrino, meu amigo; mas não intente nunca fazel-os.

E' um caso caracteristico de hybridismo, como veem.

III

O grande heroismo do dr. Valentim nas *Rimas heroicas* está principalmente em tel-as elle publicado, já não digo — tel-as feito, porque ninguem é senhor absoluto das suas faculdades creadoras.

Abre elle esta parte com o soneto : *Idéa nova*. Explica-nos o autor em nota, que o assumpto foi desenvolvido por Sully-Prudhomme, no prologo do seu poema *Justice*. Para bem julgar do valor da coincidencia, que mereceu essa notinha, deve-se dizer que o soneto nega os deuses, canta a Liberdade, que vem perto («E' esta a Idéa Nova») e adduz que «o Genio enterra o Mal em uma negra cova». Observando, porém, que o poeta francez desenvolveu a idéa do seu soneto, não pretende elle accusal-o de plagiario e, para que não se fique pensando mal do pobre vate, o dr. Valentim teve o cuidado de accrescentar que o poema é de 1878 e o soneto de 1879.

Prenuncio de aurora é poesia arrancada aos *Can.*

tos e lutas, «uma das que mais agradaram», confessa modestamente o autor, «talvez a melhor de todas», suggere num tom dubitativo, que fica muito bem ao seu respeito pelas convicções alheias. Eu, por exemplo, posso preferir a *Idéa nova*, no que não deseja elle estorvar-me. Em resumo, ella é isto. Estamos em pleno reino do Trabalho e da Industria; fumam as chaminés, toda a cidade é um immenso thuribulo e é incenso o fumo das fornalhas; os ferreiros batem o ferro... Não posso deixar de fazer uma pequena citação, que esclarece muito o resumo e caracterisa esse *prenuncio* :

Um desses homens tem na fronte clara e larga
Esse *quid* que accende a electrica descarga,
Que illumina o porvir e se chama Talento.

De repente passa o Rei, com luzido séquito, a comprimentar «seus fieis vassalos, talvez por não poder de um golpe degolal-os.» Que féra! E o monarcha, risonho, sauda o obreiro.

Este, abatendo, emtanto, o pesado martelo,
No monarcha fitou o seu olhar singelo,
Não o saudou, porém.

E o pobre diabo poz-se a pensar, muito distraido, esquecido do malho, da bigorna, de tudo. E explo-

dindo num dos seus assomos de enthusiasmo, o autor exclama em extase :

O' Luz, ó Liberdade !
Não estás longe, não ! Vens perto, na verdade,
Pois que o trabalhador começa a meditar !

E prompto.

O dr. Valentim gosta, como temos visto, de traduzir poetas francezes. Leconte de Lisle, o impeccavel, não escapa á sua solicitude. Não posso avaliar da fidelidade da versão d'*A tristeza do Diabo*, porque não conheço o original ; mas ouso suppor que o vate impassivel não diria que o mar tem «braços (!) fundos » ; nem dos seculos — que elles são *irritados* ; nem do «concerto estranho e funebre do Mal» – que é *revel*, e muito menos que um «fundo (!) *tremor*», por muito *fundo* que fosse, podesse *enregelar* os «membros formidaveis» do Diabo. Demais, não rimaria, se escrevesse em portuguez, *voz* com *sóes*, rima muito querida do autor do *Rimario* e que de novo se encontra em *Fragmento*, onde ha esta imagem mirabolante :

Numa *contemplação de rocha denegrida*,
Que *sonha*, muda e fria, *as vertigens dos sóes* ;

e esta hyperbole supimpa :

Agrilhôa-me *a noite ao abysmo.*

E como *abyssus abyssum invocat*, na poesia *Tiradentes*, esse mesmo *abysmo*, e mais a *treva* e o *horror* são .. advinhem o que ? « São outros temporaes.»

Ahi elle compara a liberdade a «um templo enorme, edificado nas rochas do Direito e visinho dos céos» e que «da altura desafia os homens e os *leões.*» Ha uma escada para levar ao Templo; pelos degráos -muitos pharóes, que são as cabeças «de Christo, de João Huss, de Saint Just, de Danton,

De todos os heróes caidos ás violentas
Investidas do mal, *com temeroso som.*

O soneto *A' plebe*, outra traducção de Leconte de Lisle, termina com este verso, com altas pretenções a um bom alexandrino e que não passa de um máu endecassylabo:

Com os teus histriões e as tuas prostitutas.

Não ha versejador de terceira ordem que ignore que *com os* forma uma syllaba unica e o proprio autor escreve á pagina 148:

Que topetam *com as* nuvens alterosas.

Houve momentos na sua vida, em que o dr. Valentim achou a lingua portugueza estreita para conter a grandeza da sua inspiração. Um delles foi quando morreu Sadi-Carnot. Das quadras fulgurantes que escreveu em francez, por essa occasião, destacam-se duas explicações preciosas. Ninguem sabia, por exemplo, o que queria dizer—Sadi-Carnot. Aposto que ninguem sabia. Pois cá está o dr. Valentim a dizel-o aos povos admirados :

Sadi-Carnot veut dire: Aimer, servir la France.

Outra: Attesta que o presidente francez morreu como heróe e accrescenta:

Quand le fer homicide,
—Pas le fer de Brutus—...

negativa peremptoria que livrou os manes de Brutus de massadas e complicações, como sejam inquéritos, acareações, etc.

E ahi estão as *Rimas heroicas*.

Serve de portico a *Toda a gamma* uma *Carta a um bardo*, em que o autor confessa que o deslumbrou

Do vosso nobre *porte* o esplendoroso *lume*.

A' morte é uma feroz imprecação:

O' Morte ! ó força ignota! O' lei muda e trevosa !
Loba, faminta sempre e sempre a devorar !
Occulta na caverna azul do firmamento,
Como occulto volcão em bonançoso mar

Toda essa poesia (?) é extraordinaria ! Uma lei que é muda, como se houvesse leis que falassem ! Morte, que está occulta na caverna do firmamento (!) como occulto vulcão em bonançoso mar ! Morte que é loba, que é medusa, que é eumenide, que é ladra, que é a Omnipotencia, que é o Nada, que é o Tudo, que é o Principio, que é o Fim, que é Morte («Tu que és a Morte !») e que é «féra *sem nome*» ! Morte que esmaga os «*demonios senis*» e os *corpos purpurinos* dos anjos pequeninos !

A um prestidigitador dedica uma ode ou coisa equivalente —*Hermann*. Depois de cantar a grandeza desse vulto homerico, desfia o rosario das suas habilidades:

—Fazer de Cicero um *criado mudo*.
—Um Vesuvio *poria* no Senado
E *transformava* um côco da Bahia
No cerebro idéal de um deputado.

No primeiro verso o gripho é do autor; resta-me admirar a delicadeza e a finura do trocadilho. Na outra citação salienta-se esta adoravel divergencia de verbos : *poria* um Vesuvio e *transformava* um côco.

Ha maravilhas nesta ultima parte do *Rimario*. Falando do frio, borda o autor esta imagem:

No trem toma logar um assassino.
E' alto, esguio, estranhamente branco.

Isto é o *frio* ! Delirante, não é?

Sobre o soneto *A' morte da Comedia* lê-se uma longa nota, de mais de uma pagina. Essa *Comedia*, que era mais ou menos um jornaléco que se publicou em S. Paulo, deixou de existir. E então o dr. Valentim lá põe na pagina 143 do seu livro de arte o necrologio que lhe compoz por essa occasião. Cito a primeira quadra, para que se faça uma idéa approximada:

Morres, filha, e ao descer á terra ingrata e fria
Causas um grande abalo á pansa dos burguezes.
Diz um irado: « E eu que assignei por 6 mezes?! »
Outro diz: « Eu pensei que a *Comedia* rendia »...

Creio que não posso ser mais eloquente do que me limitando a esta transcripção.

E apresentemos, de carreira, outros exemplos typicos. Um verso horrivel:

D'aquella flôr entregue a este animal.

Dois da mesma natureza:

Quando o *vil* poleá, livido, nù, mirrado,
Do seu negro *covil* a *viu* DA vez primeira.

E o *da* deste verso devia ser um *pela*. O diabo é não haver um alexandrino de treze syllabas.

Recommendo muito especialmente á attenção dos leitores o soneto da pagina 158, em que o autor annuncia ter fugido o Sr. Raymumdo Correia e pede que o tragam. Dando-lhe os traços, diz elle:

Versos publica e fuma a todo instante;
Se não fuma ou sonetos não publica,
E' que o fumo desfaz, faz o soneto.

Charada que ahi fica para gaudio dos amadores.
Mais dois versos horriveis, á pagina 165:

—P'ra suas camas os passavam.
—Lhes pareceis. A estes entes.

Victor Hugo é um soneto que foi premiado n'*A Semana*, a revista dirigida pelo proprio autor, que garante a sinceridade e espirito de justiça da commissão julgadora. Até cita os nomes dos que a compuzeram. Ha *enjambement* da primeira para a segunda quadra e desta para o primeiro tercetto; rima *tormentosas* com *sonorosas*, rosas, e *amorosas;* e rima *terso* com *verso*.

De collaboração com o Sr. Felinto de Almeida fez uma poesia a José Bonifacio. Essa mania de fazer poesias em commum é muito do dr. Valentim. Não é esta a unica do livro. Por um excesso de modestia elle previne ao leitor que os peiores versos são delle. Então são todos e o primeiro com certeza:

Nelle a palavra tinha *corpo* e vida.

E ahi temos! Disparates, impropriedades, contrasensos, banalidades, cacophatons, erros de concordancia, de metrificação, de redacção, versos duros, frouxos, asperos, de tudo ha nesse cofre de vinte e dois annos de tirocinio poetico.

E o dr. Valentim Magalhães era a férula temida dos novos poetas! Do alto da sua revista e dos jornaes em que collaborava, muito tempo pontificou, sóvando os que surgiam pelas mesmas faltas que elle ainda hoje commette, com uma impenitencia irreductivel.

Era elle quem aconselhava á nova geração que estudasse e appellava com frequencia para as suas cans

literarias e para as suas gloriosas campanhas de quatro lustros!

De que valeram as summidades conquistadas durante esses vinte annos? Aos poucos veiu elle regressando, do antigo esplendor á presente humildade.

E isto porque? Porque, longe de se fazer complacente e amavel, como convem aos que não têm força propria, foi ao contrario aggressivo, irritante, violento, e açulou contra si mesmo mil coleras pequeninas e ingenuas, que depois se fizeram umas coleras sabias, perscrutadoras, sagradas pelas vindictas justas que as traziam assim accesas e que, reunidas, formaram por fim esse clamor que deu em terra com os *bric á-brac* que o dr. Valentim fabrica desde 1878.

Não houvesse elle, porem, sido tão estouvado e imprevidente e esses mesmos *bric-á-brac* lhe iriam garantindo o prestigio grangeado pelos serviços que póde prestar ás letras quem quer que funda e mantem uma revista literaria.

Faltou-lhe a prudencia do Sr. Coelho Netto, que hoje vive de rebocar o seu pedestal, obra fatigante que o ha de preoccupar pela existencia a fóra.

Não imitou a sabedoria do Sr. Lucio de Mendonça, que casou ás chalaças dos seus livrinhos os arestos luminosos da jurisprudencia federal.

Não aprendeu a manhosa compostura do capita-

lista portuguez Sr. Felinto de Almeida, muito banqueiro nas suas letras e muito letrado nas suas finanças.

Não soube recolher-se a uma meia penumbra, como o Sr. engenheiro Garcia Redondo, moço romantico que, pelas tardes limpidas de S. Paulo, vaga pelos parques e avenidas, a surprehender madrigaes entre cravos e papoulas, encontrando motivos lyricos de amor em todo o dominio da botanica; tão precatado nas suas aventuras, que, quando produz os seus continhos, põe-lhes á margem a avisada nota de que não são traducções.

Assim desprezou o dr. Valentim os exemplos dos seus contemporaneos mais chegados, todos collegas de Academia; e eis porque é a esta hora, sem deixar de ser o mais estimavel dos cavalheiros, o mais derrotado dos literatos. Elle se queixa com frequencia das injustiças que commettem para com elle. Nenhuma razão lhe assiste. Nem mesmo que taes injustiças se verificassem. Já Christo, o mais doce e compassivo dos prophetas, dizía, no seu sermão da montanha, a escribas e phariseus attonitos:

«Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o juizo que julgardes sereis julgados e com a medida com que houverdes medido hão de medir para vós». (S. Matheus, VII, 1 e 2).

ADOLPHO CAMINHA

1867—1897

I

No dia 29 de maio de 1867 veiu ao mundo na pequena cidade de Aracaty (Ceará) o primogenito de um honrado proprietario cearense. Deram-lhe na pia baptismal o nome de Adolpho.

Logo aos dois annos de edade Adolpho abeberou-se de infortunio. A secca tremenda de 1877, celebre na historia pungente da terra cearense, deu-lhe precocemente as tenebrosas visões dos cataclysmos e no lar o golpe que o attingia era dos irreparaveis: morria-lhe a carinhosa mãe. Entrava na vida de luto, privado das joviaes alvoradas das caricias insubstituiveis.

Quando teve de cuidar do seu futuro de homem, a carreira que lhe indicaram foi a de marujo. Esse coração de poeta ia-se enfunar de saudades por esse mundo a fóra, todo de uma sensibilidade feminina para

as pequenas magoas e, inversamente, heroico até ao desatino ante as graves crises que fazem retroceder os mais destemidos.

Aos dezoito annos eil-o guarda-marinha e embarcado num vaso de guerra. Terras da America receberam-no como um amigo que ia conhecel-as para cantal-as. A viagem de instrucção foi-lhe proveitosa, robusteceu-o. A covarde tuberculose, que devia mais tarde matal-o, adormeceu, paciente, no seu organismo, esperando que o futuro lhe proporcionasse ensejo de lhe devorar os pulmões. As brisas do alto mar, os sóes e as invernias das patrias estrangeiras aformosearam o novel marinheiro; e, quando voltou, trazia os enthusiasmos e a fortaleza de um robusto e formoso conquistador.

Aos vinte e um annos foi promovido a segundo tenente. Quem começava, ascendendo com essa celeridade, tinha direito de sonhar com as insignias gloriosas do almirantado, para muito antes que a velhice o transformasse num ornamento marcial.

Foi por essa época que começou a apparecer em publico como escriptor. Num artigo publicado na *Gazeta de Noticias*, em editorial assignado, o joven official, que os novos ideaes republicanos iam já seduzindo e que não podia dominar as intimas revoltas que lhe causavam todas as fórmas de attentado contra a liberdade, denunciou os horrores dos castigos de bordo, a truculencia brutal da chibata aviltante, como

instrumento de punição de homens livres. Levaram o seu assomo a conta de arroubos de poeta e não o molestaram.

Em fins de 1888 fizeram-no embarcar num patacho e seguir para o Ceará. O seu destino começava a cumprir-se. Ahi a vida lhe correu em principio placida e feliz. A sociedade não lhe foi avára de demonstrações de affecto e cordialidade; cercavam-no as distincções e as regalias de que se fazia merecedor, já pelo prestigio da farda, que sabia honrar, pela graduação do posto tão galhardamente conquistado, já pela sua formosura de homem vigoroso e alegre, cheio das vivacidades e dos altaneiros ideaes que ennobrecem a alma e constituem a indefinivel alegria da vida. Imagine-se que dias fartos de variadas sensações e de amenas delicias ahi passou e que homenagens vieram ao seu encontro, sobretudo as febris homenagens dos olhares femininos!

Elle, porém, tão moço e no inicio da sua carreira, não cogitava de certo em se prender a amores decisivos. Borboletear sobre os corações que se lhe offereciam, proporcionar-se passageiros e innocentes deleites, gozar largamente e com dignidade das sympathias que ia despertando, das paixões que ia provocando, sem se emmaranhar nos seus irremediaveis labyrinthos, deviam ser os seus projectos.

Perdeu-o a extrema confiança em si proprio e,

mais ainda, a inexperiencia das erupções affectivas. Todo o calor dos vinte e um annos accendeu-se nelle, de repente, para amar pela primeira e ultima vez, e de tal sorte que esse amor foi desde logo toda a sua vida, absorveu e substituiu todas as suas heroicas aspirações, povoou-lhe as noites de sonhos febris e de impacientes desejos, povoou-lhe os dias de ancias zelosas e de preoccupações constantes, ficou ligado indissoluvelmente ao seu destino e á sua felicidade.

E a mulher que assim o transformára radicalmente, fazendo-o seguir novos rumos nos seus projectos de futuro, fazendo-o encarar a vida sob outros aspectos e através de outros prismas, mais moça do que elle e tão inexperiente, tão apaixonada e tão formosa como elle, era, por infortunio de ambos, casada.

O idyllio começou com todas as secretas cautelas, timido ao principio, mais tarde audacioso e imprudente. Nasceram ponderadas suspeitas no espirito do marido; scenas conjugaes, violentas disputas, tempestuosas explicações lavravam aos poucos a discordia no casal e, uma certa manhã, ella deserta do lar e se vai abrigar na casa do namorado. Elle não hesita; aceita-a e, em pleno dia, atravessa a cidade com a sua amada pelo braço e a deposita em logar seguro.

Começa aqui a tragedia estranha. Acordam assanhadas as coleras, não só as legitimas do esposo, mas tambem as dos seus companheiros e amigos. E outras

coleras, mais vis e inconfessaveis, rastejam na sombra. Certas invejas açulam-se, certos despeitos criam azas, certas pretenções, de burladas, irritam-se. E a mais feroz, a mais indigna, a mais violenta das campanhas, fere-se contra o casal feliz e principalmente contra o audacioso marinheiro. Procuram-no para o assassinar, dão-lhe caça como a uma féra; proliferam as calumnias, tecem-lhe em torno uma rêde de intrigas mesquinhas; e quatorze dias depois é elle chamado por telegramma ao Rio, pelo ultimo ministro da monarchia. Poz a recato a companheira e partiu, decidido a lutar. No Rio obteve uma licença e voltou ao Ceará.

Nessa occasião deu-se a proclamação da Republica. O seu romance sentimental não o impedira de contribuir para a grande libertação. Desde os tempos de aspirante que se manifestára republicano, com as mais avançadas idéas democraticas. Na Escola de Marinha, quando se tratou de prestar homenagem a Victor Hugo, elle, orador official por commissão dos collegas, exaltou o genio revolucionario do grande morto, e isto em presença do proprio imperador. E no Ceará fazia parte do Club Republicano, fundado nos ultimos tempos do Imperio.

Assim, logo que foi substituido o governo do Ceará, os seus companheiros de propaganda, collocando-se acima dos preconceitos, que haviam banido moral-

mente da sociedade o destemido marinheiro, mandaram buscal-o para participar das festas que se realisavam, commemorando o grande acontecimento, e, sendo-lhe dada a palavra, pronunciou um discurso que enthusiasmou o auditorio, prevenido contra elle, sendo acclamado ruidosamente.

Mas nada prevaleceu contra a sanha surda dos seus perseguidores. Em principios de dezembro o ministro da Marinha chama-o com toda a urgencia á Capital Federal. Debalde os seus superiores a bordo do patacho intervêm, communicando ao governo que o official se achava de licença, por molestia ; a ordem é irrevogavel, e elle parte de novo. Chegado ao Rio, é mandado embarcar immediatamente num vaso de guerra que ia zarpar para a Europa.

Caminha apresentou-se a bordo e ao commandante declarou peremptoriamente que não seguiria. Conselhos, admoestações, ameaças, tudo foi debalde. Tentou obter uma inspecção que comprovasse a debilidade da sua saude ; foi-lhe declarado que não lhe seria concedido nenhum attestado de molestia, mesmo que realmente se achasse enfermo. Nessa emergencia adoptou um alvitre de philosopho : metteu-se em casa á espera dos acontecimentos. O commandante mandou prevenil-o de que o vapor só esperava por elle para levantar ferros e que não zarparia sem leval-o a bordo. Elle respondeu pelo portador que não iria.

Parentes, amigos, camaradas correram á sua casa e procuraram dissuadil-o do louco proposito. O ministro estava irritadissimo. Foi então que o marinheiro tomou a resolução extrema : pediu a sua demissão da armada nacional.

Demoraram-lhe o despacho do requerimento, protelaram a solução do caso, até que, porfim, tiveram que ceder, e Caminha, livre das cadeias disciplinares, o futuro amputado, sem dinheiro e nomeado praticante da thesouraria da fazenda no Ceará, chega á terra natal, jubiloso e feliz, levando o cumprimento do seu compromisso até ao sacrificio.

Os furores amorteceram, o poeta pôde repousar na sua felicidade e entregar-se á faina literaria. Anteriormente havia publicado um volume de versos e um de contos. Começou a publicação das suas impressões de viagem, mais tarde reunidas em livro, sob o titulo *No paiz dos Yankees*. Em 1892 escreveu o seu primeiro romance, *A Normalista*, depois editado no Rio, para onde foi elle transferido em fins deste mesmo anno.

A sua existencia amargurada e penosa começa então. A publicação d'*A Normalista* reaccendeu a colera dos seus inimigos do Ceará, porque nesse esplendido livro elle ferreteava individualidades poderosas, photographando com uma verdade crúa uns certos aspectos da sociedade cearense. Por outro lado, inician-

do na *Gazeta de Noticias* esses tremendos pamphletos, que denominou *Cartas literarias*, provocou um escandalo sem nome entre os magnatas das letras. E assim foi-se aos poucos trancando dentro de um tenebroso reducto, isolado, temido e odiado.

Entretanto a sua combatividade não arrefecia. Não havia verdades que hesitasse em pronunciar e tendo attingido no peito o grande arbitro, nessa época, das vocações literarias, este não lhe perdoou nunca e, desvairado pela fortaleza do adversario, baixou até ao insulto e á illusão injuriosa, para ferir fundo o audacioso.

A sua vida miserrima de empregado publico ia sendo arrastada com mil pequenas privações. A familia cresceu-lhe, vieram-lhe os filhos, e o ordenado tornava-se insufficiente para os mais urgentes gastos. Os martyrios dessa phase da sua vida são pungentes.

Publicou, apezar de tudo, mais dois livros, *Bom Crioulo* e *Cartas literarias*; escreveu a *Tentação* e os *Pequenos contos*, começou a traducção do theatro de Balzac, lançou as bases de duas obras de folego, *Angelo* e *O Emigrado*, e fundou a *Nova Revista*, que sahiu á luz por quasi um anno.

Esse longo e intenso esforço prostrou-o. A existencia começada com tanto garbo veiu ter á dolorosa tragedia final, em que se portou com a serenidade olympica de um forte.

Aos vinte e nove annos a tisica, de repente, acordou nelle. Vinha buscar a sua presa. Eil-o no leito da agonia, para o qual resvalou da banca detrabalho. Logo cavaram-se-lhe as faces e fugiram-lhe as escassas côres O fulgor dos olhares se lhe accentuou com a febre e os membros, pouco a pouco, iam definhando, exhibindo as saliencias dos ossos descarnados.

Eu ainda o vejo com essa mystica doçura na physionomia, a esvair-se lentamente, e guardo a saudosa e nostalgica recordação do seu olhar derradeiro, os ultimos lampejos dessa existencia de justo. Recibi n'alma e nella guardarei—agora para sempre—essa melancholica expressão dos seus olhos febris, a indefinivel expressão do seu sorriso triste, a lancinante, a dolorosa expressão da sua voz pausada e surda.

Em dez minutos extinguiu-se placidamente, sem uma convulsão, sem um esgare, apagando a luz dos olhos, cerrando-os e dormindo.

Foi a 1° de Janeiro de 1897, que elle exhalou o seu ultimo suspiro. Esse dia de anno-bom foi de um supremo escarneo.

II

A consciencia vulgar revolta-se contra os destinos obscuros e tristes. Faz-se o vacuo em de redor dos que passaram, meditativos e melancholicos, e em torno dos

indiscretos que andaram sondando as almas alheias, para nellas descobrir os veios preciosos da virtude e os meandros sinistros do vicio. A morte vem para os portadores dêsses destinos, não como um alivio individual, porque elles se bastam a si mesmos, mas como uma desoppressão collectiva. Ella é como o baque de um pesadelo que faz despertar para o consolo e para o desafogo os que os sonhos máus opprimem.

Mas a consciencia virtuosa encontra muitas vezes nesses destinos obscuros fulgores tão vivos, que ella se julga com o dever de os alimentar e perpetuar, para que elles se projectem sem desfallecimentos e sem descontinuidades, sobre os outros destinos circumstantes e sobre as obras que elles proprios praticaram, na sua obscuridade e na sna timidez.

Quando eu falo em destino obscuro, quero referir-me aos curtos vôos do ser humano e sensivel, porque esses mesmos entes tristes pódem muitas vezes, girando em espheras concentricas, librar-se alto, cortar espaços largos e cantar alto, na independencia e na sonoridade vaga dos espaços altos e largos. E assim póde-se ter ao lado de um destino obscuro e estreito, de caprichosas decepções, uma grande missão que nobremente se cumpriu e que illuminou toda a parte obscura do destino geral do ser.

Aliás, não é raro que um mesmo homem, dados certos factores, tenha uma dupla trajectoria divergente

que o leva, máu grado seu, a um fim não previsto e não procurado, porque foi a resultante das suas forças discordantes que lhe traçou o rumo incerto e perdido.

E, se nenhum dos dois pontos de mira pôde ser alcançado, esse homem pôde ter dentro das suas forças realizado a sua missão, mas não a realizou tão completamente, tão inteiramente, como se tivesse elle podido desde o inicio concordar e ajustar as linhas geraes da sua trajectoria.

E esse erro perpetuo é a causa de grandes desastres e dos naufragios das vidas. Não que o caminho que elle percorreu não fosse uma estrada desobstruida; não que fossé intransitavel e que outros por ella não pudessem viajar; mas é que era um caminho desconhecido para elle, que elle trilhava arrastado por forças cégas, e elle mesmo cégo pela ancia de fitar o horizonte, onde a estrella do seu destino fulgurava docemente.

E' como se um viajante, pela noite, acossado pelo temporal, desprezasse as estradas escampadas e fosse arremessando a cavalgadura por entre penedias e vallados, com a angustia de chegar ao pouso. Elle poderia passar incolume por esses invios atalhos, se o sol brilhasse no alto e elle viesse desviando os obstaculos com cautela; mas nessa noite tempestuosa é bem possivel que elle se despenhe num barranco ou fique perdido entre os tremedaes de uma floresta.

Adolpho Caminha foi um desses seres de destino errado. Elle não nascen, nem para o homem que foi, nem para o escriptor que se manifestou. O desencontro da sua missão social e da sua missão intellectual formou todo o seu infortunio.

As suas principaes energias e os elementos com que poderia contar para educar o seu espirito no culto da arte foram nelle cerceados pelo desvio de uma grande paixão; e o acirramento com que lutou para compensar os effeitos desastrosos dessas perdas transtornou-lhe toda a vida e o conduziu ao supremo aniquilamento. Bom e puro, sincero e devotado, nem por isso lhe foi concedido o que é dado a todos, mesmo os mais humildes, os mais insignificantes e os mais indignos: viver pacatamente de um amor permittido e calmo. A sua vida foi uma cadeia feita de élos partidos pela sua imprudencia e conjugados pela força da sua vontade.

Viveu numa luta feroz, mas elle proprio é que veiu accumulando diante de si os obstaculos que o extenuaram, com esse descuido e essa imprevidencia das almas exaltadas e impacientes.

Quando amou, foi com estrepito e violencia, cavando em torno de si um fosso de eriçadas antipathias e prevenções; quando despiu a honrosa farda de official de marinha, foi com uma arrogancia que tirou aos seus chefes o desejo de dissuadil-o; quando estreou

na literatura, sobre o seu nome e sobre a sua obra desencadeiaram-se as coleras mais vivas e os despeitos mais inclementes; quando surgiu na critica, levantou o clamor indignado e despertou a ira sanhuda dos despotas literarios. Em summa, dentro de cinco annos elle fechou voluntariamente em frente de si todas as portas.

Mas em todas essas occasiões foi de uma nobreza incomparavel na sua inconsciencia e no seu desdem pelas conveniencias dos proprios interesses. O grande erro da sua vida foi nunca ter querido ou sabido transigir.

Visto á distancia, elle nos apparece hoje como um revoltado que bate a portas de ferro que não se abrirão nunca. Os seus clamores, que elle julgava ouvidos de todos, perdiam-se dentro das abobadas sombrias e implacaveis da sua prisão e só eram entendidos pelos que o seguiam com amor.

De duas maneiras podem-se perlustrar esses dominios mysteriosos da literatura: ou seguindo pelas largas e descampadas e nuas estradas que vão descendo para os valles vulgares, ou galgando os cimos mais excelsos, pelas ingremes e sinuosas veredas, marchando de conquista em conquista, até encontrar um horizonte tão dilatado que nelle a idéa se possa alargar orgulhosamente e não definhe, oppressa pela mediocridade de aspirações.

Elle preferiu, é certo, essas veredas difficeis, e por ellas é que ia arrastando a sua penosa existencia; mas não pôde chegar, porque não teve prudencia e calma para ir com cautela por todos os atalhos, curvas e voltas; antes tinha um calor selvagem dentro de si, que o levava a lutar com a inercia das cousas brutas, sangrando as mãos nas rochas de arestas agudas, sangrando os pés nos asperos ortigaes.

Desdenhou das ameaças do passado e se esqueceu das lições repetidas da vida. E até ao fim procedeu com a terrivel coherencia com que começou a luta. Homem, aceitou todas as situações com o desassombro de um heróe; escriptor, arrostou todas as iras, como se fosse elle o vencedor temido de muitas campanhas e bastasse o clamor do seu nome para que as muralhas inimigas se esboroassem com fragor.

Na epoca em que elle deu o primeiro rebate do seu nome, o Rio de Janeiro literario era uma senzala dominada por feitores hoje decahidos. Elle sentiu primeiro a oppressão intoleravel desse despotismo e appareceu-nos um rebellado. Se tivesse sabido dobrar a espinha, não lhe teriam faltado os estimulos e as sagrações apotheosicas, mas por certo que o seu espirito não teria adquirido essa fortaleza e essa tensão, que o levavam a se consumir, em longas e mortaes noutes de vigilia, todo entregue ao seu sonho de gloria.

Hoje, que elle é morto e que se rompeu a corrente

implacavel de odios que se estreitava em de redor delle, é tempo de se fazer justiça a essa existencia tumultuosa.

III

A evolução intellectual de Adolpho Caminha não foi sempre nitidamente progressiva ; ainda hoje muitos consideram como a sua obra prima esse magnifico romance de costumes cearenses, *A Normalista*, produzido na phase, unica na sua vida, do triumpho do seu amor.

Aquietado das solicitudes do coração, todo elle se voltou para a paixão da arte e num curto espaço de tempo, estimulado interiormente pela ventura perfeita, tão difficilmente conquistada e exteriormente pela agitação mental em que a *Padaria Espiritual* trouxe naquella época os intellectuaes cearenses, elle pôde dar á sua obra todo o extremo de pai e todo o desvello de artista. Moldou-a num estylo caracteristico e simples, sem torneios escusados de rhetorica e sem preoccupações de rebuscamento. O Ceará burguez e o Ceará *moleque* estão retratados nessas paginas perduraveis com uma argucia e uma naturalidade que não são de nenhum escriptor deste momento. Foi talvez aggressivo, mas na sua situação deviam ser desculpados esse ardor e essa represalia contra a sociedade que o perseguiu e que não lhe quiz perdoar. Lavrou assim, elle

proprio, a sua absolvição, desvendando as miserias que nella fermentavam.

Chegado ao Rio de Janeiro e publicando *A Normalista*, Caminha isolou-se e trabalhou. Para logo sentiu uma hostilidade latente nas camarilhas que não frequentou e de que fugiu pelo contrario.

Tratou então de se definir e iniciou na *Gazeta de Noticias* as suas *Cartas literarias*, dizendo das cousas e dos homens do seu tempo tão rudes verdades, que bem se via que esse não surgira para a banalidade dos conluios e para as complacencias das retribuições amaveis.

A sua critica não foi sempre impassivel e tersa. Algumas vezes exaggerou o encomio e outras vezes a censura; mas dentro della estava inteira a sua alma de lutador, vibrante no seu enthusiasmo renascente.

Todo o seu pendor accentuou-se então para a escola naturalista de Zola. Pareceu-lhe que no seu primeiro romance peccára á sinceridade pela relativa timidez com que desnudára a natureza e resolveu salientar a sua adhesão ao grande romancista francez por uma obra francamente realista, em que a arte não conhecesse pudores nem reservas.

D'ahi nasceu o *Bom Crioulo*. Mais apurado no estylo, mais sobrio mesmo de phrases, este livro produziu um espanto pelo arrojo do thema, mas ninguem lhe pôde recusar as palmas do triumpho. E'

memoravel a defesa que escreveu por essa occasião na *Nova Revista* (n. 2).

« Que é, afinal de contas, o *Bom Crioulo* ? argumenta elle : Nada mais que um caso de inversão sexual estudado em Krafft-Ebing, em Moll, em Tardieu e nos livros de medecina legal.

... Comprehende-se tambem que estudando um *meio* segregado da sociedade e naturalmente baixo, como esse em que vivem marinheiros de prôa, não era licito empregar a technologia convencional de um *meio* civilisado. Bom Crioulo fala o calão de bordo.

..... A julgar como certos imbecis—que os personagens de um romance devem reflectir o caracter do autor do romance, Flaubert, Zola e Eça de Queiroz praticaram incestos e adulterios monstruosos.

.. ... Qual é mais pernicioso : o *Bom Crioulo*, em que se estuda e condemua o homo-sexualismo, ou essas paginas que ahi andam pregando, em tom philosophico, a dissoluçã› da familia, o concubinato, o amor livre e toda a especie de immoralidade social ?

Está bem visto que o *Bom Crioulo* não é obra para se dar de premio nas escolas. Escrever para educandas é uma cousa e escrever para espiritos emancipados é outra cousa.

... A critica (?) desejava que elle (o autor) es-

crevesse « um livro travesso, alegre, patusco, contando scenas de alcova ou de bordel (textuaes) ou noivados entre as hervas á lei do bom Deus » !... Mas como, em vez disso, apresentou uma obra estudada, um livro bem intencionado e verdadeiro, uma analyse da vida, os *criticos*, mordidos na sua impotencia de rodapeistas, fizeram de D. Quixote e juraram dar cabo do escriptor que, ousadamente, preferiu o escabroso thema do *Bom Crioulo* ás taes *scenas de alcova e de bordel*. »

Esses trechos não dizem tudo ; a defesa deve ser lida integralmente.

Emquanto repousava, para escrever dois grandes romances, que já se achavam delineados na sua mente, fez Adolpho Caminha essa obra ligeira que foi publicada depois da sua morte—*A Tentação*. Este livro revela uma reacção do espirito do autor para o seu primitivo processo, sem preoccupação de escola. E' ingenuo e crystallino na sua concepção e no seu estylo. Como etapa literaria, parece-me curioso, porque marca um novo modo de ser na mentalidade do artista, que, por mais que elle julgasse transitorio, deveria ser definitivo. Elle volveria emfim á sua primitiva maneira em *Angelo* e em *O Emigrado*, em elaboração.

Nada mais direi de Adolpho Caminha. Estes traços, ungidos de amor, darão uma idéa da sua vida.

do seu espirito e da sua obra. Que outros lhe façam a critica. Sahida da minha penna, ella se transforma em aspersões carinhosas de bençãos e exaltações. Sinto-o e não me cohibo, porque isso é como que uma compensação posthuma ás muitas injustiças que em vida lhe fizeram.

CRUZ E SOUZA

E' admiravel a notoriedade que se vae fazendo em torno do nome repudiado do artista negro, cujo nome vae aos poucos crescendo e repellindo as muralhas fortes da obscuridade e enchendo os ouvidos dos indifferentes, attonitos de ouvil-o e de ouvil-o pronunciado com taes pompas de louvores.

Dirão os admiradores incondicionaes de Cruz e Souza que isso revela que, ao morrer, elle entrou definitivamente na região perfeita da gloria; e os seus negadores não menos incondicionaes—que é transitorio todo esse triumpho, fructo precoce dos esforços e da propaganda de uma camarilha disciplinada e que, quando esta se desmantelar e desapparecer, elle passará para as sombras do anonymato, como tantos outros.

Aliás estas duas opiniões têm cabellos brancos e se reproduzem todas as vezes que um artista levanta um ruido desacostumado no seu meio ; e se uma não

garante os fulgores da immortalidade aos sens idolos, a outra não afoga no esquecimento os genios contestados.

O que é verdade é que desse artista se tem dito muito para que elle seja um mediocre. E como elle foi sempre muito modesto nas suas revoltas e muito humilde nas suas emprezas, póde-se concluir que não a elle, e sim aos espiritos que o vigiaram de mais perto, é devida a glorificação em que já vae apparecendo, glorificação talvez exaggerada nas suas manifestações, se bem que logica na sua reacção, mas sincera e justa.

Diga-se da sua attitude em vida que ella foi ininteligente e esteril; mas ha de se reconhecer que a convicção do seu destino é que fazia delle esse admiravel typo de sacerdote rebellado, tendo a preoccupação exclusiva da sua missão.

E conseguir, nos tempos indifferentes que correm, impressionar um grupo de rapazes irrequietos e indoceis e trazel-os submissos ao seu valor, quando nem se tem o prestigio da posição e das aceitações officiaes, nem se vive entre os encantos de uma vida bohemia é facil, é victoria que é forçoso attribuir a qualquer mysterioso attractivo.

Cruz e Souza não se impunha aos seus amigos. Elles vinham, fascinados pela originalidade do seu temperamento e pela inflexibilidade do seu fanatismo, se incorporando ao seu sequito, por descobrir nelle

alguma cousa de inédito e de extraordinario, a que não estavam habituados. Não o fizeram chefe de uma escola nem se alistaram entre os sectarios dessa escola imaginaria. Não se obrigaram a imital-o, nem a perpetuar as suas fórmas e os seus processos. Tudo isso seria insensato e pueril e só foi tentado pelos mais fracos e pelos mais pobres, que nada conseguiram que não fosse uma parodia ridicula e imbecil. Os intelligentes e os honestos, vivendo da mesma fórma que dantes, dentro da sua orbita individual, não desdenharam de testemunhar-lhe a sua admiração pelo seu talento e a sua solidariedade nos seus infortunios implacaveis. Mas nem a admiração implicava a solidariedade, porque elle poderia ser detestado e abandonado, apezar dos seus dotes intellectuaes; nem a solidariedade humana que os approximava delle subentendia a admiração pelo escriptor, porque pessoalmente elle era digno de altas affeições, mesmo que nada merecesse dos julgamontos criticos.

Foi-lhe este um meio hostil, não tanto pelas naturaes perversidades que nelle se agasalham, como pelas mesmas extravagancias de indole e temperamento do artista. Elle poderia, se o tivesse sabido, ter conquistado sympathias que outros facilmente angariam, e ter tornado assim a sua vida menos espinhosa e difficil; mas parece ter comprehendido que tudo quanto lhe concedessem traria o amargor das ironias implicitas e

o dissabor das futuras represalias ao menor dos seus assomos.

Para ser aceito, para ser *permittido*, tivesse o cuidado de aparar as garras, de matar os fulgores dos olhares, de dominar os impetos da consciencia e as independencias do caracter, de ter mão ás enunciações desenfreiadas, de aprender a sorrir com benevolencia, sem esse arreganho insólito de labios, de assimilar as opiniões consagradas e propagal-as com ardor. Se não, a clava suspensa cairia sobre a sua humildade, sobre a sua pobreza, sobre o seu esfarrapamento, sobre as suas audacias, sobre as suas coleras e até sobre a sua origem ethnica, impiedosamente esmagando-o ..

Quem de coração perfeito aceitaria essas cobardes transigencias e essas conquistas incompletas? Elle preferiu emparedar-se entre a sua miseria e o seu orgulho a mendigar essas complacencias despreziveis.

Escriptor, foi tão selvagem como na vida pratica. Nos seus dois primeiros livros disse numa linguagem obscura as coisas obscuras que lhe tumultuavam no cerebro, sem a menor preoccupação de ser entendido. Usou de uma palavra creada por elle, feita para os seus mysteriosos arroubos e para os seus idéaes incomprehensiveis e neste julgamento não vai nem censura nem elogio, porque não merece nem uma coisa nem outra um simples modo de ser; mas no labyrintho da sua phrase esdruxula, quem quer que tivesse alma e intel-

ligencia perceberia os lampejos de uma individualidade ainda captiva, mas anciosa por se libertar, em busca de um mundo novo.

A sua arte foi em principio como o balbucio desconnexo de uma criança; surprehendia-se, porem, nella a expressão dos seus sentimentos, presentia-se que em breve ella viria a tornar-se clara e que então, além dessa translucida claridade de mais a mais perfeita, saberia conservar a deliciosa musica dos seus gaguejados primeiros accordes.

Os seus adversarios, que não admittem novidades que os façam pensar, nem empecilhos á sua impaciencia de ver de um só golpe de vista, os conservadores, em summa, não podendo negar a existencia dessa sonoridade, que lhes estava a entrar pelos ouvidos, contentaram-se em resgistar que só ella existia na sua obra, como se ella já não fosse muita coisa, mas essa propria harmonia encantadora trataram de desprestigiar, assignalando que era resultante de uma feliz e paciente combinação de palavras sem nexo. Não perceberam, não sentiram a fonte mysteriosa de onde essa harmonia se evolava e não soubeiam transpor o tosco limiar das apparencias. Ora, o sentimento e as confusas idéas atropelladas no cerebro do artista é que cantam nesses livros com tanta eloquencia e suavidade.

A dar credito a esses senhores, do teclado do

piano é que brota a pura lympha do som e, para que ao contrario fosse o coração do instrumento a verdadeira origem della, fora mister que o executante ferisse com o dedo as proprias cordas.

Se se podesse crer que Cruz e Souza tivesse sido apenas um colleccionador habil de palavras arrancadas ao diccionario e escolhidas com cuidado para produzir esses sonoros trechos dos seus primeiros trabalhos, não se lhe poderia recúzar mesmo assim o reconhecimento de um mérito extraordinario, pois elle teria chegado onde ninguem chegou nessa asssombrosa manipulação ..E abençoada lingua seria esta tão calumniada lingua portugueza, apta para taes e tantas *inglezias*...

Demos, porem, de barato aos clarissimos criticos que as primeiras producções de Cruz e Souza sejam por tal fórma tenebrosas, que a mediania da intelligencia culta não as consiga comprehender nem surprehender nellas o mais ligeiro vestigio de nm encadeamento logico.

Depois da sua morte veiu a lume o seu livro definitivo de prosa. Como já se disse com documentação sufficiente, o livro é crystallino. O mais encascado plumitivo, como o proboscidiano mais encasquetado, comprehende-o e assimila-o. Lê-se nelle a vida de um rebellado e a profissão de fé de um artista honesto.

E de facto houve conversões, silencios significativos e grande moderação de juizos condemnatorios. Andaram alguns, é certo, catando pelas suas numerosas paginas as extravagancias de syntaxe, os hyperbolismos, as phrases voluntariamente contrafeitas, para d'ahi concluirem a persistencia dos primitivos defeitos; mas já não lhe atiraram a pecha predilecta de incomprehensivel, senão com um meio sorriso de cohereucia systematica. O livro, disseram porém, era extremamente pessoal e em todo elle extravasava a bilis do autor.

Emfim é possivel que essas creaturas incontentaveis pensem que um artista sincero possa dar á sua obra outra coisa que não seja a essencia dos seus pensamentos e a expressão condensada do seu intimo sentir. Se elle atravessara a vida dentro das trincheiras das rebelliões, se tinha a convicção do seu apostolado e da sua Fé, se eram differentes das de todo mundo as suas visões, como haveria elle de escrever sem se traduzir na sua obra ? O que competia demonstrar é que elle foi mesquinho e inferior na interpretação das suas sensações e dos seus ideaes e que a sua arte está abaixo da grandeza e da melancholia da sua alma.

Ao contrario do que commummente succede, esse artista só começou a ser seriamente negado, combatido e discutido depois de morto e só depois de morto é que

se vai revelando em todo o seu esplendor, graças á activa campanha dos seus amigos.

Quantos que sublevaram em vida tormentas memoraveis não invejariam o seu destino e as mesmas amarguras da sua existencia !

Muito ha de se dizer ainda delle, para bem e para mal ; mas, quando de futuro se tirar a média desses juizos, ha de se verificar que elle foi dos que mais amaram a arte, porque tudo lhe sacrificou do que podia sacrificar : tranquillidade, bem estar, o socego da sua familia, o pão dos seus filhos, a sua saude e a sua vida e, a mãos cheias, lhe deu os thesouros da sua dedicação, da sua intelligencia, da sua intransigencia e do seu fanatismo. E tudo isso elle o fez caladamente, na penumbra dos sacrificios ignorados, com o desprendimento dos martyres voluntarios, sob a pressão das calamidades intimas, no desassocego das miserias domesticas, emparedado dentro da sua pelle negra e dentro dos preconceitos sociaes, a cujos insultos não se quiz aventurar.

A geração de hontem, por não a comprehender, a nossa geração, por muito admiral-a, hão de se limitar a combater em redor dessa individualidade, transformada num symbolo e num estandarte. Julgal-a com elevada isenção de animo não lhes compete, não lhes é possivel, nem seria util. Aproveitemos nós outros a opportunidade para auxiliar a evolução que, a cada

estadio, a arte soffre e teremos cumprido o nosso dever.

Os que vierem substituir-nos, armados de novas idéas, quando rejeitarem as nossas formulas, já então caducas e enferrujadas, julgarão se devem respeitar a memoria do escriptor negro de hoje ou se ella nada merece da posteridade.

NESTOR VICTOR

I

AMIGOS—ROMANCE—1900

Póde-se estudar uma obra sem se cogitar do obreiro ; mas, quando se conheceu este antes daquella, sente-se uma cohesão tão perfeita a unil-os, que seria um erro desprezar-se o contingente que traz á critica a explanação prévia dos attributos, o estudo da organisação artistica e espiritual do creador. Um livro de arte decorre naturalmente dos sentimentos, das visualidades e do modo de ser do seu autor, quando este livro é sincero e é feito por uma alma proba. Elle traz, ora as illusões, ora os canticos secretos, ora os erros, ora os farrapos dessa alma, presos a cada phrase e a cada idéa. Vive-se com o autor, como se se lhe estivesse falando e ouvindo-o falar, e a cada momento encontra-se

um pedaço do seu coração palpitando num trecho caracteristico.

Conheço uma critica pernostica e zarolha, que assegura ser impossivel a imparcialidade applicada aos adversarios, e portanto aos amigos. Eu nada sei dessa impossibilidade e nunca me defrontei com ella. Penso que aos adversarios se deve justiça e aos amigos lealdade, sem o que a luta é covarde e a amisade incompleta e mal entendida.

Quando se sáe do meio malsão, onde vegeta essa flor podre das complacencias baratas e dos rancores implacaveis, e se cae no dominio puro de uma arte sem refolhos e sem transigencias accommodaticias, uma outra alma se crêa e um outro horizonte se descortina. Quando se depara com seres bastante fortes para não balbuciar de gozo beato perante os louvores e não se accender em iras perante as condemnações, e que antes aceitam uns e outras com um alto espirito de confiança e de tolerancia, então é um prazer ir a gente explorando a intellectualidade desses seres, porque é como se se penetrasse em uma mina de ouro, cavada em galerias largas e altas, onde não se temessem as suffocações fataes dos gazes mortiferos e asphixiantes.

Nestor Victor é uma dessas creaturas excepcionaes; mas não é perfeito nessas qualidades de espirito. Elle herdou da convivencia intima de Cruz e Souza, da qual trouxe mais do que pensa ter trazido, dois sen-

timentos que são estrangeiros nelle: a cegueira tenebrosa para não ver na sua propria obra o menor defeito, para julgal-a superior a quanto de semelhante surgiu no seu tempo e o pessimismo intoleravel para descobrir manchas e falhas em todas as intellectualidades contemporaneas, principalmente nacionaes. E isso já é nelle um modo de ser tão natural como ser branco ou ser dyspeptico.

Ninguem, como elle, tão sujeito a illusões de optica, na contemplação amorosa das suas producções de arte. Elle faz dentro de si uma tal atmosphera de auto-admiração, um tal ambiente de respeito pelas proprias concepções, que quando produz é como se orasse e perante si proprio tem symbolicas posturas de genuflexão, como perante um tabernaculo. E nesse mysticismo, que lhe tira qualquer possibilidade de se criticar e se julgar, não é de admirar que as mesmas imperfeições da sua obra se transformem em preciosos exotismos, em raras reliquias de arte, como acontece a fanaticos ter visões apocalypticas, só de se prostrarem, abatidos e langues, perante imagens de suggestões sympathicas aos seus espiritos. . Quanto aos defeitos que observa ou que lhe apontam, recusa-se a dar-lhes a menor importancia e considera-os como senões insignificantes, que no conjunto desapparecem e perdem a sua acção nociva.

A este modo de sentir corresponde um modo in-

teiramente opposto de julgar os outros. Não se arrisca, senão muito excepcionalmente, aos julgamentos extremos e dentro de uma larga mediocridade classifica toda a literatura nacional, muito complacente para os tibios e muito exigente para os fortes.

E' um extraordinario especulativo, ancioso pela denominação precisa, pela qualificação exacta, pelo termo adequado, e no ardor de achar essa denominação, essa qualificação, esse termo, penetra com uma acuidade de analysta profundo nos espiritos alheios e nas almas creadoras dos artistas. Nesse afan vai, porém, ás vezes, além das raias legitimas, embriagado pela propria phrase dogmatica, pela propria percuciencia e commette as injustiças involuntarias que são o contrapeso ás benignidades que tem para comsigo mesmo. Ora, um escriptor dessa tempera, ou é um nullo vaidoso, ou é feito para vencer — e este é o caso de Nestor Victor.

Não me parece que elle seja caracteristicamente um symbolista, como se diz e como elle pensa. Os seus livros têm por ora a influencia dessa escola, mas influencia transitoria e vaga.

E' um carrancismo este de querer á força filiar um novo escriptor a uma das formulas literarias estabelecidas ; mas póde-se affirmar que Nestor Victor, despreoccupado, como nos apparece, dessa questão de escola, tende mais para a observação e para a analyse

objectiva, que para o subjectivismo dos novos. E' um temperamento que se fórma com uma independencia segura e um creador que se emancipa.

Amigos é um livro a parte na nossa literatura. O symbolismo que possa conter é desmaiado e discreto e é antes resultado de uma preoccupação, que a manifestação incoercivel de um modo de ser. E essa preoccupação parece que elle vai perdel-a dentro de poucos annos.

Pode-se lel-o, abstrahindo inteiramente della, porque nem é essencial á obra, nem se impõe como um eixo primario, em torno do qual se mova a acção.

Onde está realmente o symbolismo dos personagens de *Amigos* ? Não são seres abstractos, representativos de typos idéaes, concebidos pelas genialidades de um artista ; antes são creaturas muito vivas, que, quando muito, representam grupos ou classes de individuos, vivendo em condições identicas, meios identicos, sob influencias de uma mesma ordem. Nestas condições, o symbolismo de *Amigos* limita-se vagamente á idealisação desse lunatico que é o Sr. Alexandre e á approximação desses dois seres incompletos, o aleijado e o mudo, que se ligam indissoluvelmente para a vida e para o crime.

Deixemos, pois, de lado essa questão, que é de todo secundaria, e encaremos a obra simplesmente como um romance.

São creaturas tristissimas, incompletas e naufragas da existencia quasi todas as que elle evoca. E movem-se numa realidade tão flagrante, tão desoladora, que mais tristes se nos apresentam. Esse pessimismo literario, que leva o autor a carregar de tons tão escuros e de reflexões tão amargas a sua obra, deriva, segundo penso, da sua critica implacavel sobre coisas de arte; porque, de facto, elle é um alegre e um bom, direi mesmo— um feliz. Mais—é um benevolo e um complacente para as coisas más da vida e pensa que a existencia vale bem as agruras que padecemos. Não tem a visão negra e tediosa dos neurasthenicos, nem se emmaranhou jamais nos labyrinthos convencionaes de philosophias de magua e desolação. Só intellectualmente é que é um radical e um evocador de pequenas miserias e de grandes aleijões moraes. Mas estes, como aquellas, elle os pinta com uma singeleza tão poderosa e tão suggestiva, que elles se nos entranham no cerebro como seres objectivos, que passassem pelos nossos olhos, impressionando a nossa retina e ferindo fundo a nossa attenção.

Por isso, digamos agora todo o nosso pensamento, o mestre cuja influencia predomina no livro de Nestor Victor, embora de uma maneira toda indirecta, sem a intervenção das reminiscencias, é Balzac. Como elle, é de uma severa simplicidade de estylo e, como elle, creador dos typos mais difficeis de fixar, dessas me-

diocres creaturas, de aspirações pobres, de corações imperfeitos e de virtudes mutiladas.

E' relativamente facil estudar caracteres de linhas bem definidas, acima da vulgaridade, excepcionaes num meio ou na raça. Os traços que os definem são distinctos e caracteristicos ; elles gyram em uma orbita á parte, destacam-se com nitidez de entre os semelhantes e as suas virtudes, como os seus defeitos, as suas acções, emfim, obedecem a impulsos originaes e de facil observação e apreciação. Desse artificio para impressionar usou largamente a escola romantica e usa ainda, embora com mais discreção, a naturalista. Balzac, mestre numa e noutra, foi sabio em não explorar esse estratagema emocionante e provou como a realidade flagrante dos individuos mediocres e apagados é poderosa em evocações e como constituem verdadeiramente a historia de uma sociedade, representada pelos mais genericos dos seus especimens.

O personagem principal de *Amigos* é esse invalido Felix, um pobre estudante, que luta ao mesmo tempo contra as asperezas da adversidade e contra a fraqueza, a covardia e a inferioridade do seu proprio espirito. Elle é rasteiro e mesquinho, dotado, porém, de uma intelligencia vivaz, embora limitada. Typo mediocre e vulgar, sem linhas e sem contornos, incapaz de um acto de nobreza ou de heroismo, foi necessario a Nestor Victor tratal-o com uma rara habilidade e um real

talento, para pôr em relevo essas linhas e esses contornos quasi apagados. Elle nos é apresentado no seu triplo papel de amigo, noivo e marido, como um impulsivo, que não premedita os maus actos que vai commetter, mas que é levado insensivelmente a todas as miserias e infamiasinhas. Amigo, acaba por conduzir ao crime o unico que lhe restou fiel; noivo, primeiro por alvoroço de moço, depois por gratidão, rompe com a palavra empenhada e causa a morte da noiva; marido, emfim, arrasta uma vida tediosa, unindo-se a uma mulher corrompida, que se lhe entregou antes do casamento, e que elle começa a aborrecer, quando vê faltar o dote com que contava.

A mulher de Felix, Elisa, fôra em solteira uma dessas muitas semi-virgens, tão bem estudadas por Marcel Prevost. Educada em uma familia sem cohesão, sem instiuctos nobres, toda voltada para vaidades e apparencias illusorias, gozou sempre de uma liberdade larga, de que abusou, como uma viciosa e uma degenerada. Nella reproduzem-se sob a fórma equivoca de amoricos baixos, os sentimentos inferiores, a ausencia de escrupulos do pai e o egoismo e a imbecilidade apavonada do irmão. E' uma dessas creaturinhas futeis e corrompidas, que se encontram a cada passo na vida, perigosissimas pelas suas seducções grosseiras, e pelas suas audacias de rameiras instinctivas, e que, como um fructo interiormente podre e de dourada fórma

exterior, contêm os germens dos tédios futuros e das infecundas magoas.Nestor Victor soube debuxar-lhe o perfil vulgarissimo com uma rara precisão de traços. Um de mais, um de menos, e, ella se tornaria grotesca ou deficiente. Mais ainda— teve a intuição necessaria para fazel-a bem digna do marido, capaz de attrahil-o e capaz de querel-o. Quando se conhecem os dois e se sabe que elles se conhecem, sente-se que elles não se desligarão mais,porque um encontra no outro as inevitaveis affinidades que conjugam os seres nesta vida.

Não seria, por certo, a casta e melancholica Diamantina, predestinada para esposa e mãe, desarmada de capciosas manhas e de graças voluptuosas, que poderia conquistar este coração esteril e calculador, que deixára pelos espinhos da sua tormentosa derrota os escrupulos da consciencia e as coragens heroicas. Ella é a perfeita e a santa do livro; mas passa ante o leitor, como uma victima precoce, de alma fechada aos enthusiasmos e ás commoções felizes. Dir-se-ia que ella só acabou tão tristemente, por se ter encerrado em tanta tristeza e que o autor, que a fez desde o principio assim pobre de venturas e de esperanças, é que a tratou com tanto amor, que lhe vestiu esse luto pesado na vida, por conhecer de antemão o seu destino, ou então preferiu concebel-a assim dolorosa, para que a sua derradeira e intensa magua não a pungisse tão cruelmente.

Diamantina e a irmã, Emilia, commentam e definem o pae, o Sr. Alexandre, que Nestor Victor apresentou, entre gallofas, como um sujeito meio maluco e ridiculo. Diamantina attesta toda a bondade que havia no fundo do coração do velho e Emilia toda a sua energia, agora morta, todo o seu bom senso, agora perdido, toda a sua vista segura de homem pratico, agora desorientada pelos revezes. Se o tivesse querido, teria feito desse typo originalissimo o encanto da obra, revelando as suas multiplas faces e dando-lhe em cheio com o reverbero crú de uma analyse minudente e completa. Preferiu a esse prazer de artista a satisfação intima do creador, que quer que a sua creatura viva, tal qual a imaginou, com as suas imperfeições. E não póde ser por isso censurado.

Em conjunto, *Amigos* tem o seu principal mérito revelado pela consideração suprema de que faz pensar e inspira uma multidão de idéas.

Póde-se escrever sobre elle indefinidamente, parando-se aqui e ali, para se desentranhar com vagar toda a enredada psycohlogia das curiosas entidades que nelle vivem.

Quem o ler descuidada e superficialmente, achal-o-á talvez banal; mas quem o fizer com amor e criterio, irá nelle encontrando, a cada pagina, os fulgores que se disfarçavam, as verdades que se escondiam e sobretudo as razões secretas e mysteriosas das coisas

incomprehensiveis para o vulgo e que o autor mesmo se surpreh nde de nelle encontrar agora, como succede a todos os escriptores de uma intuição superior.

II

A HORA—Critica—H. Garnier—1901

O titulo deste livro, feliz na sua expressão symbolica, póde peccar por uma amplitude que elle não justifica, mas revela no seu autor preoccupações nobres de syntheses e de analyses, que até não acham logar nestes tempos de escripta ligeira e em um centro intellectual, onde a critica, para ser comprehendida, deve ficar em um exame perfunctorio sobre as obras contemporaneas, praticado por um curto escalpellosinho que leva a rasgar furunculos grammaticaes e a dilatar aposthemas estylisticas e, para ser applaudida, ter o estimulante acre das polemicas.

A Hora é titulo para uma encyclopedia formada de glorias e de angustias, porque a hora que este alvorecer de seculo representa é a mais tragica e oppressora que a humanidade tem quiçá atravessado, bem como a mais palpitante de orgulhosas victorias e de soberanas conquistas.

Graças á civilisação que vae lentamente avançando, a velha selvageria está circumscripta e tende a

desapparecer ;. e agora o que agonia propriamente o universo é uma indizivel ancia por um idéal novo, é essa duvida que não se define, nem se comprehende bem, essa falleucia, em summa, da vontade que se entibia ante os grandes problemas e do sentimento que se embota. Os estados, como os povos,como os individuos, passam por uma crise que este seculo ha de resolver com alguma formidavel renovação que se prepara. Tudo quanto concorre para esse alvo mereče ser registado nos annaes contemporaneos; e os philosophos, os sabios, os estadistas, os artistas, devem se estudar e se vigiar mutuamente, para que nessa profusa elaboração haja uma resultante dos esforços collectivos que forem aproveitados em bem da empreza commum.

Assim, a hora é de uma anciosa espectação. Por todos os departamentos da alma e do cerebro ha grandes revoluções que se elaboram. Por isso mesmo ella é fecunda em motivos para o artista, como vae sendo para o homem de sciencia uma inexgotavel cornucopia de novas creações.

Só a impotencia dos mediocres ou então uma estreitissima comprehensão disso que se chama originalidade, poderá proclamar a impossibilidade de formações distinctas nos dominios da arte. Porque é que os Shakespeare, os Gœthe, os Balzac, os Ibsen, os Tolstoi, os Dostoiesky, os Sienkiewicz, os Knut-Hansum nunca recuaram perante essas apparentes difficul-

dades ? A indecisão do momento poderá limitar o numero dos genios ; mas a propria grandeza delle produzil-os-á talvez mais formidaveis, mais semi-deuses, com um aspecto de maior predestinação, quando sahirem aureolados dessa nebulosa que envolve toda a intellectualidade. Porque, digamos, ser original não é fazer alguma coisa de absolutamente inédito, não é construir uma boneca de pernas na cabeça e de ôlhos nas espaduas e sim, conformando-se com os typos naturaes, crear um specimen que tenha um destaque especial, possua uma esthetica distincta e se differencie dos mais por um sainete peculiar ao seu creador. Assim nos ensina a Natureza que, absurda quando nos fornece mostrengos e monstrinhos, é na sua proliferação incessante e variadissima perpetuamente original, tanto na feitura de um complicadissimo animal, como nós, quanto na do mais insignificante ramosinho de herva silvestre.

E' pueril, pois, e é futil esse thema que varios desoccupados, de quando em quando, bordam de pueris e futeis commentarios, adulterando o conceito do profundo Salomão.

Nada ha de novo sob o sol, porque os germens de todas as coisas e de todas as idéas foram creados desde o principio; mas cada cogumello que brota em um canto desconhecido é absolutamente uma creação nova, da mesma fórma que cada obra notavel, es-

cripta sobre os mais explorados assumptos, caracterisa a individualidade que a produziu de uma maneira inilludivel.

Apenas o homem é um producto ainda imperfeito dessa mesma Natureza e a civilisação que lhe proporciona todas as vantagens da cultura, não lhe altera essencialmente os predicados. Não tem elle, portanto, como a Natureza, o dom de ser sempre original e a maioria das suas obras, com serem mediocres, ainda são uma banal repetição de outras mediocres banalidades.

Mas mesmo esses mais notaveis productos do engenho humano de pouco seriam uteis, se a critica não viesse divulgar e interpretar o pensamento das grandes obras sociaes e dellas extrahir os secretos ensinamentos e as lições fructuosas e ligal-as ás outras manifestações da vida social, conjugando todas essas poderosas forças, concretisando e synthetisando todas as idéas esparsas.

E' a esse intuito que deve obedecer um livro que se intitula *A Hora* e a isso é que o livro de Nestor Victor evidentemente se propõe, muito embora em uma esphera de acção muito restricta.

Um volume é aliás insufficiente para tal emprehendimento, e o autor dará uma boa nota da sua intelligencia, se em volumes successivos completar o seu magno estudo; pois a hora não é apenas este principio

de éra nova, mas sim todos estes primeiros lustros, que presidirão ao advento das reformas esperadas. E a critica assim praticada, com uma grande elevação de vistas, seleccionando as idéas aproveitaveis, impulsionando os elances nobres, penetrando no amago das sciencias e no fundo das almas, fará desta hora uma hora de solemne transfiguração.

*
* *

O livro de Nestor Victor contem apenas tres trabalhos criticos: um sobre *Les deracinès*, de Maurice Barrés, um outro sobre o *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand e o terceiro sobre Ibsen.

A these que Maurice Barrés sustenta no seu livro é commentada pelo autor d'*A Hora*, com grande abundancia e depois de um completo resumo da obra do escriptor francez. O que este procurou foi evidentemente chamar a attenção para o phenomeno da immigração para Paris da maioria dos rapazes de mérito, habitantes das provincias, pratica, a seu ver, de effeitos nocivos para o futuro da patria. A fronteira vae se enfraquecendo com o exodo desses elementos que, aliás, se atrophiam e deperecem em Paris, e o espirito allemão, passando a fronteira, vem diffundir-se em territorio francez.

Ora, a these é futil, se não falsa e convencional.

Em primeiro logar, que grande mal irá á França se o robusto espirito saxonio lhe emprestar um pouco da sua seiva, a ella tão deperecida por uma longa fecundidade? Depois não seriam os tibios que elle nos apresenta no seu livro, que estorvariam essa invasão espiritual.

Nestor Victor explica o grito de alarma de Barrés como o de um sujeito descontente de si mesmo e que em si mesmo sente o perigo apontado. O autor é um patriota francez de cultura germanica, que luta contra si e que se compraz em assignalar o mal que o invade, como uma epidemia propagada pelos do seu tempo.

E em torno dessa hypothese elle faz a analyse do livro; apenas, dado a abstracções e a uma philosophia por demais vasta e vaga, se bem que humana, elle desloca desde logo o problema com uma generalisação que o deforma. E' assim que elle constata a inanidade dessas preoccupações com esse arrazoado, de uma expressão aliás alta e verdadeira: «Mesmo pelo peior, quando seja uma risonha fatalidade inevitavel a civilisação germanica ficar dominando a terra, tão só como o Brahma indiano o ficou durante cento e dez milhões e quatrocentos mil annos solares no começo da creação, ainda assim não ha propriamente motivo para graves apprehensões agora, porque ellas devem caber a esses tempos que estão por vir. Cada dia com

seu cuidado. E esses hão de resolver pelo melhor para o destino do Homem, como até hoje tem acontecido.

«Agora, aventurando-se uma ultima hypothese, a de que possa acontecer um dia á Especie transviar-se por tal modo que nunca mais chegue a corrigir o erro e que assim venha a desapparecer de sobre a face da Terra, póde causar-nos certo embaraço a lembrança desse perigo que alguns acharão não ser de todo impossivel. Comtudo uma alma verdadeiramente grande poderá trazer a tranquillidade ás outras, estabelecendo que mesmo assim talvez não se perca tudo, porque é provavel que a natureza fique, nada tendo demonstrado até aqui que seja necessario absolutamente, para que ella não pereça, a conservação do homem por todos os millenios que tenham de vir, nem até a do Planeta, nem a do Systhema, nem talvez a de todo o Universo que podemos com a vista ou ainda com o pensamento abranger.»

E' claro que não ha nenhuma tranquillidade a esperar desse raciocinio, porque para a humanidade o que importa em primeiro logar é a sua propria conservação. Elle accrescenta, concluindo, que «se Maurice Barrès tivesse olhado as coisas deste ponto de vista, talvez não existisse agora aquelle seu livro». Ora, isto é um ponto de vista absurdo para um homem que cogita de resolver um problema estreitamente nacional, tão digno

de estudo como os mais transcendentes problemas naturaes.

O estudo sobre o *Cyrano de Bergerac* é formoso e bem trabalhado. Na apparencia é um paradoxo literario, feito com arte e desvello. O autor exalta com uma magnanimidade rebuscada os méritos desse romantico retardado que é Edmond Rostand, defende o poema das accusações que lhe foram feitas por um sr. Emile Magne, extráe do livro, uma a uma, as suas bellezas, chama-lhe «uma obra de grande Arte», estuda em largos traços a côrte de França no seculo XVII, em que viveu o famoso espadachim e affiança que Rostand creou o typo, com todos os recursos de uma arte perfeita e com um admiravel *savoir-faire* e, emfim, concluindo, interroga: «Agora é este livro o que se chama propriamente um grande livro, é esta bellissima obra o que na realidade se chama uma obra centro, de onde vão irradiar todas as outras que tenham de caracterisar uma nova época? Não, é o que o *Cyrano* absolutamente não é».

E mais adeante: «*Cyrano de Bergerac* é a obra prima entre os artefactos da banalidade contemporanea». E isto que é uma bella phrase é uma grande verdade. Para proval-o, Nestor Victor compara este moderno poeta ao grande Victor Hugo e aos novos evangelistas do pensamento, aos Ibsen, aos Maeter

linck, etc., e evidencia a sua inferioridade ante aquelle e estes.

Segue-se e ultima o livro um longo e meticuloso estudo sobre H. Ibsen. Comprehende-se que a nebulosa e prophetica figura do bardo norueguez tivesse fascinado o espirito de Nestor Victor. Critico que exproba a Maurice Barrès as suas pequeninas preoccupações nacionalistas, que condemna o dilentantismo vadio de Rostand, por quem mal occulta o seu desprezo de pensador, devia ficar de olhos abertos em extase, numa contemplação demorada e carinhosa perante o vulto desse macerador de idéas e de grandes problemas sociaes.

A figura predestinada de Ibsen levanta-se no extremo norte da Europa, como a de um formidavel revolucionario.

Surgindo em 1848, elle atravessou todas as escolas literarias e chegou ao symbolismo dos seus ultimos dramas, andando por largas estradas.

Mas o symbolismo de Ibsen não é o vesgo processo dos impotentes deste momento, que o adoptaram como um *substitutivo* ao naturalismo. Ora, as escolas não se substituem; evoluem.

Do clacissicismo ao romantismo, deste ao naturalismo e deste ao symbolismo não houve mais que transformações e cada escola legou á que se lhe seguiu as suas conquistas permanentes e essenciaes. Assim é que o symbolismo praticado por um Ibsen que já foi

romantico e naturalista, não é absolutamente uma abjuração e sim um progresso. Mas elle se preoccupa por acaso com pequeninas questões de fórma? Elle empresta côres aos vocabulos e tem os especiosos subentendidos dos poetastros do symbolo? Não! Elle encarna as vastas idéas que lhe tumultuam no pensamento em soberbos heróes e com ellas dá a solução aos difficeis enigmas do seu tempo. E esse symbolismo é por ventura de hoje, para que andem essas tribus desoladas do pessimismo a cantar victoria pela sua descoberta? Homero symbolisou as forças do homem e as fatalidades do destino no formidavel Olympo, causa de todas as cousas e agente de todos os factos; os que o plagiaram, como Camões, tomaram ao pé da letra o symbolo e entenderam que não havia coisa mais graciosa do que perpetuar esses automatos para todas as descabidas ficelles necessarias aos seus poemas.

Shakespeare, Gœthe, Balzac, Zola, Salomão, David, Jesus e Mahomet foram symbolistas, porque o symbolo foi de todos os tempos a representação do que se deseja, do que se aspira, do que se suspeita, a encarnação dos mysterios entrevistos, a intuição das realidades possiveis, mas ainda não conquistadas.

Um passo adiante deste momento e eis-nos na região do symbolo; e que poeta digno deste nome não caminha um pouco na sombra projectada no futuro pela hora presente?

Como se desempenhou Nestor Victor da formidavel tarefa de interpretar a obra desse gigante e de synthetisal-a nas cento e trinta paginas do seu livro? Depois de uma laboriosa analyse, em que elle perscruta, uma por uma as suas tendencias, um por um os seus obscuros ideaes, eis a que elle chega na sua conclusão, quanto ao que é o escriptor de hoje, que é o mesmo que dizer—quanto ao que é o escriptor, pois o passado não é mais do que uma preparação do presente: « Elle é o mesmo crente e o mesmo idealista de sempre, mas essa crença em si fica mais amarga e travorosa, ante a persuasão que a vida lhe traz de que o mais insignificante passo evolutivo custa ao homem, como á Natureza em geral, um sacrificio tão espantoso, tão absurdo, que é incapaz de o calcular antecipadamente o pensador de intuições mais pessimistas que possa apparecer na Terra. E ao mesmo tempo o vagar com que tudo se move é aos seus olhos um phenomeno tão proximo da estagnação, se não tão identico, que o poeta desespera, faz-se convulso e appella então para esses mensageiros do mal, esses operarios de sapa, de destruição, a ver se elles, com a repulsa que inspiram, acordam esta humanidade somnolenta e a fazem dar dous passos decisivos para a frente, afinal».

Logo, o autor d'*A Hora* extrahiu da vasta obra do profundo scandinavo a alma que nella palpita, ou que sentiu nella palpitar.

Outros, com outras preoccupações, saberão encaral-a por outros aspectos, egualmente fundamentaes, e divisarão nas entranhas desse abysmo outras verdades não menos verdadeiras, e umas e outras estarão contidas nella, talvez sem consciencia do proprio autor.

Mas esta é mesmo a funcção da critica. Ella representa o fecundo papel de um arado, que, depois da safra, sulca e revolve o terreno que já produziu, preparando assim a terra para a sementeira nova. E' escusado, pois, indagar, do criterio que guiou esse critico na exegese do Evangelho humanitarista do pensador scandinavo. Lendo-se o seu trabalho, reflectindo-se nos seus commentarios, acompanhando-se as suas deducções, chega-se facilmente e sem surpresas, ás suas conclusões. E dizer isso, em estudo tão complexo, é dizer bastante em seu louvor.

*
* *

Agora, apreciando em conjunto esta obra, o que se nota, em qualquer das suas paginas, é que ao lado do philosopho que é esse critico, ha um poeta não raro exaltado, não raro substituindo o attento e imparcial investigador. Em certos detalhes poder-se-ia notar que a imaginação desse poeta collaborou com a erudição do interprete.

E é assim que se acha definido na nossa literatura um critico, que não se parece absolutamente com qualquer dos que já existem. Certo que elle é apenas um iniciado e ainda precisa de dez annos de boa e escolhida cultura para se affirmar ao seu tempo.

Um dos seus criticos notou-lhe difficuldade na expressão: não ha propriamente tal difficuldade. Mais acertadamente se diria—indecisão. E de onde ella parte a não ser da limitação do campo que arou expressamente para as necessidades deste momento?

O que o torna, porém, absolutamente distincto dos seus confrades, é que elle representa esta hora tão cheia de angustias, desdenhando de collaborar na critica literaria, para ser um critico social, o que quer dizer, um homem que deseja concorrer para o progresso da humanidade, corrigindo lhe os instinctos, rectificando os seus desvios, dando assim á sua arte a funcção utilitaria que a Arte deve ter para se legitimar e para se justificar.

GONZAGA DUQUE

MOCIDADE MORTA — ROMANCE — DOMINGOS DE MAGALHÃES — 1899

Entre esses rapazes que, ha annos, nessa época febril de creação de revistas ephemeras, estardalhaçavam, com a preoccupação infantil de escandalizar o burguez, procurando o *novo*, não nas subtilezas de uma arte severa, mas na exterioridade futil de exhibições ridiculas, Gonzaga Duque occupa um logar notavel e distincto. Foi preciso para isso que elle comprehendesse quanto era esteril e contraproducente o processo de conquista que se imaginára então e se puzesse a trabalhar com criterio, fóra dos ajuntamentos e das rodas ruidosas.

E' bella essa febre que sacode intermittentemente as gerações novas, que se querem impor; mas, em regra, quando ella não é sincera ou provocada por

causas reaes, quando é a exaltação de mediocres, a quem a actualidade nega o accesso a posições superiores, não póde ter consequencias uteis e praticas.

Gonzaga Duque, porém, envolvido nessas agitações, soube recatar em boa hora a flor fecunda do seu talento e deixou aos que não tinham confiança em si proprios a tarefa de se fazer valer pela algazarra e pelo terror.

Mocidade morta é um livro escoimado da pecha costumada de *literatura apressada*, tão bem observada e condemnada por um dos nossos criticos; é uma obra trabalhada demoradamente, com carinho e com amor, revelando no seu autor um espirito estudioso e dado a especulações de sciencia e de arte, a que em geral são muito estranhos os nossos literatos.

Não marca o inicio de uma literatura, nem faz uma revolução nos processos actuaes, como se quiz fazer crer com o exclusivismo endeusador dos sectarios inflammados; não inaugura a bibliotheca da Prosa no Brasil, como se assegurou, porque (para não citar senão um predecessor de Gonzaga Duque, cuja supremacia creio que elle não contestará) Raul Pompéa já brindou essa bibliotheca com um dos livros mais preciosos que se escreveram em lingua portugueza.

E a influencia de Raul Pompéa, assim como a de Eça de Queiroz, se bem que diluida e longinqua, sente-se na *Mocidade morta*, aquella mais sensivel

no typo de Telesphoro de Andrade e esta no do dr. Heraclito. Mas isso em nada prejudica o mérito desse artista. Porque—ou se ha de fugir ás imposições fataes das reminiscencias e das coincidencias, refugiando-se nas trincheiras da ignorancia, como aconselha um vate nacional, ou se ha de lutar contra essa fatalidade com heroismo, até que a cerebração se constitua de maneira tão completa, que dispense quaesquer agentes estranhos, seu funccionamento tornando-se independente delles. Não transigir nesse, como em outros pontos de inevitaveis deficiencias, é ser intolerante e absurdo.

Não se faça tambem do successo deste livro a prova de vitalidade e da victoria de uma determinada escola literaria. Nada seria mais falso. A transitoriedade das fórmas e dos processos é evidente cada vez mais. De todas as escolas até hoje creadas têm-nos ficado especimens admiraveis de obras d'arte, e se uma escola não corresponde já aos apellos do momento, não é razão para que a ridicularizemos e neguemos a sua opportunidade e os seus fructos na época em que floresceu.

Digamos: E' uma obra de valor, porque soube interpretar a vida, porque soube tocar nas chagas vivas desta hora e porque commove. E mais ainda: é uma obra de valor pela harmonia da phrase, pela precisão do vocabulo, pela correcção do estylo,

pelo brilhantismo das imagens, pela verdade dos quadros. E tudo isto é *Mocidade morta*. As primeiras paginas são fatigantes. A gente se aborrece na companhia de creaturas tão incompletas e fracas, tão despidas de sympathia, como esses bohemios impotentes, que formam toda uma geração de artistas. O pessimismo cruel do autor não nos dá a compensação de pairar o pensamento num individuo são, e é um milagre que Camillo, um predestinado á tisica, nos saia um sujeito honesto e talentoso. Mas que honestidade vulgar e que talento imperfeito, quasi improductivo!

Isso, porém, não é um defeito. E' a visão das cousas que impõe ao autor essa interpretação do meio.

O typo de Camillo é estudado com um vigor e uma precisão de traços admiraveis. Elle vae aos poucos surgindo de entre os companheiros como um caracter terso e uma individualidade a parte. Tem-se essa sensação que não foi o autor que o formou assim, mas que a força dos acontecimentos é que o foi destacando dos mais. E não é essa ficção um grande mérito no romance? Primeiro é o seu ardor juvenil na luta contra os oppressores. O dogmatismo dos consagrados revolta-o e fal-o chefe de um movimento de insurreição, que vai desde a troça selvagem, em pu-

blico, até á tentativa de uma reacção impossivel, em que se procurava competir com as mesmas armas com os que eram donos de todos os favores e de todas as apotheoses, reacção impossivel, já por falta de meios pecuniarios, já, o que é bem mais triste, por carencia de talento e de mérito. Turbulentos, beberrões, vagabundos, estereis e viciosos, reuniam-se nos cafés diariamente, renovando sem cessar os planos de campanha, que abortavam sempre pela inopia de recursos de toda a ordem. Um acaba louco, com o seu quadro sempre recusado, que elle trazia constantemente enrolado debaixo do braço, exposto ás chufas dos companheiros e á violencia da garotagem, que chegou a espancal-o em plena rua do Ouvidor; outro — no hospital, devorado pelo alcool, e ahi Gonzaga Duque escreveu talvez as melhores paginas do seu livro; outro ainda, muito voluvel e sem caracter energico, transigente e astuto, consegue ir á Europa estudar; Camillo mesmo fica arrastando a sua existencia penosa e esteril, devorado de impaciencias e de sonhos. Os mais se dispersam pelo mundo, desilludidos, transformando as suas revoltas em submissões lucrativas ou procurando fóra de preoccupações de arte o seu rumo.

Henriette, a loureira deliciosa e inconsciente, é apanhada na flagrante realidade. A sua psychologia é feita com muita arte e verosimilhança. Quando

ella apparece em acção, é como um raio de sol brando e vivificante que aquece e illumina. Por mais viciosa e ingrata que seja, o autor conseguiu fazer della uma sympathia idéal, um encanto seductor, mulher com as ternuras e as delicadezas das virgens e com os calculos interesseiros, as predilecções sexuaes das meretrizes.

Gonzaga Duque é um romancista muito completado. Tem o segredo dos detalhes e das evocações interessantes nos momentos precisos. Conduz a acção com grande naturalidade e é farto de observações finas e de phrases justissimas, de uma formosura rara.

A sua psychologia é aguda e perscrutante. Desvenda com muita intuição os moveis secretos de acções, na apparencia sem significação, e vae buscar muitas vezes essas explicações em causas involuntarias, adormecidas no fundo das almas, ou vindas de remotos ancestraes.

O que não se comprehende é que artista de tanta fidalguia tenha transigido com a voracidade do editor, a ponto de lhe vender a propriedade do seu livro, para que fosse vestido com uma roupagem tão indigna.

Um livro de arte que vai fazer numero na série *côr de rosa* da casa editora, *côr de rosa* sobre papel de

embrulho, borrado a tintas grossas, com letreiros de côres variegadas!

Ha umas paginas deliciosas na *Mocidade morta*, deliciosas pela *verve* colorida e erudita, pela verdade de conceitos. São essas em que Camillo discute com o dr. Heraclito e proclama a necessidade da *onosarchia*, isto é, a autoridade do Burro: «Elle é como uma serra granitica que contivesse por um flanco a floresta, e por outro o mar, impedindo que as duas forças se encontrassem. Elle é o medianeiro, o meio termo, o obstaculo que não cede para avante, nem recúa; é em summa, a Mediocridade, sem explosões, sem vibrações, sem idéaes... O Burro, na sua compleição utilitaria. O Burro, que não tem contracções de alegria nem expressões de dôr, que se não excede da marcha costumaria, que se não despenha dos alcantis, nem tropeça no estreito trilho das cabras .. Não é um ente imaginario; é uma verdade...»

E por ahi vai, de uma mordacidade feroz. Pois bem; dir-se-ia que Gonzaga Duque quiz de antemão vingar-se do editor que iria prejudicar o seu livro, vestindo-o de uns trapos hediondos, como em pleno carnaval.

Em summa, o livro de Gonzaga Duque é um optimo livro. Nem é preciso que esse artista seja comparado a Flaubert ou aos Goncourts ou a quaesquer principes literarios. Creio fazer-lhe mais justiça dizendo que elle se parece comsigo mesmo.

SILVEIRA NETTO

LUAR DE HINVERNO—Versos—1900

E' phenomeno de facil observação o incremento de uma literatura morbida, sem preceitos, com um ideal indefinido e incomprehensivel para a maioria, que se vae alastrando na geração literaria que surge.

Em prosa e verso esses neophytos, disciplinados e arregimentados, vão procurando impor-se, falando uma linguagem desconhecida, nova, que, ora é uma reminiscencia de leituras mal digeridas, ora um simples exercicio de estylographia difficil, arrebicada, arrepanhada, tocada de tons estranhos, salpicada de phrases imprevistas, nem sempre crystallinas, pois correspondem a sentimentos e idéas nebulosas e imprecisas.

D'antes a campanha era feita nas celebres revistas de Arte, mostrengos de pello hirsuto, especie de *rebus* complicados, prosa cabalistica de iniciados, que

se apostavam em quebrar as cabeças dos ingenuos que a pretendessem destrinçar.

Agora penderam esses cultores da fórma torturada para o livro. Cada mez assignala o registo da publicidade alguns desses filhotes precoces de imaginações exaltadas e, como a confraria não é pequena, cada pimpolho é ricamente recebido na imprensa com artigos muito recamados de pedrarias de estylo e de zumbaias pyrotechnicas.

Usamos nós, os brazileiros, de duas linguas bem differentes: uma, em que se dizem estas abominaveis banalidades que por aqui vão, procurando exprimir um pensamento; outra, transcendente como uma integral, que se preoccupa justamente em fazer o burguez empalidecer de vergonha e despeito, por não poder de maneira alguma decifrar as formosas coisas que passam sob os seus olhares attonitos, tão impenetraveis como logogriphos.

Por certo que a raridade da phrase e a finura do dizer contribuem para dar lustre á prosa chilra dos escrevedores; mas é preciso que essa raridade e essa finura não se exaltem até ao ponto de zombar do cerebro futil dos pobres de espirito que se habituaram a exprimir o pensamento com uma determinada reunião de sons.

Bem sei que estou perpetrando detestaveis blasphemias. Ha desgraçados por esta vida, que se dão ao

alto desplante de profanar a Arte desses senhores, como se no mundo houvesse mais alguma coisa, além della.

Vem a pello citar uma pagina do vetusto Brunetière, venerando moralista e conselheiro literario que tem, aqui e ali, as suas boas tiradas :

« Não digo que se rejeitem por isso os louvores e a admiração. « O dinheiro sempre tem bom cheiro », dizia certo imperador, e os nossos ARTISTAS pensam que, de qualquer lado que venha, a admiração é sempre digna de ser aceita e guardada, sendo possivel. Apenas no meio deste concerto de elogios, se algum desencontro se manifesta entre o artista e o publico—o seu publico !— é sempre o publico que se engana ; e, façamos esta justiça aos nossos artistas, elles creem que é um dever de honra aggravar esse desencontro. Ah ! censuram-nos a rudeza da nossa maneira ! Pois bem ! seremos mais rudes ainda e havemos de erigir a nossa propria impassibilidade em principio de Arte. Ah ! pedem-nos, reclamam-nos emoção e piedade ! Pois bem ! ficaremos entrincheirados na nossa indifferença e na nossa frieza ! Que nos importam a nós as miserias da humanidade ! « O rebanho é sempre odioso. » Somos os mandarins, diante de quem é preciso que se inclinem. A outros as preoccupações de justiça e caridade ! A nós compete fazer Arte, isto é, macerar cores e harmonizar

phrases! Tomamos nota das sensações e nol-as proporcionamos artificiaes, para registal-as. Fazemos «escripta artistica» e se não nos admirarem, tanto peior para os nossos contemporaneos, mas tanto melhor para nós, porque quem não nos comprehende está julgado por si. A incomprehensibilidade das nossas invenções é para nós justamente uma prova da nossa superioridade. Gostamos que nos não entendam.

«E é assim que se engolpham nessa orgulhosa satisfação de si mesmos. E isso nada valeria se apenas se tratasse do monopolio da attenção por uma pandilha. Mas o que eu detesto nesses paradoxos —sem já falar que elles interceptam a communicação da Arte com a vida—é o que elles têm de eminentemente e insolentemente aristocratico. Um pouco de indulgencia, oh! grandes artistas, e permitti-nos ser homens! Sim, permitti-nos crer que ha alguma cousa de tão importante ou de mais importante no mundo do que macerar cores ou harmonizar phrazes! Não imagineis que nós somos feitos para vós, e que desde seis mil annos a humanidade não tenha trabalhado, não tenha soffrido, senão para estabelecer o vosso mandarinato.» (*L'Art et la Morale.*)

Sim, meus senhores, a vossa arte é preciosa e respeitavel; mas não exagereis tanto o vosso zelo por ella, deixai-a ser um pouco mais humana e concedei a nós - o odioso rebanho —o direito de não nos extasiar

e babar de gozo, ao lel-a e esse outro direito mais legitimo de querer comprehendel-a, para que não se diga que é a vossa impotencia que vos leva a fazel-a tão enigmatica e a desprezar a nossa collaboração nos applausos que vos prodigalizaes com tanta largueza. E' muito caracteristica a vossa implacavel ogerisa aos que escrevem á moda dos nossos avós, obcecados pelo infame desejo de ser entendidos. Um pouco de benevolencia, mestres amados!

Mas agora é que vou percebendo a minha imprudencia Levado por uma these geral, póde parecer que pretendo applicar a Silveira Netto, o autor do *Luar de hinverno*, os conceitos e as expressões destas linhas. Não poderia ser mais injusto. Este vê-se que é um sincero, mas, não sendo um exclusivista, é comtudo um extraviado Não póde rehabilital-o o elogio feito ao seu livro por Nestor Victor, apezar do seu talento e da sua boa vontade. E' impossivel evitar a monotonia de um poema de dôr que se espraia por cento e oitenta paginas de versos, propositalmente rebeldes ás regras metricas.

Convenhamos no seguinte: ha duas maneiras de se tratar com arte e talento uma lingua: escrevel-a em prosa— escrevel-a em verso. Para quem não se quer sujeitar ás peias exigentes da metrificação e do rythmo, a prosa abre o seu seio fecundo e hospitaleiro, amplo em emotividades: mas se se decidem a

versejar, sejam coherentes, vistam o verso de todas as galas e dos rendilhados a qua elle tem direito.

Silveira Netto é muito irmão de Antonio Nobre. A musa choramingas e tediosa do poeta portuguez influiu consideravelmente no espirito de alguns brasileiros. Acharam estes que não havia na vida coisa mais util que dizer as plangencias infinitas das suas almas soffredoras, exacerbando e exagerando as suas magoas, creando-as, quando ellas não existem. Mas ninguem se interessa absolutamente por essas desventuras pessoaes. O poeta deve empolgar o leitor, dando-lhe motivos geraes de emoção e não atirando-lhe à cara com as dolencias mais ou menos imaginarias do seu coração inquieto e eternamente desventurado

No *Luar de hinverno* aggrava-se o mal pela obscuridade tenebrosa que reina em todo elle. O autor não sabe exprimir o que sente; as expressões faltam-lhe; ha uma angustia na sua fórma, que se parece com essa ancia dos que sentem difficuldade em falar e que procuram, gaguejando, as palavras.

No seu elogio Nestor Victor previne:

«Não leiais, porém, uma vez apenas quer essa *Missa negra*, quer o *Psalterio de astros*.» Meu Deus! mas por que essa treva, se lidamos com uma lingua tão clara e tão rica! Mas, apezar dessas faltas, como o talento do poeta jorra de vez em quando por uma fresta inesperada! Quando elle é realmente sincero,

quando a solemne commoção parte do mais fundo da sua alma de homem, dá-nos elle esse magnifico soneto á filhinha morta.

Nestor Victor nota e salienta com insistencia a «tetrica visão» desse poeta. Ella cobre a sua alma como um escuro veu de viuvez perpetua. Não ha em todo o livro uma restea de luz. Um funebre luar de inverno deixa, de facto, cair sobre elle o seu empalidecido clarão e o seu ennoitado desconsolo.

Formoso é o panegyrico feito pelo autor dos *Signos*; mas não nos deixa a mesma impressão que, por exemplo, o caloroso elogio feito a Sir Richardson por um enthusiasta e appenso ás suas admiraveis cartas inglezas. E' que Nestor Victor foi o amigo que fechou os olhos para não ver defeitos; por isso o seu elogio é essencialmente um elogio, porque assim entendeu fazel-o, mas não que não achasse motivos de restricção ao seu juizo.

Elle como que compara Silveira Netto a Cruz Souza e o classifica após elle. Infeliz approximação! Cruz e Souza representa alguma cousa mais do que um ser dolorido, um martyrizado subjectivo. Elle foi individualmente uma grande chaga sangrando, vivendo exclusivamente da sua dôr e para a sua dôr. No poeta negro não sabemos nós que atavismos influiram; mas é certo que um desiquilibrio radical o trouxe aos fortes empuxões, através a vida, que lhe foi

sempre uma galeria estreita e suffocante, toda recta, sem ramificações, e ao fim da qual a Morte o esperava, paciente e inflexivel. Os seus poemas foram secreções tão espontaneas e necessarias como as das glandulas lacrimaes. Elle foi o grande orthodoxo, semente perdida nesta terra de amadores, de um tão grande exotismo, que dava a idéa de uma monstruosa parasita negra.

Em ultima analyse, o que Nestor Victor fez no seu elogio foi uma magnifica fantasia literaria, rebuscando nos versos do autor do *Luar de hinverno* interpretações arbitrarias e desvendando uma psychologia muito á feição do seu temperamento, mas que nada nos prova ser a mesma do espirito de Silveira Netto.

Elle termina o seu elogio com umas considerações serenas e sensatas sobre as imperfeições, os séstros e as anomalias do nosso meio, que é a melhor pagina da introducção, um dos trechos mais vibrantes e cheios de verdade que têm sahido da sua penna incansavel.

«Mas, julgo inevitavel, conclue elle, todo aquelle que tenha orgão sentimental desenvolvido e delicadeza de espirito assignalada, lendo demoradamente este livro, d'entre os versos barbaros, nobres e singulares do *Luar de hinverno*, como de uma bruma translucida, irá aos poucos vendo surgir o sympathico e digno vulto de um verdadeiro poeta, de certo bem

semelhante a esse que uma convivencia directa me-deu a felicidade de conhecer.»

Subscrevo o conceito. *Luar de hinverno* não será um excellente poema, mas o seu autor póde vir a ser um excellente poeta.

EÇA DE QUEIROZ

—

Este foi um artista que completou dignamente o cyclo da sua rotação. Passou pelas revoltas accesas do demolidor, feriu os melindres da Patria, menoscabou-lhe as crenças, achincalhou-lhe as tradições, numa esfusiante saraivada de sarcasmo e desdem, e quando sentiu a vida declinar-lhe, interrompeu a obra admiravel de pamphletario e construiu essa torre de bronze, onde encastellou a velha alma lusa, tal qual ella se nos apresenta, com as suas grandezas e as suas imperfeições—*A Illustre Casa de Ramires.*

Esta obra lapidar não foi recebida com grande agrado pelos que se tinham habituado ao Eça irreverente e blasphemador d'*A Reliquia* e d'*O Primo Basilio ;* entretanto, ella, por si só, salva e redime toda a longa oppressão da sua ironia cruel, derramada por muitos livros destruidores, em que foi vergastado o velho Portugal, pela sua impotencia, pela decadencia

da sua grandeza e pela sua ruina politica, economica e social. Eça, como artista, foi muito coherente, desde o seu primeiro instante de escriptor. A arte não tem patria nem fronteiras. Os motivos que elle encontrou para formar a sua obra eram tristes e mediocres; elle os engrandeceu com a sua fecundidade intellectual, illuminou-os com a sua poderosa verve de meridional; e os seus livros poderam assim representar a sua nação e o seu tempo, numa espantosa caricatura. Nem se lhe neguem, por isso, predicados de patriota. Elle o terá sido a seu modo; mas acima desta preoccupação poz a verdade da sua analyse e a interpretação das suas sensações. Viajando por paizes estrangeiros, comparou e observou; da comparação e da observação vieram-lhe as severidades de juizo e a contundencia de analyse.

Elle faz a tragedia do *Primo Basilio*, o drama d'*Os Maias* e a comedia grotesca d'*A Reliquia* com a mesma ironia vergastante de analysta enfastiado da época e do meio que lhe coube representar e de modo a situar-se superiormente a uma e outro, o que é um caracteristico do genio.

Não trouxe para a arte novos processos, não foi chefe de escola, não se abrazou na febre de ideaes novos, mas só de tratar a lingua com um amor e com uma intelligencia, em que nenhum outro escriptor portuguez ou brasileiro o egualou, só de crear nella

novos e imprevistos elementos de construcção, só de romper com ella horizontes não sabidos, e de descortinar amplas e deslumbrantes perspectivas, só de extrahir della fecundos e ineditos motivos de emoção, fez elle a sua silenciosa, a sua proficua, a sua formidavel revolução.

Lingua moderna entre as linguas latinas, a portugueza, a medida que se ia emancipando do castelhano, com que se fundiu em principio, foi se approximando, após a invasão dos Barbaros e o dominio dos Arabes, da fonte matriz, então cultivada com amor. E justamente esta approximação, de tão proveitosos resultados, deu-lhe essa truculencia de fórmas, essas asperezas syntacticas, que têm feito o desespero de innumeras gerações de escriptores. Ella foi a filha bem amada do idioma virgiliano, de que herdou vicios e qualidades, mais que qualquer outra. O castelhano cedo se fundiu com as algaravias de celtas, godos e arabes, deformado a cada elemento preponderante nelle introduzido. Assim os outros idiomas. Só o portuguez foi fiel á sua origem. Debalde na terra lusa outros povos predominaram e tentaram introduzir as suas fórmas linguisticas. O portuguez soube abroquelar-se e dessas incursões ficaram apenas vestigios em certos termos e em pouquissimas locuções.

Ao contrario das outras linguas latinas, esta não se degradou em dialectos distinctos e a sua unidade foi

elle tomou parte, conscientemente ou não. Eça, sem fundar escola, foi um naturalista confesso, mas um naturalista na sua accepção mais estreita, isto é, sectario dos processos radicaes da escola. Quando, porém, a sua independencia se fez, elle soube dar á sua obra uma generalidade relativa, dentro do seu meio. Assim fez-se um symbolista humano e accessivel, creando typos universaes, mas de alma humana e ao alcance das comprehensões vulgares. E' um perfeito e maravilhoso symbolo o do *Defunto*, como o é o do *Milhafre*, como são entidades symbolicas esses Ramires, evolução da alma e da civilisação portuguezas, cheios de uma vida tão poderosa, de uma tão empolgante suggestão, que para sempre se gravam no espirito do leitor, como creaturas vivas.

Esse D. Gonçalo, o Ramires contemporaneo, ao mesmo tempo poltrão e impetuoso, de alma honesta e de transigencias infames, é uma creação viva e forte. Elle exprime bem a ultima caracterisação de uma raça que deu senhores feudaes, guerreiros fortes como deuses, viajantes arrojados, descobridores e sabios e que hoje palpita na agonia de uma degenerescencia fatal, oscillando perpetuamente entre o espirito historico das grandezas preteritas e a inanição actual, toda cheia, comtudo, de uma nobreza ingenita, sem forças embora para fazel-a effectiva e continua.

Como um formidavel contraste elle crêa o perfil

truculento de D. Tructesindo de Ramires, o feroz senhor, de que Gonçalo escreve a historia num estylo antigo, paginas que se inscrutam dentro do livro moderno, produzindo um hybridismo peregrino e um effeito violento de evocação de um passado que não voltará mais, com o deperecimento de energias da actual civilisação.

Depois de ter caricaturado o Portugal decadente deste momento n'*O Crime do Padre Amaro*, n'*Os Maias*, n'*O primo Basilio*, n'*O Mandarim*, n'*A Reliquia*, depois de o ter cauterisado a fogo com *As Farpas*, elle apresenta em *Fradique Mendes* o ideal do typo que quizera representar nesse meio para elle abominavel; e como para justificar e esbater a crueldade da sua obra anterior, põe n'*A Illustre Casa de Ramires* o Portugal de hoje em face do Portugal de antanho e crêa esse D. Gonçalo, perfeito nas suas imperfeições, logico nos seus contrastes e nos seus desfallecimentos, natural e humano, cedendo ao principio aos impulsos do seu coração admiravel, depois ás solicitações dos seus interesses e das suas cobardias, sacrificando por uma ambição mesquinha a honra da familia e por-fim, conseguida a sua aspiração, inutilisando o fructo dos seus esforços e dos seus sacrificios, depois de ter verificado quão miseravel era a compensação que para elles tivera.

E, finalmente, n'*A cidade e as serras*, a sua der-

radeira obra posthuma, dá o supremo beijo de amor nessa Patria tão amada, que elle estremece com impetos tão intimos e de uma tão s-lvagem maneira. Ahi diz quanto ella é bôa e hospitaleira, quanta doçura ella encerra no seu coração, longe dos tumultos da apodrecida civilisação que tudo corrompe; quanta fecundidade ha no seu seio materno; e como ella merece ser adorada e ser respeitada. Este periodo de reconciliação é notavel e diz bem o que era a alma desse artista. Rusgas de amante cioso arredaram-no da sua bem amada; encastellado no seu orgulho, não houve ironias e despeitos e humilhações com que a não maltratasse. E essa mesma obsessão em magoar provava a intensidade do seu amor. Dia porém chegou, em que os rebeldes assomos ruiram, em que a forte soberba se abateu e elle finalmente se lhe atirou nos braços, com offego e ancia, procurando reparar os estragos feitos pela sua longa e obstinada guerra.

Toda a sua obra anterior é de punição e de sarcasmo; estes ultimos livros, porém, são feitos de piedade e, o que é mais triste, de desalento. Abandonar a patria e se refugiar na Africa, ou desertar da civilisação para se embrenhar nas serras, é sempre a mesma fórma de manifestar o seu desgosto pelas cousas que o cercam. Fradique desespera da Arte, Gonçalo da Patria, Jacintho da Civilisação, isto é, o artista, tendo olhado em torno de si, com o olhar perscrutador

do philosopho, comprehendeu a inanidade de todos os esforços, abateu-se ante a impossibilidade de um destino mais alto, para si e para a sua Patria, do que o que é a todos commum e então aproveitou o seu ultimo alento em amar, com um amor tanto mais vehemente quanto por longo tempo elle o teve recalcado bem no fundo do coração.

Esta foi a feição de artista de José Maria Eça de Queiroz, o codificador das formas literarias da lingua portugueza e o creador das novas fórmas que hão de ficar no seculo XX como o limite para que tenderão todos os artistas, tanto lusos, como brasileiros.

INDICE

	Pags.
A evolução literaria do Brasil.	
I—*Seculos XVI e XVII. As fontes. Nucleo pernambucano. Grupo bahiano. Gregorio de Mattos....*	3
II—*Seculo XVIII. Arcadias. Escola mineira. Epicos e lyricos*	19
III—*Seculo XIX. 1°—Mysticismo e classicismo*	36
2°—Romantismo	45
3°—Escriptores contemporaneos	64
Novos e velhos	101
Os ephemeros	111
Os triumphadores	119
Eunuchos	127
Almas escravas	135
Academia de letras	145
Com ajuda de Lafontaine	158
Alberto de Oliveira	165
Medeiros e Albuquerque	173
O dr. Valentim Magalhães	183
Adolpho Caminha	215
Cruz e Souza	235
Nestor Victor	245
Gonzaga Duque	269
Silveira Netto	277
Eça de Queiroz	287

OFFICINAS DO JORNAL DO BRASIL

362—1902

YC145233